

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO

ANTONIO PAULINO DOS SANTOS

PERCURSOS DE AUTORIA DE PROFESSORES NO ENSINO
TECNOLÓGICO

Manaus – AM

2017

ANTONIO PAULINO DOS SANTOS

PERCURSOS DE AUTORIA DE PROFESSORES NO ENSINO TECNOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico, sob orientação do Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.

Área de Concentração: Processos e Recursos para o Ensino Tecnológico.

Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico.

Manaus – AM

2017

Ficha Catalográfica
Layde Dayelle dos Santos Queiroz
CRB – 11/980

- S237p Santos, Antonio Paulino dos.
Percursos de autoria de professores no ensino tecnológico. / Antonio Paulino dos Santos. – Manaus: IFAM, 2017.
172 f.: il.; 30 cm .
Inclui apostila com Produto Educacional intitulado: (Per)curso de autoria: enxergando-se autor da própria história.
- Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, 2017.
Orientador: Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga.
1. Educação Tecnológica 2. Ensino I. Gonzaga, Amarildo Menezes (Orient.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.
CDD 371.33

ANTONIO PAULINO DOS SANTOS

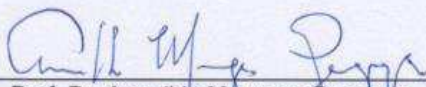
PERCURSOS DE AUTORIA DE PROFESSORES NO ENSINO TECNOLÓGICO

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino Tecnológico.

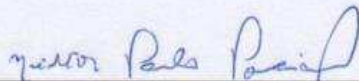
Linha de Pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico.

Aprovada em 12 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga – Orientador
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano – Membro Titular Interno
Instituto Federal do Amazonas (IFAM)



Profa. Dra. Irlane Maia de Oliveira – Membro Titular Externo
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Ao meu pai
Edival Ventura dos Santos
(in memoriam)
DEDICO

AGRADECIMENTOS

Um percurso de autoria consubstanciado nas peculiaridades da região Amazônica é impossível de ser realizado sem a congruência de forças que coadunem para um objetivo afim.

Dos personagens principais, coadjuvantes e até figurantes, que embarcaram nessa trajetória e possibilitaram um porto seguro ao constante navegar, agradeço imensamente:

- (i) A Deus, pelo dom da vida, autor e criador de todos os percursos. Que em sua infinita bondade, nos concede a opção de escolhermos por onde caminhar, porém, a responsabilidade de colher aquilo que plantarmos.
- (ii) À minha esposa Silvânia Ribeiro da Silva, que embarcou no meu Percurso de Autoria; me presenteou com o nosso curumim Tiago Ribeiro dos Santos e juntos navegamos rumo a novas e mais promissoras águas.
- (iii) À minha família (secundária), longe ou perto, sempre presentes: minha mãe Maria Paulino de Oliveira; meu pai Edival Ventura dos Santos (in memoriam); meus irmãos Rogério, Ronys, Elonísia e Hélia Paulino dos Santos e Erkus Diones Gomes dos Santos; sobrinhos/as, cunhados/as, tios/as, primos/as, sogro/a e outros.
- (iv) Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), quer seja pela oferta do Curso, quer seja pela concessão da minha liberação, com mudança de cidade, possibilitando a frequência ao curso. Meus sinceros agradecimentos ao Reitor Antônio Venâncio Castelo Branco, estendendo a todos os servidores desta magnífica Instituição.
- (v) À coordenação, professores e equipe administrativa do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico pela ingente dedicação a esse maravilhoso projeto, a quem saúdo em nome do meu Orientador (experiente timoneiro), prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga, com quem muitíssimo aprendi (para a vida) nos almoços, conversas, orientações. Estendendo tais agradecimentos aos colegas de curso, amigos que conquistei para a vida, especialmente João da Costa Cavalcante Filho e Bárbara Castro Lapa.
- (vi) Não poderia deixar de lembrar as importantes dicas (e incentivo) dos professores Mestres Fábio Teixeira Lima e Leandro Coutinho Alho e dos professores Doutores Alessandro Eleutério de Oliveira e Márcio Rodrigues Miranda.

- (vii) Aos inesquecíveis amigos que conquistei no percurso da vida e que estarão sempre presentes na minha canoa (e no meu coração): D. Joaquín Pertinez Fernandez, OAR; Frei Miguel Angel Peralta Soret, OAR; Rieli Franciscato (Frente de Contato do Rio Purus), Valter Calheiros de Souza (Inspetoria Salesiana); e a Francisco Alves Paulino (que máquina de datilografia abençoada!).
- (viii) A todos os autores que se dedicaram a escrever sobre Lábrea, a quem rendo minhas homenagens e de quem tento ser discípulo (Quanta honra!): José Valentim da Silva, D. Florentino Zabalza Iturri e Raimundo Eusébio de Andrade (in memoriam); Sebastião Antônio Ferrarini; Hélio Rocha; Elias Souza; Pedro Pires da Silva; Antônio Carlos Galvão da Silva e tantos outros e também àqueles que, a partir deste trabalho, registrarão seus percursos de autoria, visando a (re)significação de suas práticas e o necessário autoconhecimento existencial e profissional.
- (ix) A todos os meus:
- Professores (pela motivação): Lenilda Lopes Brito...
 - Chefes imediatos (pela inspiração): Irmã Eremita Brites Silva...
 - Companheiros de trabalho (e de luta): Valdecir Santos Nogueira...
 - Amigos (para toda a vida): Francisco Lopes de Oliveira...
 - Irmãos de Igreja (a serviço do Reino): Juciane Gomes Moisés...
 - Alunos (e incentivadores): Laís de Souza Melo...
 - Estagiários (com quem muito aprendo): Francisco Geraldo Paulino...
- (x) Enfim... A todos àqueles que, mesmo sem o meu conhecimento, colaboraram (in)diretamente para o registro dos meus percursos de autoria - incentivando, motivando e estimulando - para que eu viesse a trilhar os caminhos da Leitura e da Escrita, viabilizando a concretização deste trabalho e (re)memorado a vida dos povos tradicionais da região (indígenas, ribeirinhos, negros, todos nós!) que (sobre)vivem na dicotomia progresso x regresso às margens do Rio Purus, mas que aprenderam a (re)construírem a própria história e que jamais desistem do constante navegar da vida...

Persistência (...)

*Se não puder voar, corra.
Se não puder correr, ande.
Se não puder andar, rasteje,
mas continue em frente de qualquer jeito.*
(Martin Luther King)

Atitude (...)

*Mais amor, mais perdão,
Mais tempo, mais um algo a mais,
Menos lá-lá-lá-lá-lá.
Mais fervor, mais cor, mais luz,
Mais fé, mais Deus,
Menos blá-blá-blá-blá-blá.*
(Rosa de Saron)

Ressignificação (...)

*Fito e enxergo-me no espelho
Das águas em que naveguei
E não mais enxergo meu rosto
De quando no barco adentrei.*
(Amarildo Menezes Gonzaga)

RESUMO

Este trabalho tem caráter qualitativo e a intenção de investigar os episódios que são possíveis de serem narrados sobre percursos de autoria do pesquisador e de outros atores (professores do IFAM *campus* Lábrea) quando contam sobre suas histórias de professor, o que gera a necessidade de que aqueles narrem episódios sobre os percursos decorrentes de suas histórias de professor. Para atingir esse objetivo geral serão sistematizadas informações relacionadas ao período em que atuei como professor, evidenciando episódios marcantes durante o percurso de autoria, considerando as especificidades da minha cidade de origem e serão narrados e apresentados os percursos de autoria de professores que atuam no IFAM *campus* Lábrea. No primeiro momento, será realizada a devida revisão bibliográfica acerca de percursos de autoria. Em seguida, o pesquisador sistematizará seus episódios marcantes através de suas memórias, com documentos, fotografias, excertos de textos, dentre outros (narrativa autobiográfica). As narrativas dos demais sujeitos serão obtidas a partir de rodas de conversa gravada, sendo os textos transcritos e realizados pontos e contrapontos entre os percursos do pesquisador e dos demais sujeitos, evidenciando as devidas análises de discurso, o que poderá além de gerar documentação para o IFAM *campus* Lábrea; a ressignificação das práticas pedagógicas dos professores e subsidiará uma proposta de curso de curta duração como produto da dissertação, o que permitirá que professores do Ensino Tecnológico e leitores em geral, enxerguem-se autores de suas próprias histórias.

Palavras-chave: (Auto)Formação de Professores. Ensino Tecnológico. Percursos de Autoria.

ABSTRACT

This work has a qualitative character and the intention to investigate the episodes that are possible to be narrated about the authorship of the researcher and other actors (teachers of IFAM *campus* Lábrea) when they tell about their teacher stories, which generates the need for those to narrate episodes about the paths derived from their teacher stories. In order to achieve this general objective, information related to the period in which I acted as a teacher will be systematized, highlighting important episodes during the course of authorship, considering the specificities of my home city, and will be narrated and presented the authorship courses of professors who work at IFAM *campus* Lábrea. At the first moment, a proper bibliographic review will be carried out on authorship paths. Then the researcher will systematize his remarkable episodes through his memoirs, with documents, photographs, excerpts of texts, among others (autobiographical narrative). The narratives of the other subjects will be obtained from recorded conversation wheels, the texts being transcribed and made points and counterpoints between the paths of the researcher and the other subjects, evidencing the proper discourse analysis, which may, in addition to generating documentation for the subject IFAM *campus* Lábrea; the re-signification of the pedagogical practices of teachers and subsidize a proposal of a short course with a dissertation product, which will allow teachers of Technological Teaching and readers in general to see authors of their own stories.

Keywords: Authorship Paths. Teacher Self-training. Technology Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Vista do Porto principal de Lábrea, a partir do Rio Purus.....	21
Figura 2. Localização geográfica do município de Lábrea – AM.....	23
Figura 3. A imensidão do Rio Purus: da navegabilidade à subsistência do ribeirão.....	25
Figura 4. Meu pai, minha mãe e eu.....	29
Figura 5. Folha de pagamento dos Professores Rurais de Lábrea. Jan a Abr/1983. Meu pai é o professor nº 16 da planilha.....	31
Figura 6. A imensidão do Purus e seu constante caminhar, independente das circunstâncias.....	34
Figura 7. Minha Ficha de Matrícula na Escola Santo Agostinho.....	36
Figura 8. Verso da ficha de matrícula na Escola Santo Agostinho.....	37
Figura 9. Dedicatória em um dos prêmios conquistados	39
Figura 10. As duas turmas finalistas da Escola Santo Agostinho.....	40
Figura 11. O declínio da Borracha, texto de 1992, 5ª série. História do Amazonas.....	41
Figura 12. Triste Realidade, texto de 1993, 6ª série. Educação Artística.....	41
Figura 13. A missão do Cristão, texto de 1994, 7ª série. Ensino Religioso.....	42
Figura 14. Comunicação, texto de 1995, 8ª série. Língua Portuguesa.....	43
Figura 15. Premiação de melhor média dos formandos (1ª a 8ª série).....	44
Figura 16. Escola Estadual professora Balbina Mestrinho.....	45
Figura 17. Encontro das águas do Rio Purus com o Rio Ituxi (afluente).....	46
Figura 18. Observações da professora quanto à nossa apresentação.....	49
Figura 19. Plano de aula executado como Regência de Classe.....	53
Figura 20. Organização para apresentação de peça teatral em sala de aula.....	54
Figura 21. Capa do livro produzido para a exposição literária, em 1998.....	55
Figura 22. Índice do livreto “Confidências”, de 1998.....	56
Figura 23. Cerimonial de formatura de conclusão do magistério.....	57
Figura 24. Corredor do Centro Esperança, com acesso ao prédio recém-construído.....	61
Figura 25. Durante as aulas de informática, no Centro Esperança.....	64
Figura 26. Equipe de Orientadores do Centro Esperança.....	65
Figura 27. Durante aulas de Informática e Datilografia.....	66
Figura 28. Confraternização em homenagem às mães.....	67
Figura 29. Apresentação teatral sobre a relação pais e filhos.....	69
Figura 30. O adolescente Deuzemir Alves Guimarães, foi o primeiro a obter a certificação de Digitador, no Centro Esperança.....	69

Figura 31. Deuzemir Alves Guimarães, em treinamento em Manais, já como Digitador da Secretaria Municipal de Saúde.....	70
Figura 32. Matéria publicada no <i>site</i> da Prelazia de Lábrea, acerca da comemoração dos 20 anos do Centro Esperança.....	73
Figura 33. Remanso no Rio Purus, próximo à sede do município.....	75
Figura 34. Na secretaria da Escola Municipal Francisca Gomes Mendes.....	76
Figura 35. Organização da I Mostra de Paineis da Escola Estadual Educandário Santa Rita, com homenagem à Ir. Glorinha (ex-diretora) e aos alunos destaques do ano.....	76
Figura 36. Acompanhamento realizado aos alunos responsáveis pelos registros de expedição de documentos, no Projeto Rede IFAM Social.....	79
Figura 37. Capa da coletânea “Do Coração da Selva”, objeto do Concurso Literário organizado por Carvalho e Lopes.....	81
Figura 38. Os obstáculos que surgem ao longo da caminhada do Rio Purus: troncos, galhos, balseiros.....	83
Figura 39. Classificação Geral do Vestibular para Licenciatura em Informática, em Itacoatiara 2004, acesso 2005.....	84
Figura 40. Defesa do trabalho de conclusão do Curso Técnico em Informática (CETAM).....	86
Figura 41. Apresentação do Seminário “Mídias na Educação”, na Escola Estadual professora Balbina Mestrinho.....	87
Figura 42. Tela de Registro de Frequência dos alunos no Sistema de Acompanhamento de Frequência Escolar (SISFreq), na Escola Estadual Educandário Santa Rita.....	89
Figura 43. Preparação para a Defesa do trabalho de conclusão da Especialização em Gestão Pública Municipal (UFAM/UAB).....	91
Figura 44. Foz do Rio Purus (Encontro com o Rio Solimões). Comumente chamado pelos moradores da região de “Boca do Purus”.....	93
Figura 45. Despedida da família, no aeroporto de Lábrea.....	95
Figura 46. Entrada principal do IFAM <i>campus</i> Manaus Centro, onde é ofertado o Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.....	96
Figura 47. Concentração para a Prova Oral (Entrevista), última etapa do certame, realizada em 07/12/2015.....	98
Figura 48. Registro da aula inaugural da Turma-2016 do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, realizada em 07/03/2016.....	99
Figura 49. Servidores do IFAM <i>campus</i> Lábrea.....	102
Figura 50. Fachada do IFAM <i>campus</i> Lábrea.....	106
Figura 51. Roda de Conversa com prof. Dr. Davi Avelino Leal, sobre o filme <i>Ágora</i> , na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica.....	108
Figura 52. Conversa com um dos professores partícipes da Roda de Conversa e Assinatura dos Termos de Livre e Esclarecido e de Cessão do Uso de Imagem.....	123
Figura 53. Arte de divulgação da socialização da pesquisa.....	124

Figura 54. Divulgação do Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA2017), durante Socialização da Pesquisa.....	126
Figura 55. Visão geral dos participantes da Socialização da pesquisa, no IFAM <i>campus</i> Lábrea.....	127
Figura 56. Início da Roda de Conversa, com apresentação das “regras” e agradecimento pela participação na pesquisa.....	129
Figura 57. Explanação dos professores durante realização da Roda de Conversa.....	131
Figura 58. Edição dos vídeos da Roda de Conversa, assessorada por Cléver Meirelles Lopes...	132
Figura 59. Localização do IFAM <i>campus</i> Lábrea, a partir de imagens de satélite.....	144

LISTA DE ABREVIATURAS

ABC – Referência ao alfabeto português

AL – Estado de Alagoas

AM – Estado do Amazonas

Art. – Artigo

BR-319 – Rodovia Federal que “liga” o Amazonas (Manaus) a Rondônia (Porto Velho), que dá acesso a Lábrea, através da BR-230 (Transamazônica)

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CETAM – Centro de Educação Tecnológica do Estado do Amazonas

CLA – IFAM *campus* Lábrea

CONNEPI – Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação

CPI – Coordenação de Pesquisa e Inovação

CRA – Coordenação de Registros Acadêmicos

DOU – Diário Oficial da União

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal 8.069/1990)

EDUCACENSO – Sistema informatizado de levantamento de dados do Censo Escolar (Ministério da Educação)

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

Etc. – Et Cetera (equivale a “e outras coisas”)

FDD – Floppy Disk Drive (Unidade do Disquete)

FHC – Fernando Henrique Cardoso (Governo de)

GR – Gabinete do Reitor (IFAM)

HD – Hard Disk (Disco Rígido)

IEEE – Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônico

IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IFs – Institutos Federais

Km – Quilômetros

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394/1996)

LSD – Lysergsäurediethylamid (Dietilamida do Ácido Lisérgico, potente substância alucinógena)

MEC – Ministério da Educação

MEMO. – Memorando

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MPET – Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico

MS-DOS – MicroSoft Disk Operating System (Sistema Operacional em Disco, da Microsoft)

OAR – Ordem dos Agostinianos Recoletos

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica

PPA – Plano PluriAnual

PROFMat – Mestrado Profissional em Matemática em Rede

Prof1 – Professor 1

Prof2 – Professor 2

Prof3 – Professor 3

Prof4 – Professor 4

Prof5 – Professor 5

RAM – Random Access Memory (Memória de Acesso Randômico)

RESEX – Reserva Extrativista

RC – Roda de Conversa

s/d – Sem data conhecida

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade do Ensino (Amazonas)

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Lábrea)

SETA – Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas

SIGEAM – Sistema de Gestão Escolar do Estado do Amazonas

SISFREQ – Sistema de Frequência Escolar

TADS – Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas

TAE – Servidor Técnico-Administrativo em Educação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo Circunstanciado de Livre Esclarecido

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UIS – Empresa de Informática dos anos 1990

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Configurações dos computadores utilizados no Centro Esperança, em 1998.....	65
Tabela 2. Alguns dos escritos elaborados no período de 2000 a 2001, para apresentações diversas na cidade.....	77
Tabela 3. Descrição das atividades inerentes à Roda de Conversa.....	116
Tabela 4. Cronograma das Atividades integradoras da Oficina pedagógica e solicitações necessárias.....	120
Tabela 5. Professores partícipes da Roda de Conversa.....	122
Tabela 6. Roteiro utilizado no desenvolvimento e avaliação da Roda de Conversa.....	132
Tabela 7. Agradecimentos aos servidores e funcionários da instituição, colaboradores da pesquisa.....	133

SUMÁRIO

DESBRAVANDO OS CAMINHOS DA AUTORIA	17
1. PERCURSO INICIAL EM RIOS AMAZÔNICOS	21
1.1 A vida na zona rural de Lábrea e o incentivo do pai	27
1.2 A vida escolar e o despertar da paixão pela leitura e escrita.....	34
1.3 A vivência no curso de Magistério de 1ª a 4ª série	45
2. PARA ALÉM DO PERCURSO INICIAL	59
2.1 Minha atuação como professor de Informática no Centro Esperança	61
2.2 Meu percurso de autoria manifestado no serviço público	74
2.3 As experiências advindas com a Graduação e Pós-graduação	82
2.4 Autoria no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico	92
3. OUTROS PERCURSOS EM UM CONTEXTO: IFAM <i>campus</i> LÁBREA.....	102
3.1 A Roda de Conversa como Estratégia Metodológica	107
3.2 Executando a Roda de Conversa com professores do IFAM <i>campus</i> Lábrea	119
3.3 Narrativa do que contaram os professores acerca de seus percursos de autoria.....	135
3.4 Os pontos e contrapontos entre o percurso de autoria do pesquisador e dos professores ...	151
4. CONSIDERAÇÕES PARA UM NAVEGAR EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS	158
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

DESBRAVANDO OS CAMINHOS DA AUTORIA

A dedicação pelos estudos e a paixão pela leitura e pela escrita, desenvolvidas inicialmente na zona rural do município de Lábrea-AM, incentivadas por meu pai; a exigência e o comprometimento de meus professores da educação básica e superior; as diversas vivências e experiências adquiridas nas instituições em que atuei; o desejo de aperfeiçoar aspectos relacionados à pesquisa, viabilizando desenvolvimento pessoal e profissional e visibilidade à minha cidade de origem e a disseminação dessa trajetória a outros atores, me fizeram enfrentar todos os desafios interpostos e conquistar a possibilidade de cursar um Mestrado Profissional.

Mas era preciso compreender a sistemática do Mestrado Profissional que, para a CAPES¹, tem como objetivo “[...] a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos ou temáticas que atendam alguma demanda do mercado de trabalho”². No caso específico do IFAM, o Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico tem como objetivo:

Contribuir para a formação de pesquisadores para atuarem com investigações com focos temáticos no ensino técnico e tecnológico. (ii) Fortalecer grupos de estudo e pesquisa sobre o ensino técnico e tecnológico. (iii) Produzir conhecimentos técnico-científicos, a partir do desenvolvimento de pesquisas sobre o ensino técnico e tecnológico; (PROJETO DE REGIMENTO INTERNO, 2012, p. 3).

A partir desse entendimento, o desafio apresentado era a formalização do caminho a seguir na pesquisa, tendo em vista as peculiaridades da minha cidade de origem; da condição de servidor Técnico-administrativo e o consequente navegar “[...] nos estudos qualitativos, [nos quais] o próprio pesquisador se constitui no instrumento principal que, por meio da interação com a realidade, coleta dados sobre ela” (SANDÍN ESTEBAN, 2010, p. 129).

Foi definido, em parceria com o meu orientador, pesquisar meus percursos de autoria, enaltecendo minha trajetória acadêmica, especialmente no curso de Magistério de 1ª a 4ª série; minha experiência profissional, principalmente como

¹ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) tem como atribuições a avaliação da pós-graduação stricto sensu, acesso e divulgação da produção científica, investimentos na formação de especialistas de alto nível e promoção da cooperação científica internacional. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2011/02/capes>. Acesso em 24/02/2017.

² Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao/mestrado-profissional-o-que-e>. Acesso em 24/02/2017.

Instrutor de Informática e minhas vivências no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, tendo em vista que “[...] sempre que age, o sujeito age a partir de seu mundo, de sua história pessoal, de seus valores, limites, possibilidades. Sua ação é sempre carregada de história de motivos, razões” (MELO, 2013, p. 61), e assim, “[...] em passos firmes caminharei³” na pesquisa.

E, independente da contrariedade apresentada por alguns autores, comungamos do pensamento de Chizzotti (2006, p. 103) ao descrever que “[...] a subjetividade do autor é uma referência importante para identificar as preferências ideológicas, as concepções e práticas de um grupo social do qual o autor pode ser um representante típico”.

A partir das atitudes tomadas, decidi que o fenômeno a ser investigado seria a autoria, termo associado a estilo, subjetividade e singularidade na escrita; na qualidade de nossos textos, em consonância com a marca que deixamos nele, na nossa relação com o leitor e consequentemente com a nossa relação com o mundo. Sua importância vem sistematizada por Orlandi (1987, p. 78) quando estabelece os princípios de exigência do autor, no seguinte excerto:

Assim, do autor se exige: coerência; respeito aos padrões estabelecidos, tanto quanto à forma do discurso como às regras gramaticais; explicitação; clareza; conhecimento das regras textuais; originalidade; relevância e, entre outras coisas, “unidade”, “não contradição”. “progressão” e “duração” de seu discurso. É, entre outras coisas, nesse “jogo” que o aluno entra quando começa a escrever.

Isso posto, o problema da pesquisa consiste em investigar: Que episódios são possíveis de ser narrados sobre percursos de autoria do pesquisador e de outros atores quando contam sobre suas histórias de professor, em Lábrea, no IFAM? Narrar, portanto, episódios sobre processos de autoria do pesquisador e de outros atores (professores do IFAM *campus* Lábrea) decorrentes do que contam sobre suas histórias de professor, constituem o objetivo geral deste trabalho.

Para tanto, o uso das narrativas em investigações educativas, para Connelly e Clandinin (1995, p. 11), justifica-se porque

[...] os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é estudo da forma como nós, seres humanos, experimentamos o mundo. Dessa idéia geral se deriva a tese de que a educação é a construção e a re-construção de histórias pessoais e sociais: tanto os

³ Trecho extraído da canção: Me Marque na História, do CD Marcados pelo Amor, da Banda Anjos de Resgate.

professores como os alunos somos contadores de histórias e também personagens nas histórias dos demais e nas suas próprias.

Sobremaneira, a narrativa constitui espaço autobiográfico no qual, o autor:

[...] seleciona e analisa fatos, experiências, pessoas e estágios relevantes de sua vida, interpretando sua história pessoal, o contexto e as contingências do curso da própria vida, criando um texto no qual tem uma voz privilegiada, imprime uma tônica subjetiva aos fatos e pessoas, transita entre o real e o ficcional, inscreve-se, de modo claro ou latente, em uma realidade social e se constrói como uma individualidade histórica. (CHIZZOTTI, 2006, p. 103).

Destarte, o pretense texto, tende a estruturar-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, sistematizarei informações ao período em que o atuei como professor, evidenciando episódios marcantes durante o percurso de autoria, considerando as especificidades da minha cidade de origem: Lábrea, no Estado do Amazonas.

O capítulo I foi subdividido em três episódios em que abordarei: (i) A vida na zona rural e o incentivo do meu pai; (ii) A vida escolar e o despertar da paixão pela Leitura e Escrita e (iii) A vivência no curso de magistério de 1ª a 4ª série. O capítulo II, em quatro episódios: (i) Minha atuação como professor de Informática no Centro Esperança; (ii) Meu percurso de autoria manifestado no serviço público; (iii) As experiências advindas com a Graduação e Pós-graduação e (iv) Autoria no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.

Por todo o cenário tipicamente amazônico, envolvido na formalização destes dois primeiros capítulos; pela ingente experiência do meu timoneiro (orientador Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga) e pela importância vital do Rio Purus para o município de Lábrea, com relação aos aspectos de subsistência (mecanismo para alimentação e transporte) atribui ao capítulo I o título: PERCURSO INICIAL EM RIOS AMAZÔNICOS e ao capítulo II, PARA ALÉM DO PERCURSO INICIAL, pois farei uma analogia (no sentido de comparação) da minha caminhada em percursos de autoria (dos antecedentes da minha família ao ingresso no Mestrado) com o navegar do Purus (desde sua nascente, no Peru, até seu encontro com o Rio Solimões).

No capítulo III, narrarei os percursos de autoria de professores que atuam na instituição em que trabalho (IFAM *campus* Lábrea), evidenciando episódios de suas histórias de professor, principalmente quanto ao como se veem professores na

minha cidade/instituição, com o intuito de colaborar para a autoformação destes, cujo título é OUTROS PERCURSOS EM UM CONTEXTO: IFAM *CAMPUS* LÁBREA.

E, finalmente, o capítulo IV, CONSIDERAÇÕES PARA UM NAVEGAR EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS, trará uma síntese das discussões apresentadas no estudo, bem como sua incompletude e as necessidades de aprofundamento na temática, oportunidade na qual será realizado importante desdobramento relacionado à implementação do nosso produto de pesquisa, conforme regulamenta a Portaria Normativa nº 17⁴, de 28 de dezembro de 2009, propondo um (Per)curso de Autoria: Enxergando-se autor da própria história, a partir das experiências advindas com este trabalho e, que segue anexo à dissertação.

⁴ É a Portaria que dispõe sobre o Mestrado Profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), publicada no Diário Oficial da União nº 248, seção 1 – p. 20.

1. PERCURSO INICIAL EM RIOS AMAZÔNICOS⁵

*Tu vais te admirar na simplicidade do navegar
Mas apenas estou a narrar
Um singelo detalhe do nosso coração
São verdades reveladas de um santuário
Que somente serão vistas e sentidas com
as lágrimas da emoção. (MACHADO, 2013, p.7).*

Figura 1. Vista do Porto principal de Lábrea, a partir do Rio Purus.



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2014.

A vastidão do nosso bioma natural, a Amazônia, assim como vislumbrante e encantador, ainda é pouco conhecida pela população brasileira, inclusive por vezes lembrada apenas pelo exuberante verde das matas e, por conseguinte, pouco difundidos estudos relacionados à vida de suas populações (locais, indígenas, posseiros, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, etc) e divulgação de seus verdadeiros encantos: a biodiversidade (água, fármacos, essências, minérios, saberes ancestrais das populações), o que acarreta desconhecimento, degradação de suas riquezas e que nos desafia a encontrar soluções para a manutenção de rara beleza.

Nossa responsabilidade torna-se ingente quando nos deparamos com a citação do Ministério do Ambiente (2016) que diz que “[...] a Amazônia é quase mítica: um verde e vasto mundo de águas e florestas, onde as copas de árvores

⁵ As citações iniciais dos capítulos I e II deste trabalho, foram adaptadas da obra “Os sete segredos do Rio Amazonas: uma visão transpessoal”, de Tarcísio Machado, Manaus: Reggo Edições, 2013.

imensas escondem o úmido nascimento, reprodução e morte de mais de um terço das espécies que vivem sobre a Terra.”⁶

Uma peculiaridade da região é o atrelamento da vida do ribeirinho ao sobe-e-desce dos rios, em que a vida das comunidades, quanto à sobrevivência e subsistência, depende quase que exclusivamente dos rios que margeiam tais comunidades, o que corrobora com Souza (2011), prefaciando o *Álbum Purus* (de Gilton Santos, 2011), quando destaca que “[...] os rios tecem a sociedade humana na Amazônia”.

De maneira específica, as populações ribeirinhas são assim conceituadas por Neves (2008):

[...] os ribeirinhos da Amazônia são trabalhadores e trabalhadoras que residem nas proximidades dos rios e, que há muito caracterizam-se por ter como principal atividade de subsistência, a pesca. [...] São descendentes dos migrantes nordestinos que ocuparam a Amazônia na segunda metade do século XIX atraídos pela propaganda oficial para trabalharem na extração do látex. (NEVES, 2008, p. 1).

Morim (2014) é bem mais incisiva quando explica as dificuldades enfrentadas diariamente pelos povos da região porque

[...] as comunidades ribeirinhas convivem com o isolamento econômico e social, ficando à margem de uma série de políticas públicas e mecanismos de controle da qualidade de vida. A situação geográfica de muitas dessas comunidades é um dos principais fatores limitantes de acesso aos serviços básicos de saúde e educação. (MORIM, 2014).

Neste contexto, cidades foram surgindo às margens dos rios, conforme observamos nesse excerto de Euclides da Cunha, em *Contrastes e Confrontos* (2003), durante viagem realizada à região amazônica, no início do séc. XX:

[...] E por fim uma cidade, uma verdadeira cidade, Lábrea, repontou daquela forte convergência de energias trazendo desde o nascer um caráter destoante do de nossos povoados sertanejos - com o requinte progressista de uma imprensa de dois jornais, *O Purus* e *O Labrense*, e o luxo suntuário de um teatro concorrido, e colégios, e as ruas calçadas e alinhadas: a molécula integrante da civilização aparecendo, repentinamente, nas vastas solidões selvagens... [CUNHA, 2003].

Lábrea é um município amazonense localizado à margem direita do Rio Purus, ao sul do Estado do Amazonas, que tem o labrense como gentílico e cuja

⁶ Ministério do Meio Ambiente – MMA, Amazônia.
Disponível em <http://www.mma.gov.br/bioma/amaz%C3%B4nia>. Acesso em 16/03/2016.

história está intimamente ligada às missões da Igreja Católica na região Amazônica bem como à exploração da Seringueira (*Hevea Brasiliensis*), visando a extração do látex para posterior fabricação da borracha, uma vez que era no Rio Purus – especificamente na região do município – onde se concentrava parte significativa dos seringais.

A afirmação ganha notoriedade quando observamos o exposto pelo professor Antônio Carlos Galvão da Silva (2012, p. 13) ao enaltecer que

[...] o surgimento da cidade de Lábrea está estritamente relacionado ao início da movimentação do primeiro ciclo da borracha. O rio Purus e seus afluentes detinham uma área de grande concentração de árvores de seringueira, que levaram à formação de grandes seringais [...].

No hino oficial de Lábrea, o professor Francisco Sebastião de Souza e o poeta e escritor Raimundo Eusébio de Andrade (1990), já asseveravam a relação entre as “riquezas” advindas com a extração do látex e a dores impregnadas pela exploração da mão-de-obra local.

[...] Na bravura dos antepassados / conhecemos a glória e a riqueza / pois a selva era o lar conhecido / e não temiam a própria natureza. / Descobrindo o famoso ouro branco / Foram assim os nossos precursores / Nos tempos áureos da borracha / Num gemido de canto e de dores [...] [SOUZA; ANDRADE, 1990].

Figura 2. Localização geográfica do município de Lábrea – AM.



Fonte: <https://goo.gl/JPnsQX>.

Para o escritor e historiador labrense Pedro Pires da Silva (2010), oficialmente,

[...] O município de Lábrea foi criado pelo Governo Provincial em 14 de maio de 1881. A unidade político-administrativa instalada em 07 de março de 1886 [data em que se comemora o aniversário da cidade] e a Vila de Lábrea, sede do município, foi elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1894, conforme Lei Estadual nº 97. (SILVA, 2010, p. 158).

O rio que margeia a cidade de Lábrea é o Rio Purus - que nasce no Peru, atravessa os estados do Acre e Amazonas e segue até o município de Beruri (AM) onde está a sua foz, oportunidade na qual deságua no Rio Solimões, daí para o mar, alcançando o mundo.

O poema “Ele é Nosso”, de autoria de Dom Florentino Zabalza Iturry, Bispo de Lábrea (1971 a 1994), citado por Ferrarini (1981, p. 96-97), descreve com propriedade o Rio Purus e sua importância vital para nossa região.

[...] O mais sinuoso do mundo, o terceiro maior dos afluentes do mais poderoso dos rios [Amazonas], pelo seu comprimento. E pelo seu comprimento também, um dos dez maiores do globo, é nosso.

É nosso, porque ainda nascendo em terras estrangeiras [Peru] e percorrendo outras regiões do nosso Brasil, a maior parte do seu ininterrupto viajar, o realiza dentro dos limites da nossa Prelazia⁷.

É nosso porque é o cordão umbilical que nos une com o resto do mundo. Todos os outros nos levam a ele, e ele ao Amazonas, ao mar, ao mundo afora.

É nosso porque é a coluna vertebral em torno à qual se desenvolve em todos os seus aspectos, a vida da região.

É nosso. Tudo o que nos sobra vai por ele ao exterior e tudo o que de fora precisamos, por ele chega até nós.

É nosso. Nas suas férteis praias que ele próprio adubou com matérias vegetais, quando após as grandes enchentes, retorna a tomar seu curso ordinário, nascem, crescem, frutificam a mandioca, o milho, o feijão, o arroz, produtos básicos da nossa alimentação.

[...]

É nosso. E o nome de Lábrea nunca poderá pronunciar-se separado do seu nome. Tão identificados estão! Mutuamente se completam.

É nosso. Celeiro e caminho; testemunha e companheiro; sinuoso e comprido; calmo e silencioso; profundo e generoso; ainda que barrento e monótono, ELE é o PURUS, ELE é NOSSO. (FERRARINI, 1981, p. 96-97).

⁷ Jurisdição da Igreja Católica, criada no dia 1º de maio de 1925, pelo Papa Pio XI, confiada, pela Santa Sé, aos cuidados da Ordem dos Agostinianos Recoletos. Possui uma área de mais de 230.000 km² e abrange os municípios de Pauini, Lábrea, Canutama e Tapauá, no Amazonas.

Figura 3. A imensidão do Rio Purus: da navegabilidade à subsistência do ribeirão.



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2014.

Sou Antonio Paulino dos Santos, meu percurso de autoria, está associado ao caminho do Rio Purus, desde sua nascente (no Peru), até a sua foz (no Solimões) aos principais episódios de minha trajetória enquanto autor e/ou pesquisador.

É importante, entretanto, tecer comentários acerca do processo de autoria, que, segundo Borges e Moreira (2004):

Essa etapa (em que o sujeito sai da posição de enunciador para se transformar em autor) é por demais importante porque é o momento em que se deve despertar no aprendiz a consciência do simbólico, fazendo com que essa produção não seja apenas um aglomerado de frases descontextualizadas, mas uma manifestação discursiva na qual as marcas de autoria não seja amplamente estabelecidas e onde se possa compreender as condições de produção e o processo em que se dá ascensão por parte do sujeito, de seu papel de autor. Tal ascensão implica numa inserção do sujeito numa pressuposta realidade, em que o mesmo possa captar as manifestações culturais e os elementos que se fundem em sua própria construção, instaurando uma posição de responsabilidade no contexto histórico e social e se colocando na origem do seu dizer. (BORGES; MOREIRA, 2004, p. 460).

Para tanto, nesse capítulo sistematizarei informações referentes ao período em que narro sobre minha condição de autor, quando atuei como professor, considerando as especificidades da minha cidade de origem (Lábrea-AM), abordando um enxergar-se como autor.

Isto posto, preciso questionar, preliminarmente: afinal, o que leva um rio a nascer? Qual seu objetivo? São várias as circunstâncias que me levaram a responder tal questionamento, o que posso antecipar é que vários fatores permitem seu surgimento.

Fujita (2009) apresenta que “na maioria das vezes, a “gestação” de um rio começa com as chuvas em regiões montanhosas. As águas podem correr pela superfície ou infiltrar-se no solo. Outra possibilidade é ele nascer após o degelo da neve do cume de montanhas”⁸.

Porém, o que não se pode negar é que, após sua existência, ele tem sempre um ideal, um sonho, um objetivo, uma meta em sua vida... O que em geral corresponde a chegar ao mar, e que necessariamente o obriga a trilhar um caminho, um percurso, um navegar. “Seja como for, vencidos os obstáculos, o rio finalmente desemboca no mar”. (ibidem)

Com o sinuoso rio Purus, que margeia o município de Lábrea, não é diferente – ele surge em terras peruanas e após percorrer milhares de quilômetros, dando trânsito em qualquer situação, convivendo com diferenças, movimentando-se sempre apesar das intempéries, revendo erros e acertos a partir de uma reflexão íntima, atravessando as dificuldades naturais e aquelas causadas pelo próprio homem, chega enfim ao Rio Solimões, integralizando forças a esse majestoso rio, colaborando para que o mesmo alcance o mar.

Por analogia, passei por semelhante processo, ao compreender que todo o caminhar, que toda a trajetória profissional e acadêmica colaboraram (e colaboram) para a consecução de minha vida enquanto autor e pesquisador, e que se faz mister entender todo o percurso de autoria para disseminar novos saberes, e permitir que outros atores percebam a importância da compreensão de seus percursos, viabilizando em outrem a constituição de crescimento pessoal e profissional.

Sou oriundo de uma família da zona rural do município de Lábrea, sempre lutei pela subsistência e ao mesmo tempo, com o anseio de uma vida na cidade, a partir do sonho do meu pai, de que os filhos viessem a estudar e conseqüentemente ter um futuro promissor, independente das dificuldades interpostas pela vida interiorana, o que será desmistificado na primeira seção deste capítulo.

⁸ Como nasce um rio?

Disponível em: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/ambiente/conteudo_431416.shtml. Acesso em 25/02/2017.

1.1 A vida na zona rural de Lábrea e o incentivo do pai

O ideal fará emergir de dentro de você forças que ainda desconhece, como se fosse uma chama acessa que jamais se apaga, nem mesmo nas tempestades mais fortes da vida. Essa chama clareará seus passos e fará o seu pensamento ver o futuro, ou seja, o que você deseja realizar já está a caminho e verdadeiramente acontecerá.
(MACHADO, 2013, p. 31).

É preciso compreender o que é a vida no interior da floresta e entender todas as dificuldades impostas para a sobrevivência na zona rural sem o mínimo necessário, o que obrigatoriamente perpassa pela importância (ou não) da borracha para o (sub)desenvolvimento do município de Lábrea.

A região do município de Lábrea ficou nacional e mundialmente conhecida a partir da exploração da famosa Seringueira (*Hevea brasiliensis*), árvore nativa da qual se extraía o látex para a produção de borracha e posterior fabricação de pneumáticos e outros, “[...] o que atraiu uma série de pessoas para a região, principalmente o nordestino, fugindo da seca e trabalhando ininterruptamente para, involuntariamente, satisfazer os apelos da Europa e Estados Unidos” (TOCANTINS, 1982).

Importante ressaltar que, à época (final do séc. XIX e início do séc. XX), a maior caracterização da Amazônia se deu com o extrativismo da borracha. Era a nossa única atividade econômica, cuja atuação se dava nos seringais, a partir da exploração da mão-de-obra da principal personalidade e “escravo” do sistema, o seringueiro.

Para exemplificar, “[...] o seringal, [era o] núcleo de onde partia toda a seiva que o vivificava, passou, assim a construir a expressão mais perfeita para a caracterização da Amazônia” (ARTHUR CÉSAR FERREIRA REIS), cujo principal expoente era o seringueiro, e dadas as desumanidades do trabalho exercido por esses trabalhadores era assim definido por Euclides da Cunha: “[...] o seringueiro é o homem que trabalha para escravizar-se”.

O poeta labrense José Valentim da Silva, no cordel “A Vida de Seringueiro” (1978) citado por Ferrarini (1981, p. 37-40), enfatiza a vida sofrida do seringueiro e sua vivência na selva em busca do látex, para manter os lucros de seus patrões:

Vou descrever uma história, / falando do seringueiro. Vejam o quanto sofre,
/ esse infeliz brasileiro, / que trabalha a vida inteira, / e não sai do cativeiro.

[...]

O pobre do seringueiro / levanta de madrugada; / cuida logo do café / em
uma lata amassada. Veste uma camisa suja, / e uma calça rasgada.

[...]

O patrão nunca tem nada, / para vender ao freguês; / de comida, só farinha;
/ de fazenda, só xadrez. Às vezes tem espoleta, / mas só pode arranjar três.

[...]

Pois é assim meus amigos / a vida do seringueiro; / eles vivem iludidos /
como porco em chiqueiro; / trabalham todos os dias, / e nunca ganham
dinheiro.

[...]

O patrão diz para ele / “vou fazer sua aviação, / mas vamos economizar, /
pra não passar de um milhão, / esse mês você só leva, / uma barra de
sabão”.

[...]

Ai ele vai pra casa, / e começa a reclamar, / dizendo “maldita a hora /
quando inventei de cortar. Se eu soubesse que era assim, / nunca tinha
vindo pra cá”. [...] [SILVA, J. apud FERRARINI, 1981, p. 37-40].

Foi nesse cenário amazônico, de muita exploração da mão-de-obra local, objetivando o favorecimento de grandes empresários de Manaus e Belém, além do exterior, que nasceu meu pai, Edival Ventura dos Santos, em 1953. Filho de uma negra, descendente de imigrantes cearenses, “trazidos” para trabalhar nos seringais; e de um grande seringalista da região do rio Purus. Um paradoxo: o rico seringalista engravida uma de suas negras e pobres empregadas (de cujo relacionamento nasce meu pai).

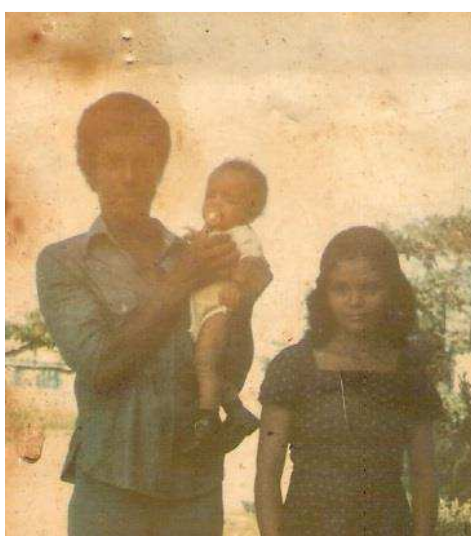
Abandonados à própria sorte nas barrancas do rio Purus, numa comunidade chamada Marrahã, não havia outra possibilidade senão atuar na agricultura, durante a infância e na extração do látex, na adolescência, a fim de ajudar a mãe e um dos tios (que os deu abrigo). A vivência com o trabalho braçal desde cedo e as constantes mudanças de localidades ao longo do Rio Purus permitiram a ele um apurado conhecimento da região para extração do látex e de produtos da floresta: andiroba, copaíba, castanha e outros, que também tinham comercialização (quase sempre tipo escambo⁹) junto aos regatões da Amazônia¹⁰.

⁹ Termo utilizado para designar a prática da troca de serviços ou mercadorias, método de pagamento caracterizado pela permuta e que substitui o uso do dinheiro.
Disponível em: <https://www.significados.com.br/escambo/>. Acesso em 18/12/2016.

¹⁰ É o pequeno comerciante que entra nos rios e igarapés com sua pequena embarcação carregada de miudezas, oferecendo esses produtos aos moradores dos rincões da região. Troca – mais que vende – produtos industrializados por espécies valiosas da floresta. Disponível em: <http://www.almanacre.com/2010/08/regatao-heroi-atipico-da-amazonia.html>. Acesso em 25/02/2017

Até os 22 anos de idade, essa foi a vida do jovem Edival: trabalho árduo; muitas comunidades; de diversão, só o futebol e os bailes nas comunidades circunvizinhas; e nos estudos, apenas os ensinamentos dos tios através das cartilhas do ABC, o que se resumia à escrita do nome, leituras, ditados e operações matemáticas básicas. Escola na zona rural de Lábrea era raridade: salvo exceções em algumas comunidades. “[...] A educação era precária, não existiam professores. (...) Eram os mais velhos que sabiam mais e ensinavam os mais novos a ler e escrever.” (ALEIXO, 2011, p. 22).

Figura 4: Meu pai, minha mãe e eu.



Fonte: Acervo Pessoal, 1979.

Em 1978, meu pai casa-se com Maria Paulino de Oliveira e, no ano seguinte (1979), nasci, na condição de primogênito do casal, na comunidade Praia do Cassianã. Com o casamento e o meu nascimento, a responsabilidade aumenta e a necessidade de trabalhar cada vez mais o fez, além de manter a extração do látex e a coleta de produtos da floresta, iniciar a extração de madeira de lei, para posterior venda às madeireiras existentes na cidade.

O trabalho excessivo não o fez desistir da cartilha do ABC e continuou os estudos, principalmente para desenvolver a matemática, o que auxiliava nas transações comerciais e de escambo com os regatões e com os proprietários das madeireiras de Lábrea, o que quase sempre era articulada com as “habilidades” destes para a obtenção de lucro excessivo, a partir da ingenuidade matemática dos ribeirinhos.

No início dos anos 80, surgiu a possibilidade dele [meu pai] substituir a professora Maria das Dores Paiva dos Santos, que lecionava na Praia do Maciary¹¹, para ministrar aulas de Português e Matemática, a doze adolescentes da localidade, no turno vespertino e a dez jovens e adultos, no turno noturno. A classe era multisseriada (da primeira à quarta série). O que o fez mais uma vez mudar de localidade. E o mais importante... Sempre em busca de melhorias para ele e para a família!

Dessa vez, a mudança consistia para atuar como professor rural substituto e ter um salário fixo mensal e como o Maciary era mais próximo à cidade, diminuiriam os gastos, por exemplo, para o transporte das madeiras em tora para as serrarias de Lábrea. Ou seja, além de atuar como professor e treinar as habilidades obtidas com os estudos individuais, ampliaria-se o lucro com a venda da madeira.

A escola era administrada pela Prefeitura Municipal de Lábrea e o ensino era orientado a partir do Movimento Brasileiro de Alfabetização, o MOBRAL¹² e consistia em uma casa sem divisórias, com um quadro negro rachado ao meio e uma grande mesa de madeira com dois bancos que abrigava doze alunos (seis em cada banco). Não possuía nome, pois foi uma das poucas implantadas pela Prefeitura, na zona rural, naquele ano.

Mesmo com pouco conhecimento de magistério, meu pai ajudou a alfabetizar vários alunos nos dois anos em que permaneceu como professor naquela comunidade, sendo que a maioria deles hoje reside na cidade, com os quais estive conversando e me contaram muitas das histórias vivenciadas.

¹¹ Partindo da cidade de Lábrea, o Maciary é a terceira praia “subindo” o rio Purus. É antecedida por Praia de Lábrea e Praia do Gado e precedida pelo Cassianã [onde eu nasci].

¹² Programa criado em 1970 pelo governo federal com objetivo de erradicar o analfabetismo do Brasil em dez anos. O Mobral propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando “conduzir a pessoa humana a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida”. O programa foi extinto em 1985 e substituído pelo Projeto Educar.

Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/mobral-movimento-brasileiro-de-alfabetizacao/>. Acesso em 03/01/2017.

Figura 5: Folha de Pagamento dos Professores Rurais de Lábrea. Jan. a Abr.1983.
Meu pai é o professor Nº 16 da planilha.

ESTADO DO AMAZONAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE LABREA

FOLHA DE PAGAMENTO das Professoras Rurais, referente ao mês de JAN/ABRIL de 1983.

CONSELHO DE CONTAS DOS MUNICÍPIOS
VISTO
COMISSÃO DE INSPEÇÃO

NOME	CARGO	VENCIMENTO	Desconto	RECIBO
01 Adriano Ventura de Melo	Professor	33.177,60		Adriano Ventura de Melo
02 Agatha Marinho Dias	"	33.177,60		Agatha Marinho Dias
03 Aldeira Faustino da Silva	"	33.177,60		Aldeira Faustino da Silva
04 Ana Maria Lopes da Silva	"	33.177,60		Ana Maria Lopes da Silva
05 Antonia Faustino da Silva	"	33.177,60		Antonia Faustino da Silva
06 Antonia Hilário de Paiva	"	33.177,60		Antonia Hilário de Paiva
07 Antonia Conceição Neves de Albuquerque	"	33.177,60		Antonia Conceição Neves de Albuquerque
08 Antonia Alves Malveira	"	33.177,60		Antonia Alves Malveira
09 Antonio Barreto Campos	"	33.177,60		Antonio Barreto Campos
10 Antonio Falcão de Lima	"	33.177,60		Antonio Falcão de Lima
11 Cecília Almeida de Freitas	"	33.177,60		Cecília Almeida de Freitas
12 Dalva Narciso Cordeiro	"	33.177,60		Dalva Narciso Cordeiro
13 Daniel Gomes Vasconcelos	"	33.177,60		Daniel Gomes Vasconcelos
14 Dinardo Ferreira Freitas	"	33.177,60		Dinardo Ferreira Freitas
15 Elvarte Rodrigues Ribeiro	"	33.177,60		Elvarte Rodrigues Ribeiro
16 Elival Ventura dos Santos	"	33.177,60		Elival Ventura dos Santos
17 Elizmar Menezes Maia	"	33.177,60		Elizmar Menezes Maia
Total		554.803,20		

Importa a presente folha de pagamento na quinta de R\$ 564.803,20 (Quinhentos e sessenta e quatro mil e dezasseis reais e vinte centavos).

Prefeitura Municipal de de de 1983.

CONFERE. VISTO.

Fonte: Raimunda Queiroz Barbosa, 1983.

A experiência em sala de aula fez meu pai se apaixonar pela profissão, porém, sem condições para investir na carreira e se profissionalizar, optou por continuar com a extração de madeira e conseguir recursos suficientes para comprar uma casa na cidade e finalmente consolidar o sonho de levar os filhos¹³ para estudar na cidade e disponibilizar a estes os estudos dos quais não desfrutou.

E assim o fez... No início de 1985, com os recursos suficientes advindos dos anos como professor e da venda de madeira comprou a tão sonhada residência em Lábrea e se mudou com a esposa e os três filhos e executar o plano tão desejado: ofertar estudos aos filhos na cidade, além de ali instalar uma pequena serraria e legalizar junto aos órgãos competentes a extração de madeira, bem como a confecção de pequenos artefatos de madeira.

Um ideal... Um sonho de meu pai acabava de se cumprir, restava apenas a nós, filhos, trilhar os caminhos ofertados por aquela criança nascida no beiradão, criada no trabalho “pesado”, que conheceu e se apaixonou pelo mundo do magistério e sem possibilidades de continuar os estudos, viabilizou aos filhos a oportunidade de trilhar os caminhos do conhecimento.

Tal qual conclamava Martin Luther King (1963), pelo fim da segregação racial nos Estados Unidos: “[...] eu tenho um sonho: que um dia meus quatro filhos vivam

¹³ Nessa época, meus pais já tinham mais dois filhos (Rogério, nascido em 1981 e Ronys, em 1984)

num país onde não sejam julgados pela cor de sua pele, mas pelo seu caráter [...]”¹⁴. Meu pai, num desejo de também vislumbrar um mundo de oportunidades para os filhos, superou várias adversidades e mudou-se com a família para a sede do município, após muita dedicação e força de vontade.

A história do meu pai, não tenho dúvidas, foi primordial para que eu desenvolvesse interesse desde cedo pelos estudos e de uma forma ou de outra acabasse por viver também os seus sonhos. De forma que a cada percurso realizado e a cada vitória alcançada sempre lembro da sua dedicação e incentivo aos estudos e ao bem-viver em sociedade, o que é refletido por Araújo (2014), no sentido de

Reconhecer a importância da práxis dos ocupantes da planície aluvial [ou da zona rural amazônica] significa uma transformação dos seres humanos em sujeitos de sua própria história. O acesso ao produto do conhecimento é possível por meio do reconhecimento da própria existência e do poder de sua obra. Um poder autocriativo favorecendo a compreensão da realidade em sua totalidade. (ARAÚJO, 2014, p. 22).

Esse sentimento pode ser observado no início de minha trajetória escolar, quando ocorre o meu despertar pela leitura e pela escrita, baseado na humildade necessária para seguir a caminhada de autoria tal qual o Rio Purus busca o Rio Solimões, a alcançar o mar. Porque quando há um objetivo a alcançar, não se observa a distância a percorrer. O importante é realizar o caminho, sem jamais esquecer a humildade.

Nesse contexto, migrar da zona rural para a zona urbana, isto é, sair do interior e ir para a cidade (como dizemos) tem suas nuances. Há a motivação intrínseca pela questão da ascensão social, porque você está saindo do patamar de trabalhador do campo e levando os filhos para estudar na cidade, haja vista que o ensino na zona rural era deficitário, tendo conquistado para isso o sonho de comprar a casa própria.

Por outro lado, há a preocupação constante quanto à adaptação no novo lugar: vizinhos, escola para os filhos, onde, quando e como trabalhar para manter o sustento da família, etc. Na zona rural, já havia os laços de amizade com vizinhos e a congregação naquela comunidade. Na cidade, outra realidade social: violência policial, conflitos entre índios e posseiros, desemprego, dentre outros. Isso era

¹⁴ SHUKER, Nancy. Os grandes líderes: Martin Luther King. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 11. O Discurso completo de Martin Luther King está disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/veja-na-integra-o-historico-discurso-de-martin-luther-king/>

possível verificar no semblante do meu pai, o mesmo rosto que transbordava felicidade por estarmos na cidade, era o mesmo de preocupação com relação à nova realidade.

Um sentimento conflitante que foi vencido com muita determinação e hombridade pela família, que mesmo vivendo em outra realidade, não abandonou os laços estabelecidos com a zona rural quanto a costumes, amizades, luta pela (sobre)vivência, trabalho e desejo de navegar em outras águas, sem esquecer aquelas já navegadas.

Na próxima seção, destaco a minha trajetória escolar na pré-escola (Escolas Sementinha e Branca de Neves), com o importante despertar pela leitura e escrita e o ingresso e vivências no Ensino Fundamental, na Escola Estadual Santo Agostinho. Ficará evidente no texto que todas as dificuldades enfrentadas nesse período, foram superadas através da humildade e da construção passo-a-passo de um constante navegar.

1.2 A vida escolar e o despertar da paixão pela leitura e escrita

Humildade é um ato de coragem e liberdade por dar trânsito livre em qualquer situação. Com esse sentimento, nenhum fato ou acontecimento consegue paralisar a caminhada de um ser.
(Machado, 2013, p. 47).

Figura 6: A imensidão do Purus e seu constante caminhar, independente das circunstâncias.



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2014.

A verdadeira grandeza se ativa na humildade e, diferente do que alguns dizem, humildade não é sinônimo de inferioridade, mas é poder interior, é um estado íntimo de força, liberdade e trânsito livre em qualquer dimensão (MACHADO, 2013). É só imaginar quantos afluentes e igarapés alimentam o Rio Purus e na época das cheias, quantos cenários aquáticos além do vasto caudal é possível desvendar: furos, lagos e igapós! (FERRARINI, 2009). É necessário integralizar forças em busca dos objetivos que se almeja alcançar. O caminho é tão árduo que chega a assustar.

Nesse intento, iniciei minha vida escolar no segundo semestre de 1985, numa pequena escola da periferia de Lábrea, a Escola Sementinha¹⁵, cuja professora era

¹⁵ A Escola Sementinha era administrada pela Prefeitura de Lábrea e, por iniciar há poucos anos suas atividades, não havia registro oficial de matrícula quando do meu ingresso. Localizava-se à Rua Francisco Cidrônio, no Bairro da Fonte (Lábrea-AM).

Maria das Graças Melo da Cunha, minha inesquecível professora Dona Graça. A escola não tinha uma infra-estrutura adequada para o ensino, mas era o que tínhamos disponível à época. Possuía um banheiro, uma pequena cozinha, uma sala de brinquedos (muito disputada) e um salão onde eram posicionadas as carteiras. Sobrava apenas um pequeno espaço onde fazíamos as apresentações.

Apreendi, na Sementinha, as primeiras letras, pois a coordenação motora desenvolvida, com meu pai, na zona rural foi essencial. As dificuldades foram diversas, uma vez que iniciei na metade do ano e por ser oriundo do interior, era mais um obstáculo a vencer. Era comumente chamado de “praiano”¹⁶ e nas brincadeiras era sempre o último a ser escolhido, porém, a professora realizava constantes atividades de integração de grupo, visando minha adaptação.

Perseverei muito e busquei manifestar a humildade para suportar certo preconceito dos outros alunos e a forma encontrada para manter o respeito dos colegas foi a dedicação às atividades escolares (exercícios) e assim poder auxiliar os que tinham dificuldades de coordenação motora e de identificação das vogais, principalmente.

Estudei ainda todo o ano de 1986, na Sementinha e no ano seguinte (1987) fui matriculado na Escola Branca de Neves¹⁷, para iniciar a Alfabetização, à época chamada Pré-Escolar. Minhas lembranças não são boas, principalmente porque fiquei de castigo por mais de duas horas de pé, olhando para a parede por ajudar um colega na execução de sua tarefa. Não conseguia compreender o porquê da punição por ajudar um colega em sua tarefa. O que sei é que, a partir desse castigo, minha professora percebeu que eu já realizava satisfatoriamente as tarefas e solicitou a minha certidão de nascimento¹⁸.

Identificou, com o auxílio da diretora, que eu já tinha quase 8 anos (a ser completados em agosto) e já estava alfabetizado, pelo que optara por me transferir para o Ginásio Marista Santo Agostinho¹⁹, escola que oferecia o ensino de 1º grau.

¹⁶ Termo utilizado de forma pejorativa para caracterizar os moradores da zona rural, que migram para a cidade.

¹⁷ Na Escola Branca de Neves estudei apenas o mês de fevereiro e a metade do mês de março/1987, quando resolveram me transferir.

¹⁸ A matrícula era comumente realizada apenas com a apresentação da certidão de Batismo ou com os dados informados pelos pais [no ato da matrícula].

¹⁹ É uma instituição pertencente à Associação Brasileira de Assistência, Educação e Cultura – ABAEC (Irmãos Maristas). Foi inaugurada em 20/03/1967 com o nome de Ginásio Marista Santo

Segundo elas, com a minha idade eu já deveria está cursando a 1ª série. Penso que esqueceram que eu era oriundo da zona rural e iniciei, por isso, tardiamente na escola regular. Mas minha mãe concordou e fui cursar a 1ª série na Escola Santo Agostinho.

Mais uma vez iniciando numa escola após o início do ano letivo, fiquei de observação na 1ª série e não me adaptei à turma: fui tratado com indiferença por colegas e a professora por diversas vezes me aplicou castigos por não realizar leituras e cópias complexas no mesmo ritmo dos demais [alunos]. Resultado: a professora da 1ª série solicitou meu retorno imediato ao Pré-Escolar. Após um brevíssimo período (de apenas três dias), segundo seu entendimento, eu não tinha condições de acompanhar os demais alunos.

Figura 7: Minha Ficha de Matrícula na Escola Santo Agostinho.

ESTADO DO AMAZONAS SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA SENAI/PRODORE		FICHA DE M	
ESTABELECIMENTO:			
LOCALIDADE:		ENTIDADE MANTENEDORA:	
Identificação:			
NOME:	SEXO:		
Cláudio Paulino dos Santos	Masculino		
REGISTRO CIVIL Nº	LIVRO:	FLS.:	CARTÓRIO:
21.838	17	134	Lábrea
LOCAL:	DATA DO NASCIMENTO:	NATURALIDADE:	
Casuarã, Mun. Lábrea	21 de agosto de 1978	Amazonense	
PAI:	PROFISSÃO:		
Edival Ventura dos Santos	Agricultor		
MAE:	PROFISSÃO:		
Maria Paulino de Oliveira	Agricultora		

Fonte: Acervo da Escola Estadual Santo Agostinho, 1987.

Figura 8: Verso da Ficha de Matrícula na Escola Santo Agostinho.

CONTROLE DE MATRÍCULA				Nova	Eva-	Repe-	Classificação Final	
	Série	dido	tente	APRO-	REPRO-			
				VADO	VADO			
1987	Matric. na <u>Pré</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>V</u> turno <u>Vesp.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		25/03/87						
1988	Matric. na <u>1.ª</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>....</u> turno <u>Vesp.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		21-12-87						
1989	Matric. na <u>2.ª</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>....</u> turno <u>Vesp.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		6-12-88						
1990	Matric. na <u>3.ª</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>....</u> turno <u>Vesp.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		11-12-89						
1991	Matric. na <u>4.ª</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>A</u> turno <u>mat.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		28/01/91						
1992	Matric. na <u>5.ª</u> série Grau <u>1.º</u> turma <u>....</u> turno <u>mat.</u>							
	Assinatura do Funcionário Responsável	Data						
		01/02/92						

Fonte: Acervo da Escola Estadual Santo Agostinho, 1987.

É possível observar, no verso da minha Ficha de Matrícula na Escola Santo Agostinho (Figura 8), que, em 1987, fui matriculado na 1ª série – turma “F” e sobreposta vem a inscrição “Pré”, com referência à Pré-Escola, a que fui realocado. A humildade mais uma vez direcionou meu caminhar, porque o preconceito era muito grande e me senti por vezes preterido na 1ª série.

Na minha visão particular, a professora tinha seus alunos preferidos e eu era quase um intruso, vindo de outra escola, após o início do ano letivo. Mas isso nunca me abateu para optar, por exemplo, pela desistência escolar, à medida em que “[...] as pessoas têm o direito a ser iguais sempre que a diferença as torne inferiores; contudo, têm também o direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades”. (SANTOS apud MOREIRA, 2001, p. 67).

Tive a oportunidade, então, de rever conteúdos da Escola Branca de Neves e de aperfeiçoar a leitura e a escrita, tendo em vista que nem na Sementinha, nem na Branca de Neves havia livros. Nesse aspecto, os livros do meu pai, da época de professor rural, me serviam de base para leituras individuais. Foi um ano maravilhoso e mesmo iniciando apenas no final do mês de março/1987, consegui terminar todas as lições da cartilha, com intenso compromisso e estimável dedicação da professora Antonia Amorim de Lima.

Sem mágoas ou ressentimentos pelo retorno à Pré-escola, esse foi apenas meu contato inicial com a Escola Santo Agostinho. No total, foram 8 anos e meio de muito aprendizado (1987 a 1995), no então denominado Ensino de 1º Grau (Lei 5.692/1971), hoje chamado Ensino Fundamental (Lei 9.394/1996 – LDB), período em que inferi que “[...] não se educa com palavras e sim com atitudes; não se ensina com tarefas de múltipla escolha e sim com tarefas desafiadoras (SOUZA, 2007, p. 43).

Tive a honra de ser acompanhado por brilhantes professores: além da professora Antonia Amorim (já citada), Jancineidy de Souza Malagueta, Tecília Teles de Amorim, Maria Justina Souza de Araújo, Maria da Conceição Oliveira da Silva, Lenilda Lopes Brito, Maria da Paixão Silva de Souza, Cacilda Andreotti, Maria Ismael da Costa, Marizete Teixeira da Silva, Elizeu Herculano dos Santos, Pedro Pires da Silva, João Maia Galvão e tantos outros, de cujas

“[...] lembranças dos mestres que tivemos podem ter sido nosso primeiro aprendizado como professores. Suas imagens nos acompanham como as primeiras aprendizagens. [...] Aprendemos essa forma específica de dever moral no convívio.” (ARROYO, 2000, p. 124-125).

Em contrapartida, também fazemos parte da vida de nossos mestres [professores], quando percebemos que “[...] uma das maiores recompensas, para um professor é ver alunos que ele orientou alcançarem o sucesso, triunfarem na vida” (SOUZA, 2007, p. 37). Não há nada mais gratificante.

A educação Marista²⁰ sempre foi muito bem conceituada e diretamente preocupada com o crescimento pessoal dos alunos, direcionada pela disciplina característica das décadas de 80 e 90 nos Colégios Maristas do país, especialmente pelo caráter religioso e rigoroso do ensino, o que é evidenciado por Alves (2006), quando trata da filosofia Marista:

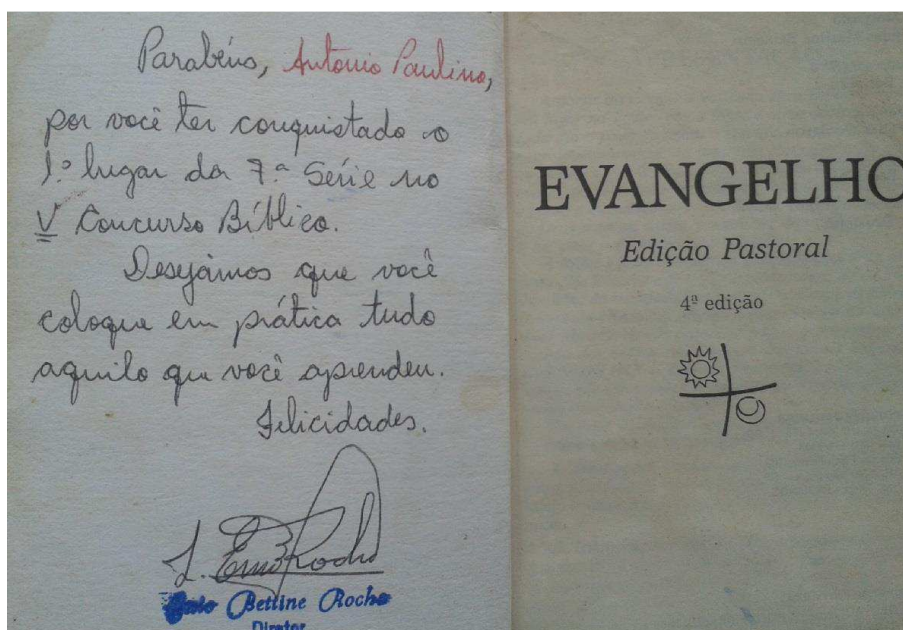
Harmonizar fé, cultura e vida (valores); Comunidade Educativa; Projeto educativo; Respeito à individualidade; Esforço para a auto-superação (emulação); Participação, responsabilidade e criatividade; Consciência crítica; Educação e ação solidárias; Cultura, arte e esporte e Formação docente [...] dando sentido evangélico a toda realidade humana.²¹

²⁰ A Rede Marista é fruto de quase dois séculos de atuação do Instituto Maristas no mundo e congrega a centenária atuação marista no Rio Grande do Sul, em Brasília e na Região Amazônica. Instituição Confessional Católica voltada à educação, foi fundada na França, em 1817, por São Marcelino Champagnat. Disponível em <http://maristas.org.br/institucional>. Acesso em 27/02/2017.

²¹ Disponível em: <http://pucrs.br/reflexoes/encontro/2006-1/documentos/05-Educacao-Marista-Manoel-Alves.pdf>. Acesso em 27/02/2017.

Essa identificação com o carisma Marista me direcionou cada vez mais para a disseminação da vivência da religiosidade no seguimento Cristão Católico e consequente responsabilidade social e disciplina pessoal, tive especial destaque nos concursos bíblicos, organizados pelo então Irmão Marista Ênio Bettine Rocha e sob a coordenação do incansável Irmão Demétrio Hermann, ocorridos no mês de setembro de cada ano, conquistando vários prêmios no período de 1990 a 1995.

Figura 9: Dedicatória em um dos prêmios conquistados.



Fonte: Acervo pessoal, 1994.

O mais importante do Concurso Bíblico é que ele me integralizou aos textos bíblicos, propiciando valores como amizade, fraternidade, solidariedade, humildade e a necessidade pessoal de buscar a Deus em todas as circunstâncias da vida, conforme explicitado na Carta de São Tiago 1, 5-8:

Se a alguém de vós falta sabedoria, peça-a a Deus, que a concede generosamente a todos, sem impor condições; e ela lhe será dada. Mas peça com fé, sem duvidar, porque aquele que duvida é semelhante a uma onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não pense tal pessoa que receberá alguma coisa do Senhor, ambígua como é e inconstante em todos os seus caminhos. (CNBB, 2010, p. 1490).

Além mais, o período de 1987 a 1995, na Escola Santo Agostinho, foi importante para o desenvolvimento da minha leitura e escrita, tendo em vista o que nos ensina Franz Kafka apud Theodoro (2007, p. 138),

[...] “lemos para fazer perguntas”, mas para que isso aconteça é preciso ler, ler, ler; refletir, discutir, formular hipóteses, percebendo que em cada texto há uma visão de mundo de seu autor, em cada leitura carregamos nossas experiências e vivências, tentando formar nossa visão de mundo.

Ademais, sobre a escrita, Clarice Lispector (1984), faz uma analogia com a salvação daquele que se entrega à arte de escrever. Para ela

Escrever é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Figura 10: As duas turmas finalistas de 1995, da Escola Santo Agostinho.



Fonte: Lidiane Teles de Amorim, 1995.

Nessa concepção, dentre os escritos que realizei até a conclusão da 8ª série (e foram muitos), destacam-se aqueles referentes à realidade amazônica, às questões políticas, religiosidade, tecnologia, além de temáticas sociais como: violência, pobreza, racismo e outros, oriundos de disciplinas como Educação Artística, Língua Portuguesa, Geografia, História do Amazonas etc, na condição de redação, dissertação e textos de opinião.

Figura 11: O Declínio da Borracha, texto de 1992, 5ª série, História do Amazonas.

Em 1920, 343.731 t, sendo 304.836 de plantação e as outras silvestres, das quais 30.790 t brasileiras. Em pouco tempo passou-se à superprodução.

As cotações caíram verticalmente. Em 1935, o Kg da borracha valia 4.834 réis. Passou a \$228 réis em 1923. A borracha silvestre não podia competir economicamente com a de plantação. A economia amazônica repousava na borracha. A agricultura, outrora florescente, desaparecera quase que por completo.

A safra da borracha caiu lentamente. De 44.736 t em 1933, desceu para 6.550 t em 1937. O governo brasileiro pouco pode fazer em defesa da borracha, pois o consumo interno era insignificante. Muitos seringueiros despojavam-se. Só aos poucos a agricultura renasceu. Surgiram outras riquezas, como a castanha-do-pará e o pau-rosa; nenhuma delas, porém, substituiu inteiramente a borracha.

Assim se deu o declínio da nossa borracha.

Fonte: Acervo Pessoal, 1992.

Figura 12: Triste Realidade, texto de 1993, 6ª série, Educação Artística.

TRISTE REALIDADE

Neste período de férias uma história me apavora, é a história de um político que sua cidade deora.

Esta é a nossa habneia, cheia de problemas, caminhando para o ^{caos} profundo, ela vive esses dias uma briga totalmente ~~leada~~. O prefeito da cidade vai para a capital, leva o nosso dinheiro e outros recursos não trás.

Nossa cidade está afundando, o vice conosco vai, pois não desempenha seu papel que lhe é concebido por direito e o prefeito esperto, vai viajando por aí com a esposa. E o povo?!!!

Ahhh! O povo já afundou!!!

Fonte: Acervo Pessoal, 1993.

Figura 13: A Missão do Cristão, texto de 1994, 7ª série, Ensino Religioso.

Justificativa:

É que todos os cristãos, devem anunciar o evangelho a todas as pessoas; seja de que classe ou categoria esta for: seja feio ou bonito, ignorante ou educado, rico ou pobre e etc... Pois para Deus, nós somos todos iguais, pois ele nos fez a sua imagem e plena semelhança.

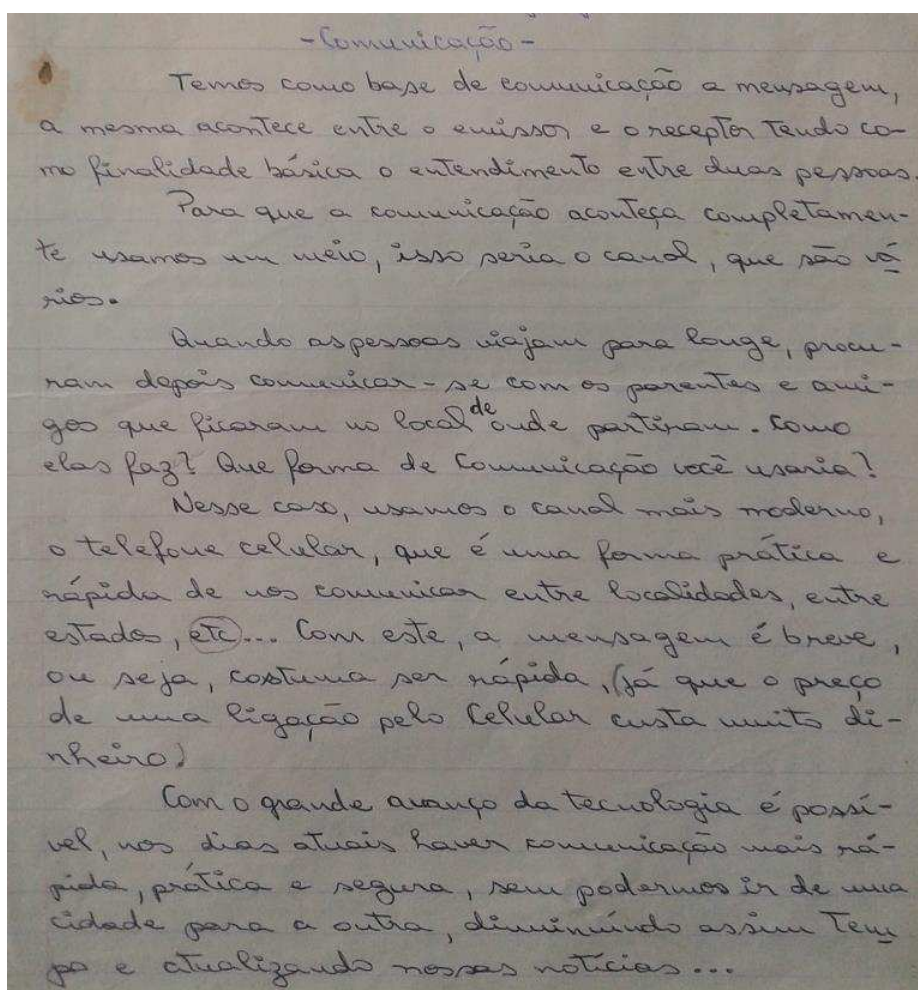
Não importa se você é crente, católico ou de alguma outra religião, o que importa é que você busque ao próximo aquilo que o pai quer que seguirmos para chegarmos um dia à sua presença.

E acima de tudo devemos denunciar tudo o que é anti-reino, ou seja, contra a vontade de Deus (pai de todos nós) e toda via isto é por exemplo: a máscaragem, a violência, a brutalidade, o rejeito às pessoas que estão ao nosso redor, a injustiça, e afinal de contas tudo o que não está de acordo com Deus no seu pai.

Fim.

Fonte: Acervo Pessoal, 1994.

Figura 14: Comunicação, texto de 1995, 8ª série, Língua Portuguesa.



Fonte: Acervo Pessoal, 1995.

Os textos escritos nesse período precisam de alguns reparos quanto à pontuação, regência e concordância verbais e outros ajustes, porém, já demonstravam minha inquietude com a realidade social da época e preocupação com o avanço tecnológico, manifestado através das importantes leituras realizadas e o anseio por um futuro promissor, através da Educação. Com tal dedicação, alcancei a melhor média de 1ª a 8ª série das turmas formadas, recebendo uma honraria na formatura. Foi difícil segurar a emoção: meus pais na cerimônia e eu, único dos 55 concludentes, nascidos na zona rural, sendo homenageado!

Figura 15: Premiação de melhor média dos formandos (1ª a 8ª série).



Fonte: Acervo pessoal, 1995.

Chegava ao fim o então chamado 1º grau. Concluída a 8ª série, era momento de pensar no 2º grau e, após uma trajetória galgada na humildade para vencer as dificuldades, na então declarada pela sociedade como a melhor Escola de Lábrea – a Santo Agostinho – tinha que “desbravar” a Escola Professora Balbina Mestrinho, única a ofertar o ensino de 2º grau. Essa é justamente a temática da próxima seção: narrar minhas vivências no curso de Magistério e, especialmente, sabendo conviver com as diferenças existentes entre alunos de ambas as escolas²².

²² Os alunos das escolas Santo Agostinho e Balbina Mestrinho enxergavam-se como adversários. Muito por conta de desavenças de cunho social: Os alunos do Balbina Mestrinho taxavam os do Santo Agostinho de “ricos”, porque nesta os livros eram comprados, através da Editora Marista FTD, e, tinham com isso, um rendimento melhor. Os alunos do Santo Agostinho por sua vez diziam que a Escola Balbina Mestrinho era bagunçada (não tinha organização) e a rivalidade era mantida até nos jogos inter-escolar. Uma verdadeira batalha em quadra, ou campo para ver quem era melhor.

1.3A vivência no curso de Magistério de 1ª a 4ª série

Saiba conviver com as diferenças. Diferença não é o contrário, é complemento. Quando um de meus afluentes de água preta (Rio Ituxi), no inverno amazônico, chega até meu leito, eu o acolho e caminho com ele na frente da cidade. Desse contato surge um belo encontro das águas. (Adaptado de Machado, 2013, p. 75).

Em 1996, ainda sob a égide da Lei Federal nº 5.692/1971, iniciei o Ensino de 2º grau, com habilitação para o Magistério de 1ª a 4ª série, na Escola de 1º e 2º graus Professora Balbina Mestrinho: a única da cidade de Lábrea a oferecer as duas modalidades de ensino.

Mesmo tendo sido inaugurada em 1984, a escola necessitava de reformas de infra-estrutura, na parte hidráulica e elétrica, o que prorrogou o início do ano letivo de 1996, para o mês de março. Esgotado o prazo e não sendo realizada a tal reforma na escola, o ano letivo foi iniciado no mês de abril.

Figura 16: Prédio principal da Escola Estadual professora Balbina Mestrinho.



Fonte: Pedro Pires da Silva, 1996

Minha turma de 1º ano de Magistério foi praticamente a mesma da conclusão da 8ª série na Escola Santo Agostinho. Tal motivo fazia-nos sempre ter problemas com os alunos oriundos da própria Escola Balbina Mestrinho, pois havia uma disputa acirrada entre ambas as escolas: nas gincanas, no futebol, em qualquer situação onde houvesse a participação do Balbina e Ginásio (com eram e são conhecidas as escolas) e os ânimos ficavam muito alterados e em algumas vezes era visível a

possibilidade de chegar às vias de fato, com agressão verbal e/ou física entre alunos.

Não sei precisar exatamente quando começou essa dissensão entre as escolas, porém, convencionou-se a opinar em Lábrea que a Escola Santo Agostinho era mais organizada e tida como escola-modelo e o Balbina, exatamente o oposto.

O professor Raimundo Pereira Leocádio, diretor do Balbina à época, me relatou que “[...] sempre solicitava dos professores para que conversassem com os alunos do Ginásio a fim de colaborarem com a integração amigável [socialização] entre os alunos, para que se sentissem acolhidos na nova escola”.

Uma particularidade desse ano foi a necessidade que nós, advindos da Escola Santo Agostinho, tivemos que realizar: aprender a conviver com as diferenças e aproveitar o que de bom os alunos do Balbina tinham a nos oferecer, para assim trilharmos juntos o caminho do Magistério, buscando congregar forças para a construção do projeto de nos tornarmos professores.

Essa singularidade em aceitar as peculiaridades uns dos outros, viver em harmonia e trilhar satisfatoriamente o caminho, pode ser observado na trajetória do Rio Purus. Este possui água de coloração barrenta e em época de cheia na nossa região, ele recebe a água preta de um de seus principais afluentes, o Ituxi e tomadas as devidas proporções, quanto às diferentes características de cada rio, eles se misturam e formam em belo “Encontro das Águas” em frente à cidade de Lábrea.

O que era para se tornar uma disputa por espaço, acaba gerando forças em busca de objetivos afins: O rio Ituxi engendra-se e acessa os igarapés que “cortam” a cidade de um extremo ao outro e o Purus segue seu fluxo até chegar ao Rio Solimões. A convergência de forças gera vida em abundância para todos...

Figura 17: Encontro das Águas do Rio Purus e Rio Ituxi (afluente).



Fonte: Raí Francisco Batista da Costa, 2016.

Com essa parceria formalizada com os secundaristas oriundos da própria Escola Professora Balbina Mestrinho, foquei no curso de Magistério tentando aproveitar ao máximo daquilo que seria possível obter para constituir carreira como professor.

A partir da motivação inicial do meu pai; do seu exemplo enquanto professor rural com todas as suas nuances; pela minha dedicação em ajudar os amigos em dificuldades na escola e formar grupos de estudos; pelo prazer em organizar jogos, brincadeiras, gincanas, dentre outras atividades esportivas e sociais; pela atuação constante nas atividades pastorais da Igreja e mormente, pela possibilidade de contribuir com a sociedade (no anseio de devolver a ela tudo o que me proporcionou) percebi que esse era o caminho: ser professor.

Minha trajetória no curso de Magistério foi aperfeiçoada durante a realização do Estágio Supervisionado²³, obrigatório para um curso profissionalizante, que seria realizado em três etapas, durante as três séries: Observação, Participação e Regência de Classe.

A primeira experiência foi executada na forma de Observação. A escola que me recebeu para o estágio foi a Escola Estadual Thomé de Medeiros Raposo, numa turma de 2ª série, onde auxiliei a professora Maria Rita Bezerra Duarte tomando leituras, corrigindo e orientando atividades, observando as características individuais dos alunos, além do contato com outros professores da escola, pais e demais servidores, bem como de atividades de Educação Física e da conversa e contato diário direto com os alunos.

Esse primeiro contato me fez compreender a importância da interação que deve haver entre aluno e professor, pois todas as atividades a que se propõe o professor são, na realidade, atividades coletivas, realizadas através do envolvimento recíproco entre duas ou mais pessoas, convergindo para o mesmo fim, o que exige do professor ser um profissional diferenciado. Situação assim descrita por Tardif; Lessard; Lahaye (1991, p. 49-50):

[A atividade docente] se desdobra concretamente em uma rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante [...]. Essas interações são mediadas por diversos canais: discursos, comportamentos, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não um saber sobre um objeto de conhecimento

²³ O Estágio Supervisionado era obrigatório no Curso de Magistério. As 450 horas eram divididas nos três anos de curso, sendo que no primeiro ano era realizada Observação às aulas; no segundo, Participação nas atividades de sala de aula, auxiliando o professor titular e no terceiro, Regência de classe, com atuação direta em sala de aula, sendo observado e avaliado pelo professor titular.

nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas à capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas. (TARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991, p. 49-50).

Por outro lado, as disciplinas do 1º ano tinham como objetivo nos aproximar da docência, importante para a nossa formação profissional: Didática da Matemática, Didática Geral, Psicologia Geral, Programa de Saúde e Sociologia. Além das disciplinas obrigatórias: Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, Biologia, Educação Artística e o contato com os alunos, durante a realização do estágio, me fazia entender a importância dessas disciplinas para as atividades quando professor.

Um momento marcante desse ano aconteceu na disciplina de Literatura Infantil quando, numa avaliação, tinha que dissertar acerca das qualidades de um bom professor e o que fazer para que um aluno adquira o hábito da leitura. Segue excertos da minha resposta:

[...] O bom professor deve ser um profissional qualificado; que seja atencioso, dedicado e encantado pela profissão; além de manter amizade e companheirismo com o aluno, auxiliando este em qualquer necessidade. [...] Para despertar no aluno o interesse pela leitura, o professor necessita primeiro ser apaixonado por ela; demonstrando que a leitura serve para adquirir conhecimentos, ampliar a linguagem, para conhecer lugar sem visitá-los e outros; realizar visitas a bibliotecas e partilhar histórias em sala de aula, através de rodas de conversas [...] (Trechos de avaliação de Literatura Infantil, 1º Magistério, 1996).

Salienta-se a semelhança existente entre minha citação, datada de 1996, e o exposto por Amaral (2010, p. 31) acerca de que o “[...] bom professor precisa ser capaz de refletir sobre a educação em sua totalidade, mas dele se espera que seja também capaz de ensinar promovendo aprendizagem”.

Sobre os escritos realizados nesse ano, é importante mencionar uma apresentação teatral escrita para a disciplina de Língua Portuguesa, chamada “Um morto muito louco”. Meu grupo deveria criar uma pequena apresentação sobre a temática “Expressão por meio de formas fisionômicas”.

Acontece que o coordenador do grupo não apareceu nas reuniões marcadas e tivemos que improvisar no dia da apresentação, senão corríamos o risco de ficar sem nota. Chegamos para o primeiro tempo de aula: conversamos e chegamos à conclusão que a melhor opção seria fazer o que estava ao alcance. Não assistir aos

dois primeiros tempos de aula; escrever a peça; ensaiar e apresentar no terceiro tempo. E assim o fizemos! [Dedicada ao meu amigo Charliney Alves Corrêa].

[...] Essa é a história de um morto muito louco.

De repente João aparece morto, com um rosto devidamente espantado, muito esquisito!

Seu pai, José, vendo aquela cena, ficou muito abalado com o rosto do filho.

O mesmo não aconteceu com Manoel, o irmão mais velho, que até ficou feliz com a fisionomia do irmão.

Enquanto o defunto mudava constantemente a aparência – ficava espantado, ficava depressivo... Feliz... Triste... e o irmão se pondo a sorrir...

De repente, todos começam a sorrir (...)

Acontecera um milagre e João começou a sorrir!!!

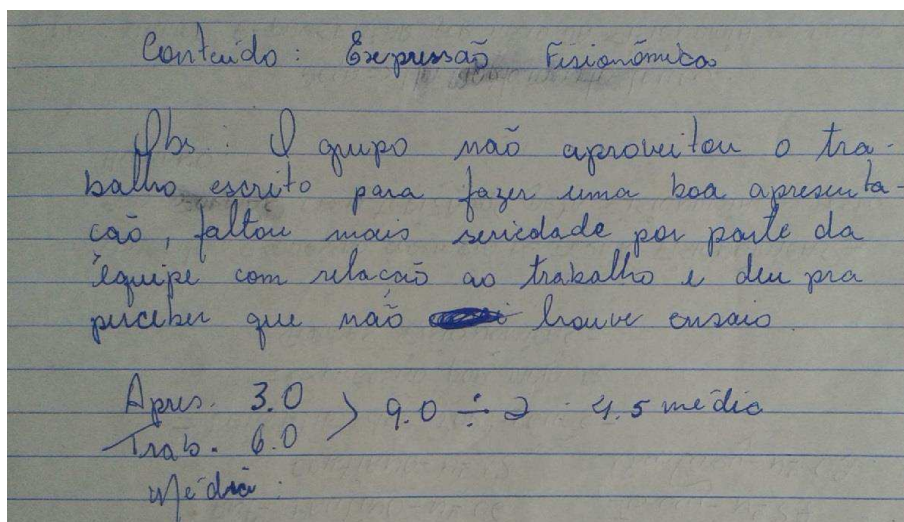
Foi aquela festança!!!

Ele não estava morto, apenas desacordado e louco para abraçar cada familiar e o sorriso se pôs no rosto de cada um!...

(Trecho da peça “Um morto muito louco”, 1º Magistério, 1996).

O resultado foi espetacular! A turma gostou e aplaudiu muito nossa apresentação pela atuação e adaptação do roteiro, porém, a professora percebeu o nosso imprevisto, não levou em consideração nosso esforço, e simplesmente nos escarmentou pela falta de seriedade. Não quis saber da nossa criatividade ou do nosso senso de humor, conforme é possível verificar nas observações realizadas ao nosso trabalho (Figura 18).

Figura 18: Observações da professora quanto à nossa apresentação.



Fonte: Acervo pessoal, 1996.

Mesmo com a nota abaixo da média no primeiro bimestre, recuperei e fui aprovado sem maiores dificuldades, mas até hoje tenho que explicar o porquê daquela única nota vermelha na minha trajetória escolar.

Iniciei o 2º ano do Magistério em fevereiro de 1997 com uma mudança que não previa: deixei de acompanhar a turma procedente da Escola Santo Agostinho e fui matriculado numa turma oriunda da própria Escola Balbina Mestrinho (2º Magistério A), oportunidade na qual aproveitei para estreitar laços de amizade com os novos colegas de curso e vida que segue em busca do sonho.

Em sentido mais amplo, outra novidade foi a validação da Lei nº 9.394/1996, também chamada Lei Darcy Ribeiro (em homenagem ao senador relator da matéria) ou simplesmente LDB, que estabeleceu no Brasil, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, trazendo várias mudanças em relação às antecessoras.

Essa lei estruturou o ensino no Brasil em dois grupos principais: Educação Básica (que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio) e Educação Superior (Graduação: Bacharelado/Licenciaturas e Pós-graduação: Especialização/Mestrado/Doutorado).

O Estágio Supervisionado (participação) foi realizado no Jardim I, da Escola Estadual Santo Agostinho, sob supervisão da professora Luciete Vital de Oliveira. A experiência foi bem diferente do ano anterior. Os alunos tinham de 4 a 5 anos de idade e a professora muito capacitada. As aulas eram basicamente referentes à coordenação motora, esboço das vogais, identificação do próprio nome, cantigas de rodas, contação de histórias e muita animação para socialização dos pequenos alunos.

Minha missão principal era acompanhar e auxiliar os alunos nas aulas de Educação Física (bambolê, futebol, pião, esponja, amarelinha, pequenas corridas e exercícios físicos); Educação Artística (apresentações teatrais, danças, pinturas e desenhos), além de assisti-los nos intervalos para evitar situações embaraçosas com alunos mais velhos.

Com relação a escritos e dedicação a publicações, esse foi o ano de maior produção textual da minha breve história como amante das letras. Pequenas peças teatrais, redações, textos e até artigos de opinião, como requisitos para a obtenção de notas nas disciplinas Língua Portuguesa e Literatura, Educação Artística, e das Didáticas e conseqüentemente para aperfeiçoar a leitura e a escrita, visando o sucesso para a carreira do magistério e o mergulho definitivo no mundo das

palavras. A esse respeito, Tenório Telles, escritor amazonense, prefaciando o livro “Palavra, Poder e Ensino da Língua” (de Sena, 2001, p. 9), compartilha que:

[...] o ser humano criou para si um mundo próprio, dentro do qual foi abrindo caminho rumo ao futuro, alargando suas fronteiras e esculpindo-lhe a face. O mundo do ser humano é o mundo da cultura – que também é o mundo das palavras. [...] É no contexto da cultura que o homem vive e forja suas experiências. E nessa dimensão, exercem o seu poder. Entretanto, é também através das palavras que forjamos as armas e tecemos o canto da nossa libertação. (SENA, 2001, p. 9).

Para tanto, uma das manifestações que merece destaque dos escritos do 2º magistério é o caráter político e social de alguns deles: a importância da participação popular na vida política da cidade; a falta de investimentos para a prática do futebol e outros esportes e o desinteresse por investimentos em políticas públicas para a juventude, além do meu interesse pela tecnologia desde então e o desejo de trilhar caminhos nessa direção, a partir das vivências experienciadas no Magistério, conforme é possível observar no texto “Caminhos de um sonho” (de 21.10.1997, Língua Portuguesa e Literatura), descrito abaixo, conforme o original:

Quando eu era criança morava às margens do Rio Purus; mesmo sendo oriundo do interior eu tinha um sonho; vir para a cidade, estudar muito, ser alguém na vida. Lá a gente “ralava” muito, trabalhava no pesado, porém, aquela não era a minha vida, eu queria descanso, um trabalho mais folgado e mais remunerado, e a vida continuava...

Anos depois [1985], viemos para a cidade, que para mim era uma capital; cumpri meu sonho: cresci, estudei ininterruptamente, consegui melhores empregos, e assim levava a vida. No entanto, ainda faltava algo para me completar, faltava a tal Informática e eu desejava explorá-la. De repente, surge uma escola [de Informática] na cidade, porém, é caro. Sem dinheiro, tenho que “me virar” para conseguir dinheiro, conseguindo [vendendo móveis para o *seu* Pinheiro]; estudei amavelmente e inteligentemente, era mais um caminho percorrido.

Certo mês [março/1997], o meu instrutor [Ney Ricardo da Silva, de Rio Branco - AC] viajou e eu fui admitido para o cargo, hoje ganho de lá meu “salariozinho” e vou ajudando o meu pai a sustentar a família. Essa semana o proprietário (o diretor) [José Edson Lima da Silva] chegou e a escola não tem quase nada de alunos. Surgiu a idéia de leva-la para Presidente Figueiredo, fui convidado a ir... Não sei se vou. Penso na família, [...] no meu futuro. No entanto o sonho deve continuar, os caminhos vão surgindo e tenho que aproveitar... [“Caminhos de um sonho”, 1997].

Esse texto tem um significado todo especial por tudo o que carrega de emoção, de motivação e por refletir o bom momento que eu passava à época com relação à importância de aproveitar as oportunidades para galgar sonhos cada vez mais altos, o que acaba refletindo em tudo o que vivencio atualmente no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, após vinte anos de sua escrita.

Explorando o texto, explico no primeiro parágrafo a minha origem na zona rural de Lábrea e o esforço do meu pai para conquistar o sonho de se mudar para a cidade com a família. No trecho seguinte, menciono a vinda para a cidade, a minha dedicação aos estudos e o desejo de adentrar no mundo da informática.

O texto é finalizado com as primeiras experiências como professor de Informática, na escola na qual estudei, a Escola de Informática Limas Info²⁴ e a decisão entre ir para Presidente Figueiredo, acompanhando os proprietários da Escola ou continuar em Lábrea e aproveitar as oportunidades vindouras. Pela expectativa no desenvolvimento de Lábrea e por questões familiares, optei por permanecer na minha cidade e terminar o curso de Magistério no ano seguinte.

A última etapa do curso de Magistério, foi cumprida no ano de 1998, que apresento como episódio marcante, a realização do Estágio Supervisionado na forma de Regência de Classe, na qual executei aulas práticas na turma de 3ª série da Escola Municipal Dona Antonia Ferreira de Araújo, coordenada pela professora Edna Bandeira Lima.

A escola ficava localizada na região periférica de Lábrea, conhecida como Bairro da Fonte (bairro em que eu residia) e era composta por alunos dessa localidade. Tinham muitas dificuldades para assimilar os conteúdos; possuíam necessidades educacionais específicas; carências afetivas e inclusive, vários deles, tinham na escola, a única refeição do dia.

Realizei um acompanhamento de leitura a alunos com déficit em Língua Portuguesa e, em Matemática, com os alunos que não conseguiam realizar operações matemáticas básicas de adição e subtração. Outros eventos em destaque era o chamado recreio cantante, no qual eram realizadas atividades culturais para socialização e ensino acerca de temáticas referentes à região amazônica e à cidadania, através de gincanas, rodas de conversa, show de calouros, brincadeiras antigas (amarelinha, pipa, pião), capoeira, dança de rua etc.

Como obrigatoriedade do estágio, executei a regência de classe de acordo com a supervisão da professora, inclusive trabalhando um tema de sua indicação, conforme seu plano de aula: Sílabas tônicas e classificação das palavras quanto à sílaba tônica.

²⁴ Primeira Escola de Informática da cidade a ter a estrutura padronizada para turmas e funcionamento nos três turnos. Localizada à Avenida Getúlio Vargas, esquina com a Rua 24 de agosto, no centro de Lábrea.

Figura 19: Plano de aula executado como Regência de Classe.

Professores: :- Antonio Paulino - 07 EDICAR
 - Cristiane Amerim- 11
 - Mário Jorge - 28
 *** Oração - Cântico - Chamada - Cnv. Informal ***

Nº DE AULAS:
 - 40 minutos

CONTEÚDOS:
 - Sílabas Tônicas,
 - Classificação das palavras quanto à Sílabas Tônicas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
 - Identificação das sílabas tônicas nas palavras por meio de perguntas,
 - Diferenciação na classificação das palavras / quanto à sílaba tônica (* Oxítona, Paroxítona e Proparoxítona).

DESENV. METODOLÓGICO:
 - Explicar a influência da sílaba tônica nas palavras.
 - Conversar com as crianças sobre o emprego da sílaba tônica.
 - Explicar a classificação das palavras em Oxítona, Paroxítona e Proparoxítona.
 - Verificar por meio de atividades e observações se os alunos:
 * Identificam situações em que se emprega a sílaba tônica;
 * Leem e escrevem corretamente palavras c/ sílaba tônica;
 * Diferenciam Oxítonas, Paroxítonas e Proparoxítonas.

---EXERCÍCIOS:
 1) Leia as palavras e sublinhe as sílabas tônicas.
 - Brasil, Estrela, Rapadura, Mágico, Lâmina, Lâmpada, boca, / Sefá, -
 2) Separe as sílabas das palavras e diga se são: Ox, Par, Prop

Moça:	Manteiga:	Açúcar:
Perú:	Mágica:	Café:
Plástico:	Bonê:	Médico:
Caloi:	Almofada:	Pêssego

Fonte: Acervo Pessoal, 1998.

Os objetivos específicos constituídos foram: identificar as sílabas tônicas nas palavras por meio de perguntas e diferenciar na classificação das palavras quanto à sílaba tônica (oxítona, paroxítona e proparoxítona). Trabalhamos em conjunto para verificar se os alunos identificavam situações em que se emprega a sílaba tônica; se leem e escrevem corretamente palavras e finalmente se diferenciam as palavras em oxítona, paroxítona e proparoxítona.

Foi importante esse primeiro contato de regência de classe, pela possibilidade de conversarmos informalmente sobre o assunto, de poder perceber suas dificuldades na leitura e escrita e propor situações para a aprendizagem. A aula foi realizada durante dois dias e mesmo após a conclusão da temática continuei a execução de exercícios similares para o entendimento do assunto.

Quanto ao processo de autoria, esse ano foi de muitos escritos: poemas, poesias, textos de opinião, redações e principalmente quanto ao desenvolvimento de

pequenas apresentações teatrais, acerca de temáticas variadas em sala de aula, cujos títulos principais foram: Vítimas do destino (sobre pobreza, ambição e religiosidade); Desemprego; Vale a pena sonhar; LSD – a droga da loucura; A importância da imunização; A sociedade, a educação e a aristocracia em Esparta, dentre outras.

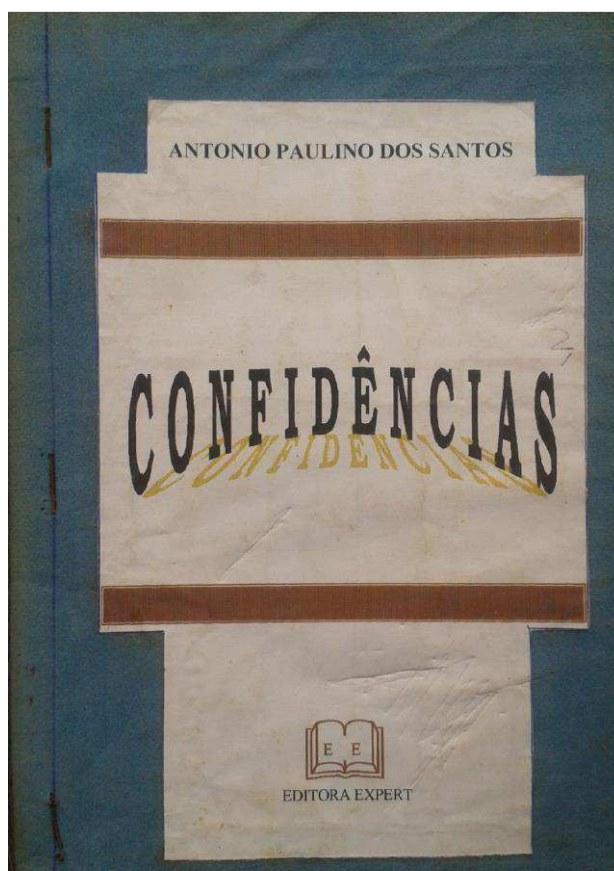
Figura 20: Organização para apresentação de peça teatral em sala de aula.



Fonte: Acervo Pessoal, 1998.

Na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura desenvolvemos uma atividade cujo objetivo era a escrita de poesias para a formalização de um livro e posterior apresentação à comunidade escolar, através de uma Feira Literária para incentivar e valorizar a leitura e onde nós, futuros professores, teríamos a oportunidade de vivenciar e compartilhar textos, poemas, poesias e outros escritos usufruídos pelos demais alunos da escola.

Figura 21: Capa do livro produzido para a exposição literária, em 1998.



Fonte: Acervo Pessoal, 1998.

Não tive problemas para participar do evento visto que já possuía vários textos escritos em anos anteriores. Fiz apenas uma seleção para apresentação à professora. Como os escritos eram referentes às minhas vivências e opiniões acerca de determinadas temáticas dei à obra o título de “Confidências”. Continha seis poesias/poemas, de acordo com o expresso no índice da obra (Figura 22).

Figura 22: Índice do livro “Confidências”, de 1998.

<u>ÍNDICE</u>	
• Nosso Ideal - (10/09/97)	01
• Louca Inspiração - (03/09/97)	02
• Uma voz Oprimida - (19/04/97)	03
• Constraste Sentimental - (02/07/96)	04
• Lembranças - (15/05/97)	05
• Às Crianças - (02/09/97)	06

Fonte: Acervo Pessoal, 1998.

O primeiro texto de “Confidências” é uma homenagem que fiz aos colegas de Magistério, os amigos de curso que me acolheram nos dois últimos anos de minha luta, solidariedade, trabalho árduo, apresentações, estágios. Unidos, fizemos o que foi possível uns pelos outros, para que ao final, todos pudéssemos desfrutar das conquistas.

Hoje lutamos pelo mesmo ideal / nesse caminho cheio de mistério / onde nos profissionalizamos / nesse curso de magistério.
Nosso ideal é lutar / é crescer e vencer, / pois nossa bela amizade / com certeza nos faz viver.

[...]

Sei que a jornada é longa / e os caminhos tortuosos / porém, nosso bem-viver / deixa os caminhos maravilhosos.

E assim vamos lutando / em busca de um ideal / que é sermos professores / ou qualquer outro profissional [...]. Trechos de “Nosso ideal”.

O segundo texto “Louca Inspiração” infelizmente foi deteriorado pela ação do tempo. Mas, uma “Voz oprimida” trazia uma homenagem às tribos indígenas do país, dizimadas pela ação predatória do homem “branco”, além de ser um destaque especial àquelas ainda existentes na região e pela proximidade da “comemoração” dos 500 anos da chegada dos Portugueses ao Brasil:

Sou índio, sou brasileiro / nessa terra me criei / com a chegada dos portugueses / dessa terra me “mandei” [Fui expulso].

Passei a viver no anonimato / lutando por subsistência / pois os *brancos* com ambição / tomaram minha residência. [...] (Trechos de “Uma voz oprimida”).

Na sequência, “Contraste Sentimental” e “Lembranças” são textos que falavam sobre subjetividade e de conflitos pessoais, característico da idade e advindos do medo do desconhecido e do futuro e das relações com amigos e familiares.

[...]

Que essa paz seja uma flor eterna / vinda do jardim da ilusão / onde lá não se encontre / tanta tristeza e solidão.

Onde a tristeza seja destruída / e a solidão exterminada, / tornando real a felicidade / e a paz por mim tão desejada. (Trechos de “Contraste Sentimental”).

[...]

Fui envolvido por tal pessoa / vivia inteiramente pra sua vida / porém, chegou o dia / o dia da despedida...

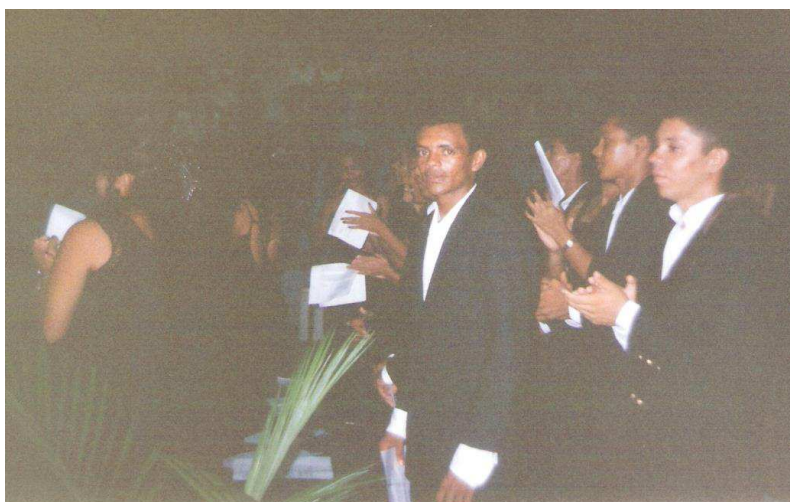
E passado muito tempo / após a sua partida, / a saudade me escraviza / domina a minha vida...

Em lugares tão distintos / Vivo um grande remorso, / delirando solitário / em momentos que foram nossos. [...] (Trechos de “Lembranças”).

O último escrito do livrinho é um grito de clamor pela vida das crianças do país, vitimadas pela violência doméstica, trabalho infantil e abandono de forma geral. Mesmo diante da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) a situação do público infanto-juvenil carece de cuidados por toda a sociedade:

[...] Sei que existem aquelas / sem família e sem lar / e todos devemos agir / para as necessitadas salvar. [...] Existem, porém, aquelas que vivem no mundo do crime. É nossa culpa! [da sociedade] / Vamos tirá-las desse regime? [...] As criancinhas têm direitos / ame-as de coração / visto que elas são o futuro / dessa grandiosa nação. [...] (Trechos de “Às criancinhas”).

Figura 23: Cerimonial de formatura de conclusão do Magistério.



Fonte: Acervo Pessoal, 1998.

Esses foram os episódios marcantes que fizeram parte da minha formação no curso de Magistério, oportunidade na qual aperfeiçoei a didática para, o que à época, me qualificava para atuar como professor de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, além do crescimento na leitura e escrita para composição de textos de gêneros variados, com estilo, subjetividade e singularidade.

Independente do ocorrido, quanto às diferenças neste percurso inicial de autoria, segui com a lógica de, independente das dificuldades ou frustrações, jamais perder o otimismo e sempre movimentar-me com o foco no objetivo de vida: a qualificação pessoal e profissional.

No segundo capítulo, intitulado PARA ALÉM DO PERCURSO INICIAL, narro as minhas vivências na qualificação profissional e na formação inicial e continuada, caracterizando (i) Minha atuação como professor de Informática no Centro Esperança; (ii) Meu percurso de autoria manifestado no Serviço Público; (iii) As experiências advindas com a Graduação e a Pós-graduação e (iv) A Autoria no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.

2. PARA ALÉM DO PERCURSO INICIAL

Banzeiros, troncos e balseiros fazem parte do dia-a-dia do ribeirão do Purus. Ele precisa transformar o que se apresenta como adversidade em possibilidade para continuar o navegar. Cortar o banzeiro, desviar os troncos e se livrar dos balseiros, é preciso! E ele assim o faz (...). (SANTOS, 2017).

Não costumo reclamar das dificuldades que se apresentam pelo caminho, mas encontrar possibilidades para contorná-las e criar mecanismos para utilizá-las a meu favor, porque sei que adversidades sempre farão parte do percurso e é preciso sabedoria para contorná-las e/ou vencê-las.

Senão observemos o ribeirão.

Em sua lida diária ele tem que cortar banzeiro, desviar de troncos e se livrar de balseiros formados no rio (sejam gravetos ou entulhos) e, por serem estas corriqueiras, ele precisou se adaptar a elas em detrimento de reclamar, e passa a encontrar possibilidades para vencê-las, sempre que necessário, para continuar seu navegar, com segurança, e alcançar o objetivo daquela viagem.

O Rio Purus, outro exemplo que, nascendo em terras peruanas, adentra no Brasil e necessita de humildade para seguir o caminho e aprender a conviver com as diferenças, haja vista que alguns dos seus afluentes possui águas diferenciadas, de outra cor e características diversificadas etc.

Meu percurso inicial, conforme apresentado no capítulo anterior, teve início ainda na zona rural, com o incentivo do meu pai. Seguiu-se para a vida escolar na cidade, onde aconteceu o despertar da paixão pela leitura e pela escrita, culminando com a vivência no Curso de Magistério de 1ª a 4ª série.

Episódios marcantes de um percurso inicial em rios amazônicos, que foi o primeiro marco de uma trajetória em percurso de autoria, que não parou por aí, mas seguiu, porque é preciso está sempre disposto a caminhar, independente das intempéries que venham a fazer parte do caminho.

Tampouco, o Rio Purus encerra seu curso d'água quando passa em frente à cidade de Lábrea onde encontra-se, no inverno, com as escuras águas do Rio Ituxi, mas segue seu caminho, porque sabe que, mesmo sendo importante acolher o Ituxi, formando inclusive um belo encontro de águas, é preciso seguir viagem rumo ao

mar. Assim também, esse pesquisador, não podia (nem deveria) estagnar no curso de Magistério. Era preciso navegar para outras águas.

E aplicando esse preceito de vida, conto, no segundo capítulo, minhas experiências enquanto professor, que se entrelaçam às construções discursivas do eu-autor, seja como Instrutor de Informática no Centro Esperança; no Serviço Público; na Graduação e Pós-Graduação; no Serviço Público, bem como no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.

Inicio este capítulo, narrando sobre as minhas vivências como professor de Informática no Centro Esperança, instituição mantida pela Igreja Católica.

2.1 Minha atuação como professor de Informática no Centro Esperança²⁵

*Um rio está sempre correndo, movimentando-se.
Mesmo poluído pela ignorância, ele não para de
movimentar-se em direção aos seus objetivos.
(MACHADO, 2013, p. 95).*

Independente das adversidades interpostas ao rio Purus por seres ditos humanos: poluição; destruição de nascentes; desmatamento de encostas; lixo de toda natureza, inclusive o hospitalar, derramado em suas águas, é notório que ele sempre está correndo, movimentando-se e permitindo que a vida se faça presente em suas margens, porque seu maior objetivo é movimentar-se em direção ao Rio Solimões e, a partir deste, alcançar o mar e o mundo.

Na minha trajetória, também encontrei dificuldades para trilhar o caminho: dúvidas, incertezas, adversidades, mas jamais perdi o otimismo. Fiz das contrariedades, possibilidades para vencer, através dos estudos.

Figura 24: Corredor do Centro Esperança, com acesso ao prédio recém-construído.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 1998.

Em 1998, além da conclusão do curso de Magistério de 1ª a 4ª série. Foi também o ano da minha primeira experiência profissional remunerada com o ensino

²⁵ Fundada em 1994 é uma Instituição administrada pela Igreja Católica que atua como espaço de educação, cultura e cidadania (informática, música, teatro, bordado, pintura, artesanato, dentre outros) para crianças e adolescentes de 11 a 18 anos, no contra-turno escolar.

de Informática, visto que a atuação na Escola de Informática Limas Info (1997), era mais uma oportunidade de estágio do que verdadeiramente um emprego.

No entanto, antes de falar dos episódios marcantes na minha atuação, enquanto professor de Informática²⁶, no Centro Esperança, explicarei através de trechos adaptados de um texto de minha autoria, o que é e por quê surgiu o Centro Esperança (SANTOS, 2012).

[...] Centro Esperança é uma instituição nos moldes de associação da sociedade civil de interesse público, idealizada e mantida pela Igreja Católica, através da Ordem dos Agostinianos Recoletos, na Prelazia de Lábrea.

O atendimento disponibilizado pela Instituição segue a linha padrão da criação de oportunidades a partir da educação e do trabalho, quando os menores se qualificam numa profissão e ainda recebem todo o acompanhamento social e familiar com formação para a cidadania, respeitados os direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei Federal 8.069/1990). Mesmo administrada pela Igreja Católica recebe crianças e adolescentes de outras religiões, sempre com idades entre 12, para ingresso e 18, para a despedida.

Os antecedentes históricos do Centro Esperança fazem referência à violência policial e familiar gritante na cidade de Lábrea no início dos anos 90. Por qualquer motivo, as crianças eram surradas pelos pais – e os adolescentes e jovens sofriam constantemente com a violência policial, haja vista as rixas entre jovens, principalmente os da Vila Falcão, Bairro da Fonte e São José / Barra Limpa.

A praça central se transformava em cenário de guerra, em que imperava a tomada de território entre as denominadas “galeras” da cidade. Outro ponto de encontro era a boate *Paradise*. Contudo, para *barrar* as brigas a polícia *utilizava como artifício a violência* e acabava gerando mais insegurança e desespero na sociedade. Quanto adolescentes e jovens vitimados à época!

Para garantir uma vida digna à essa população jovem de Lábrea, a Igreja Católica, impulsionada pela sua missão de bem servir a todos, voltou sua atenção para a causa da Adolescência e Juventude de Lábrea, com o intuito de minimizar o sofrimento então estabelecido.

Começaram-se assim a estabelecer metas para alcançar esse objetivo. Reuniões semanais foram realizadas no Centro Pastoral – de propriedade da Prelazia; no Colégio das Freiras (o Educandário Santa Rita) e no atual Centro de Reuniões do Centro Esperança. A intenção era fazer alguma coisa e para isso precisavam planejar ações e estabelecer estratégias.

A ideia inicial era montar a Pastoral do Menor, influenciadas exclusivamente pelo recém-criado Estatuto da Criança e do Adolescente, porém, pelo medo de retaliações por parte da sociedade resolveu-se pensar numa forma de acolher esses adolescentes e dar-lhes comida e oportunidade de aprender uma profissão, como forma de terapia ocupacional, reinserindo-os à sociedade e à escola.

²⁶ O Centro Esperança não é uma Escola propriamente dita, portanto não se utiliza a denominação Professor para os responsáveis pelas oficinas, mas, Orientador. Recentemente a direção da instituição, por solicitação da Secretaria de Estado da Assistência Social (SEAS), passou a utilizar o termo “Facilitador”.

Muitas reuniões depois e superado o medo, a partir da força do Espírito Santo, optou-se por selecionar 30 adolescentes entre meninos e meninas e oferecer-lhes treinamentos em Culinária e Costura (para as meninas) e Gesso e Pintura (para os meninos), além de lanche. O trabalho era realizado durante a manhã e, à tarde, os participantes frequentavam a escola.

Assim nascia, em 1994, o Centro Esperança²⁷ [...].

Feitos os devidos esclarecimentos sobre a natureza institucional do Centro Esperança, vamos compreender como se deu o meu ingresso nessa instituição...

O diretor do Centro Esperança, em 1998, era o padre Frei Joaquín Pertiñez Fernandez, OAR²⁸, que me conhecia desde o período em que servi como coroinha na Igreja Catedral de Lábrea (1989 a 1991). Eu sempre o cobrava uma oportunidade de emprego quando ele celebrava missas na Igreja de São Francisco, no Bairro da Fonte, onde eu residia.

A primeira fase do Centro Esperança (1994 a 1997) foi repleta de adversidades: adolescentes para atender, recursos financeiros escassos, infraestrutura insuficiente, poucos, em número de voluntários. Em grande quantidade mesmo, apenas as críticas públicas da sociedade e, principalmente, da classe política. Inclusive com retaliação pública à instituição.

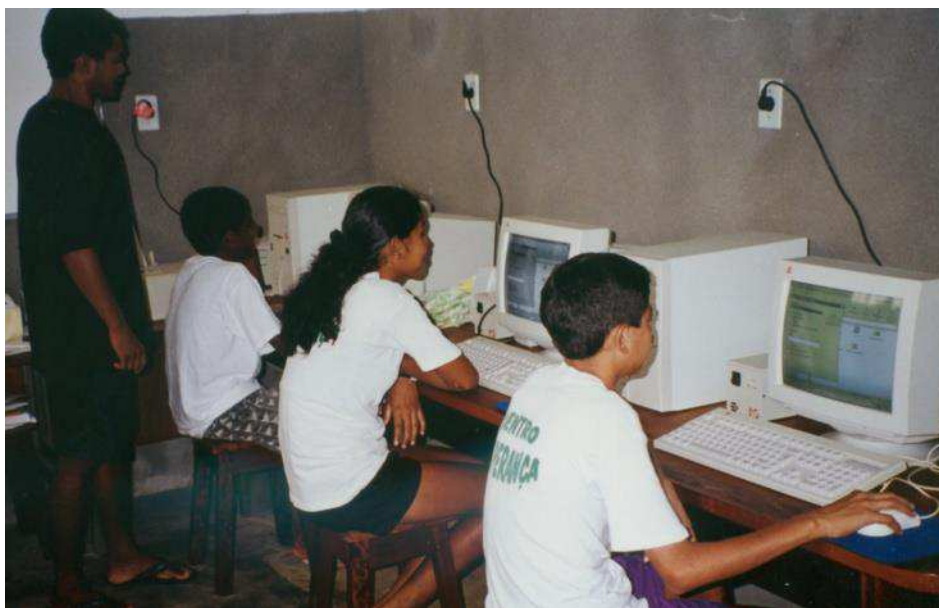
Em 1998, houve uma reestruturação na infraestrutura, com a ajuda do governo do Estado do Amazonas. O Centro Esperança passaria a contar com um maquinário apropriado para metalúrgica e marcenaria; com ampliação de oficinas; construção de muros; reformas no telhado e o mais significativo para a época: a implementação de um Laboratório de Informática.

À época, a Informática era novidade para a cidade. Para título de conhecimento, apenas instituições como Banco do Brasil e Prefeitura tinham computadores. A Escola de Informática Lima Info, por exemplo, contava com apenas quatro e nas residências de Lábrea praticamente não havia computadores, salvo raríssimas exceções.

²⁷ Hoje (2017) o Centro Esperança possui 400 alunos, 15 facilitadores e 15 oficinas, além de 3 coordenadores e está presente também nas cidades de Tapauá e Pauini.

²⁸ Ordem dos Agostinianos Recoletos. Instituição católica cujo carisma vem de Santo Agostinho. Tem sede na Espanha e duas províncias no Brasil: Santa Rita de Cássia e São Tomás de Tolentino.

Figura 25: Durante as aulas de Informática, no Centro Esperança.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 1999.

Fui convidado por Frei Joaquín para atuar como instrutor de Informática na instituição, por ser um dos poucos com experiência no ensino de Informática (pelo ano que atuei na Limas Info) e certamente por ter uma vida dedicada à Igreja, já sendo os líderes do clero local, conhecedores dos meus princípios. Passei por uma longa entrevista com o Bispo de Lábrea, acerca da metodologia a ser adotada e da importância da Informática para os integrantes do Centro Esperança.

Mesmo não sendo o Centro Esperança uma escola propriamente dita, a experiência de magistério seria importante para auxiliar os adolescentes durante as aulas e manuseio do computador, além das práticas didático-pedagógicas para o ensino e no relacionamento interpessoal entre adolescentes, pelas suas diferentes origens, situação econômica e social e até de credo. Era uma diversidade que demandava acompanhamento e dedicação especiais.

A instituição possuía diversas oficinas: Talha, Pintura, Marcenaria, Metalúrgica, Bordado, Crochê, Culinária, Tecelagem, Eletrônica, respectivamente com seus adolescentes e orientador específico. Para as aulas de Informática, seriam integralizados adolescentes de todas as oficinas e então surge o primeiro desafio: o processo de seleção, através do conhecimento de detinham de Datilografia, da série que cursavam na escola e pela idade (os mais velhos seriam os primeiros a realizarem o curso de Informática).

Figura 26: Equipe de Orientadores do Centro Esperança.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 1998.

O Setor de Informática do Centro Esperança, como era chamado, possuía de um lado 5 máquinas de Datilografia e do outro, o sonho de todos os adolescentes da instituição (e também de vários cidadãos de Lábrea), 5 computadores pessoais da marca UIS, empresa de ponta na época. Os computadores tinham a seguinte configuração, conforme observado na Tabela 1.

Tabela 1: Configuração dos computadores utilizados no Centro Esperança, em 1998.

MODELO	DM 2166
PROCESSADOR	Intel Pentium MMX 166
GABINETE	Tipo Desktop
SISTEMA OPERACIONAL	Windows 98
MONITOR	14"
TECLADO	95 teclas
MOUSE	3 teclas
PLACA DE VÍDEO	VGA de 2 MB
HD (Hard Disk ou Disco Rígido)	2.1 GB
MEMÓRIA RAM	16 MB
FLOPPY DISK DRIVE (FDD)	1,44 MB

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para os dias atuais, a configuração desses computadores é considerada inoperante, se relacionarmos: velocidade do processador, recursos do Sistema Operacional, disponibilidade de Memória RAM e capacidade de armazenamento do Disco Rígido, porém, vale lembrar que nos reportamos há 20 anos e de uma instituição localizada no interior do Estado do Amazonas.

O que nos faz estabelecer a visão de futuro da Igreja Católica, a oportunidade que disponibilizou a adolescentes em uma época tão carente de educação e o principal, o pioneirismo no ensino de Informática com a aposta promissora na Tecnologia da Informação e Comunicação como relevante para o futuro dos integrantes do Centro Esperança.

Figura 27: Durante as aulas de Informática e Datilografia.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 1998.

Um desafio enfrentado foi a imparcialidade necessária quanto à similaridade da idade. Os meus alunos na Informática tinham praticamente a minha idade. Estavam já com 16 ou 17 anos e eu tinha 18. Alguns confundiam as responsabilidades enquanto orientando e orientador, o que foi vencido graças à minha habilidade nas relações humanas.

Figura 28: Confraternização em homenagem às mães.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 2000.

Outra situação emblemática era que além das aulas de Informática e Datilografia era também responsável pelos eventos sociais, culturais e esportivos realizados no âmbito da instituição, o que me exigia atenção para as aulas de laboratório e para temáticas relacionadas a festa do Dia dos Pais, das Mães, das Crianças; gincanas; os campeonatos de futebol de campo, outras atividades e modalidades esportivas e apresentações teatrais.

É importante lembrar que ainda tinha o cansaço físico e mental, porque após todas as atividades diurnas no Centro Esperança, eu ainda tinha as aulas do 3º magistério, à noite. Foi um desafio!

Tal qual o Rio Purus, que continua a movimentar-se mesmo diante das situações causadas pelo homem (poluição, desmatamento de encostas, destruição de nascentes) ou seja, que são causas estranhas à sua condição, tive que encontrar alternativas para encarar esses desafios e também continuar a trajetória.

O que fiz, para tanto, foi estudar muito para possibilitar aprendizado e acesso a tecnologias a esses adolescentes, numa época em que operacionalizar computadores na cidade era privilégio para poucos. E assim fomos vencendo e aprendendo juntos.

De acordo com o plano do curso, a intenção era formar operadores de computador, com habilidades necessárias para utilizarem computadores pessoais a fim de executarem as principais funcionalidades operacionais: conhecendo a história

do computador, seu funcionamento interno, questões de hardware (memória, disco rígido, impressora, scanner), de comandos do MS-DOS (format, diskcopy, copy, etc), de Sistema Operacional (operações com arquivos, pastas e configurações gerais do sistema Windows 98) e de Software (Word e Excel 97, com a realização e organização geral de documentos e planilhas eletrônicas e seus recursos essenciais).

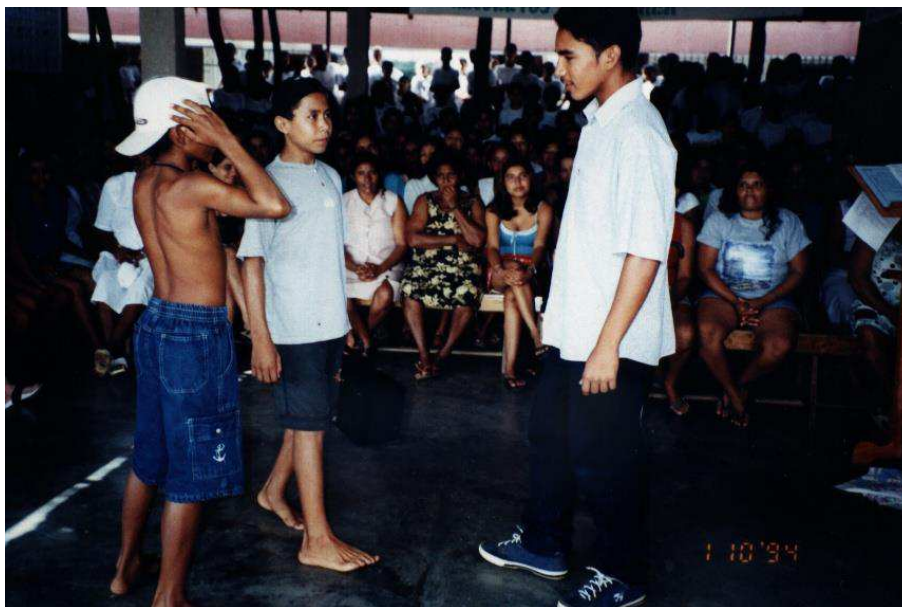
A dedicação ao planejamento das aulas foi fundamental para o sucesso das mesmas. Com o passar dos dias, percebia que mais aprendia do que ensinava, por isso, gosto tanto da expressão “aprendemos juntos”. A cada nova temática, a cada novo desafio, um aprendizado diferenciado e uma parceria inigualável com os adolescentes. Era fantástico vê-los executando tarefas no computador, numa época em que toda a tecnologia era novidade em nossa cidade.

Tal situação me faz entender a importância do professor mediador. Aquele que facilita a aprendizagem e procura mecanismos metodológicos para que os alunos realizem as atividades, compreendendo a sistemática dos sistemas de computação, chegando a um aprendizado satisfatório. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento e passar a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno (VALENTE, 1998).

Foram quatro anos e meio no ensino de informática. Muitos adolescentes formados. Oportunidades disponibilizadas e sonhos construídos para futuros promissores, a partir de profissionais qualificados para a utilização da Informática como um todo.

Um cuidado todo especial é que além dos conteúdos programáticos, trabalhamos questões relacionadas à cidadania, religiosidade ecumênica, apresentações teatrais, manifestações culturais e outros conteúdos mediante textos e histórias implementadas dentro do curso.

Figura 29: Apresentação teatral sobre a relação pais e filhos.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 2000.

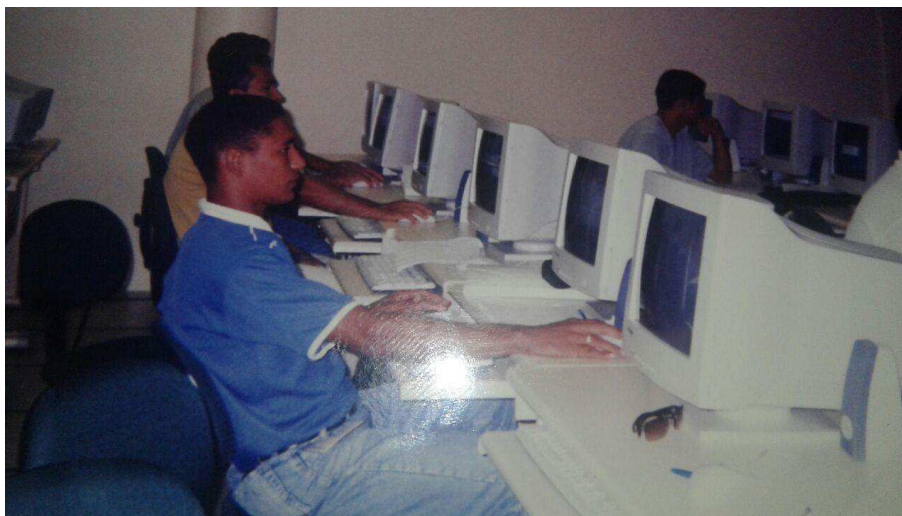
Diversos profissionais que atuam hoje no mercado de trabalho, inclusive fora do município de Lábrea, tivemos a oportunidade de orientar no Centro Esperança. Desde adolescentes integrantes da instituição a jovens e adultos que realizaram nossos cursos de Informática de 1999 a 2001, período no qual, por falta de outros centros de treinamento, disponibilizamos turmas particulares no turno noturno.

Figura 30: O adolescente Deuzemir Alves Guimarães foi o primeiro a obter a certificação de Digitador, no Centro Esperança.



Fonte: Acervo do Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, 1998.

Figura 31: Deuzemir Alves Guimarães, em treinamento em Manaus, já como Digitador da Secretaria Municipal de Saúde de Lábrea, em 2001.



Fonte: Deuzemir Alves Guimarães, 2001.

Inclusive sobre o pioneirismo do Centro Esperança no Ensino de Informática em Lábrea, escrevi um texto, datado de junho de 2007, cujos trechos apresentamos a seguir:

[...] Em meados de 1996, tivemos algumas pessoas que ministravam cursinhos básicos na cidade, mas sem a estrutura de uma escola regulamentada e quase sem alunos. Funcionava com dois alunos por computador e quase não havia procura.

O pioneirismo da Informática em Lábrea se deu quando foi instalada a 1ª escola de Informática (Escola Limas Info – que se localizava na Rua 24 de agosto, no Centro). A procura foi intensa e a escola tinha quase 100 alunos, mesmo tendo apenas 4 computadores. Tal fato se deu no ano 1997. No final deste, os proprietários da Escola mudaram residência para o município de Presidente Figueiredo e a escola então foi desativada.

No ano seguinte (1998), o Centro Esperança – da Prelazia de Lábrea, numa visão estratégica, adotou o ensino de Informática para os menores que freqüentava tal Centro e aí sim aconteceu o *boom* da Informática e esta começou a ter uma dimensão geral, com oportunidade para todos, mesmo que, num primeiro momento, apenas para os integrantes do Centro Esperança.

Em 1999, numa estratégia visionária, a direção do Centro Esperança resolve abrir os cursos noturnos para que a população tivesse acesso à Informática. Era uma imensidão de alunos. E não havia vaga para tanta gente. A partir desse momento, a informática despontou em Lábrea e se, em 1996, não mais de 10 pessoas tinham computador em casa, no final de 1999, esse número já era considerável e, estimamos em cerca de 200

peessoas detinha o conhecimento básico em Informática através do Centro Esperança. [...] Trechos de “A Tecnologia da Informação em Lábrea” (SANTOS, 2007).

Tantos episódios marcantes vivenciados naquela instituição, e após tantos anos fazendo o bem e gereciando oportunidades aos adolescentes de Lábrea e à sociedade de forma geral, decidi em 2013, prestar uma homenagem à instituição e iniciei a escrita de um livro (que está 35% concluído) em homenagem aos 25 anos da instituição, que será celebrado em 2019. A apresentação da obra enfatiza:

[...] 25 anos é uma data tão importante que se convencionou a adotar a expressão Jubileu de Prata em sua comemoração. Mas o que seria do tempo cronológico sem as experiências vivenciadas no dia-a-dia?

Este é o desafio dessa obra, que se propõe a contar um pedacinho da história perpassada pelo Centro Esperança – da Prelazia de Lábrea – nestes 25 anos de vida.

São tantos os ensinamentos repassados, histórias vivenciadas com afinho e verdade, exemplos de vida para várias gerações, experiências recíprocas e tantos momentos que tornam o nosso desafio ainda maior.

Nos utilizamos de pesquisa, entrevistas com alunos, orientadores, religiosos, personalidades da sociedade, pais e pessoas envolvidas no projeto, além da nossa atuação direta no período de 1998 a 2002, e contar, gotas da história do Jubileu de Prata do Centro Esperança.

A obra está dividida em três capítulos: Origem, Legado e Futuro, onde serão descritas as seguintes informações:

No capítulo I – A Origem, descreveremos com propriedade o porquê da criação do Centro Esperança, os antecedentes, o momento histórico e as personalidades envolvidas no processo.

O capítulo está subdividido em: a presença Agostiniana Recoleta em Lábrea; a década de 1990: mudança política e social e o papel da criança e do adolescente; a violência infanto-juvenil em Lábrea; a idealização do Centro Esperança: luzes e sombras e, Concretização do Projeto: os fundadores.

No capítulo II – O Legado, abordaremos a importância do Centro Esperança para a sociedade, que através da Educação, implementou uma política social específica, criando oportunidades para crianças, adolescentes e jovens da cidade, preparando-os para o futuro.

Esse capítulo subdivide-se em: a educação através do trabalho; Pioneirismo no ensino de Informática; Atividades socioculturais e esportivas; O ecumenismo religioso e, Criando oportunidades para a vida.

No Capítulo III – o Futuro, verificaremos a evolução da instituição nesses 25 anos e apresentaremos propostas a serem implementadas para que outros 25 anos sejam possíveis com a mesma intensidade.

Essa é a subdivisão do capítulo: Novas instalações: a estrutura física; Capacitação para Orientadores; Cursos e Treinamentos: novas concepções; Os desafios frente às constantes mudanças sociais; e, O que esperar para os próximos anos?

Serão gotas de uma bela história, vivenciadas e que precisam ser recontadas para que a sociedade labrense perceba a importância do Jubileu de Prata desse Centro de Ouro – que semeia esperança e transforma vidas. Isso torna a obra imprescindível para todos aqueles que desejam conhecer o Centro Esperança; para quem almeja aprofundar os conhecimentos ou mesmo desenvolver projetos sociais em quaisquer áreas de atuação. [...]

(Apresentação do livro “Jubileu de Prata de um Centro de Ouro: Memórias do Centro Esperança”, a ser lançado em 2019)

Minha permanência no Centro Esperança terminou em junho de 2002, quando optei por realizar o concurso público para a Prefeitura Municipal de Lábrea (cargo: Digitador), fui aprovado e nomeado para atuar no quadro permanente da Secretaria Municipal de Educação, a partir de 03/07/2002. Na minha despedida realizei um pronunciamento em que destaquei a importância do Centro Esperança para a minha vida profissional e das muitas oportunidades disponibilizadas na cidade pela instituição, desejando sorte e continuidade nos trabalhos para os que ali permaneciam.

Mesmo com meu desligamento do Centro Esperança continuei a acompanhar o crescimento institucional; as melhorias na infraestrutura; no quantitativo de alunos atendidos e nos contatos mantidos com os amigos que lá permanecem; motivos que me levaram, conforme citado anteriormente, a iniciar a escrita de um livro em homenagem aos 25 anos da instituição, a ser celebrado em 2019.

Na festa de comemoração dos 20 anos do Centro Esperança, celebrada em 13 dezembro de 2014, foram realizadas homenagens aos primeiros orientandos e orientadores, os quais falaram das suas atividades profissionais e da importância que a instituição teve em suas vidas. O texto sobre o evento foi escrito por mim e está disponível no endereço: <http://prelaziadelabrea.org.br/noticiasdiocese/centro-esperanca-de-labrea-comemora-20-anos/>

Figura 32: Matéria publicada no *site* da Prelazia de Lábrea, acerca da comemoração dos 20 anos do Centro Esperança, em 2014.



Fonte: <https://goo.gl/7eMJvP>.

Essa seção me fez questionar a importância da docência no interior do Estado do Amazonas. Mesmo o Centro Esperança não sendo efetivamente uma escola, tem dentre seus objetivos: acompanhar a vida social, escolar e comunitária dos partícipes, além de ministrar cursos profissionalizantes, perspectivas para o mundo do trabalho e práticas de cidadania, me levou a refletir sobre o que é ser, professor no interior do Amazonas, em Lábrea?

Para ser o mais preciso e verdadeiro possível, entendo ser desafiador, pelos, ainda escassos investimentos; pela logística dos municípios; pela parca infraestrutura das principais instituições de ensino; pelos acervos bibliográficos (in)disponíveis, inclusive com a ausência de Bibliotecas públicas. Felizmente, o que mais me deixa realizado é que, mesmo com tantas carências, muitos professores tem dedicado sua vida à causa da educação e têm salvaguardado muitos estudantes.

Ser, digamos professor, no Centro Esperança, ou melhor, Instrutor de Informática, me fez perceber a importância de transformar o professor detentor do

conhecimento, em facilitador da aprendizagem. Outro fator importante, é investir na adolescência, para que estes possam ter um futuro de oportunidades, criando mecanismos para seu crescimento pessoal e profissional.

A temática da próxima seção é direcionada ao meu percurso de autoria no serviço público, a partir da minha saída do Centro Esperança e ingresso nas três esferas de governo: na Secretaria Municipal de Educação (atuando na Escola Municipal Francisca Gomes Mendes); na Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC/AM), como secretário escolar na Escola Estadual Educandário Santa Rita e finalmente na esfera federal, no IFAM *campus* Lábrea, como Assistente em Administração.

2.2 Meu percurso de autoria manifestado no serviço público

*Não me fixo no passado. Eu só faço remanso.
Remanso é uma avaliação íntima. Um ato de
introspecção, para se rever os erros e acertos.
Quando retorno do remanso, faço-o com maior
velocidade, mais fortalecido em meus ideais.
(MACHADO, 2013, p. 109).*

O Rio Purus não se fixa no passado. Olha para trás apenas para rever sua história e refazer o navegar. O objetivo é sempre à frente, porém, ele realiza o chamado remanso²⁹ – uma espécie de introspecção, na qual reavalia determinadas situações, observando erros e acertos para então seguir mais fortalecido em busca da sua meta: continuar a trajetória rumo ao Rio Solimões. Essa analogia faz referência à conveniência de, durante a caminhada, estagnar por um momento, verificar a trajetória realizada e empenhar-se em um novo jeito de seguir.

²⁹ Retiro, recolhimento. Contracorrente junto das margens de um rio.
Disponível em: <https://www.dicio.com.br/remanso/> Acesso em 02/03/2017.

Figura 33: Remanso no Rio Purus, próximo à sede do município.



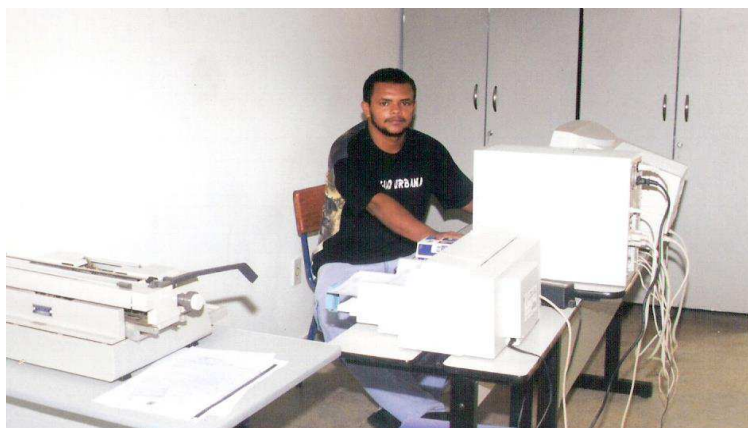
Fonte: José Rodrigues da Silva, 2014.

Nessa perspectiva, por todas as experiências advindas da caminhada no Centro Esperança, em tudo o que vivenciei durante a minha trajetória acadêmica, resolvi fazer uma autoavaliação, verificando o meu caminhar e o que deveria traçar a partir da introspecção realizada. Analisei os prós e os contras da caminhada e decidi adentrar no serviço público, visando maior segurança financeira para a minha família e estabilidade na carreira, mas sem abandonar a paixão pela escrita e pela Informática.

O passo inicial para esse novo caminho se deu quando participei do certame para a Prefeitura Municipal de Lábrea para o cargo de Digitador. Detalhe: muitos dos candidatos foram meus alunos. Após as etapas estabelecidas no edital: Prova Escrita e Prova Prática (inclusive esta etapa foi realizada no Centro Esperança), fui aprovado para ocupar uma das dez vagas ofertadas.

Fui nomeado no dia 1º de julho de 2002, através do Decreto Municipal nº 123/02; entrei em exercício no dia seguinte e após um período de adaptação na Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), fui lotado na Escola Municipal Francisca Gomes Mendes, para exercer a função de secretário escolar, onde atuei até 18 de março de 2004.

Figura 34: Na Secretaria da Escola Municipal Francisca Gomes Mendes.



Fonte: Acervo Pessoal, 2003.

Objetivando o crescimento profissional, prestei novo concurso para o serviço público, desta vez para a esfera estadual. Realizei o concurso da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino (SEDUC/AM) para o cargo de Assistente Administrativo, em Janeiro de 2004.

Este certame teve apenas uma Prova Escrita, cuja aprovação foi garantida; a nomeação publicada no Diário Oficial do Estado, de 27/02/2004, pág. 2 e o exercício efetivado na Escola Estadual Educandário Santa Rita, a partir de 19/03/2004 (Memo. Nº 011/04 – Setor de Pessoal).

Figura 35: Organização da I Mostra de Paineis da Escola Estadual Educandário Santa Rita, com homenagem à Ir. Glorinha Lovato (ex-diretora) e premiação dos melhores alunos do ano.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Educandário Santa Rita, 2010.

Mais uma vez, a paixão pela docência é despertada em mim. Em ambas as escolas, atuei na secretaria escolar e porque os quadros funcionais não dispunham dos profissionais necessários (Pedagogos, Assistentes de Alunos, Supervisores), contatava e acompanhava muito os alunos e professores, o que permitia auxiliá-los em determinadas atividades, habilidade advinda com as experiências do curso de Magistério e dos anos como orientador no Centro Esperança.

Até novembro de 2011, esse era o caminho que me permitia não fixar o olhar tão somente para o passado, mas para (re)pensar novas possibilidades para a vida pessoal e profissional, através da relação desenvolvida com alunos e professores, principalmente no Educandário Santa Rita, instituição em que fui responsável pela co-organização de festas juninas, concursos literários e coordenação do I Painei da Escola³⁰, em 2010, figura 35.

Nove anos de secretaria escolar me possibilitaram vivenciar a escola por um novo viés: mesmo atuando em atividade meio, acabava por contribuir na atividade fim, ao tempo em que observava as ações e estratégias docentes e o aprendizado discente, ampliava as possibilidades para uma futura atuação com tal, mesmo não sendo professor de carreira. Aprendemos direta e ensinamos indiretamente, por meio do diálogo, da cooperação e da co-participação em atividades docentes.

Nesse período, meus escritos principais se direcionaram para concursos de poesias na cidade: através de eventos das diversas comunidades, apresentações teatrais para grupos de catequese e paródias para concursos na Igreja ou efetivados pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, conforme Tabela 2.

Tabela 2: Alguns dos escritos elaborados no período de 2000 a 2011 para apresentações diversas na cidade.

POESIAS/POEMAS	PARÓDIAS	BREVES APRESENTAÇÕES TEATRAIS
Brasil 500 anos: Parabéns ou Pêsames? (2000)	Do mundo do pecado para o reino da graça (La Solitudine – Renato Russo) – 2000	Vale a pena Sonhar (2001)
Vida Nova em Maria (2001)	As súplicas de Cristo (Strani Amore – Renato Russo) – 2001	Gravidez! E agora? (2001)

³⁰ Atividade em que a Escola apresenta à comunidade escolar (interna e externa) e a representantes da SEDUC/AM, resumo de sua atuação durante o ano (História, Dados atuais, Projeções, Projetos, Situação em Avaliações estaduais e nacionais, etc...). É uma forma de apresentar a Escola a todos os seus atores e formalizar a sua trajetória educacional.

As Súplicas de Maria (2001)	Veneração à Maria (Vento no Litoral – Legião Urbana) – 2002	O preço do Amor (2002)
Inesquecível Guerreiro (2002)	-	Desemprego (2005)
Tudo se Vai (2002)	-	Maria, mulher de coragem! (2006)
Lábrea 120 anos: Parabéns ou pêsames? (2006)	-	Romaria da Terra e das Águas (2007)
Mulheres de Lábrea (2008)	-	Natal: o nascimento do Menino Deus (2008)

Fonte: Elaborada pelo autor.

O terceiro degrau, alçado no serviço público, ocorreu com a publicação do Edital para provimento de vagas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFAM³¹, criado através da Lei nº 11.892/2008 e inaugurado em Lábrea no mês de Fevereiro/2010, identificado como IFAM *campus* Lábrea³².

O certame [Edital nº 004, de 19/02/2010, publicado no DOU de 22/02/2010] aconteceu no mês seguinte ao da inauguração da instituição [março] e foram disponibilizadas quatro vagas para o cargo pelo qual optei: Assistente em Administração. Divulgado o resultado oficial, fiquei na 6ª colocação, o que não me permitiu nomeação imediata.

Após as duas primeiras nomeações para o *campus* e com a ingente necessidade de servidores fui nomeado através da Portaria nº 1.123-GR/IFAM/11 e entrei em exercício no dia 13 de dezembro de 2011 e lotado (pela 3ª vez) na Secretaria Escolar, setor que no IFAM é chamado Coordenação de Registros Acadêmicos (CRA).

Confesso que me senti frustrado porque gostaria de conhecer e atuar em outros departamentos. O que começou a se tornar realidade dado o exíguo número de servidores na instituição, ocasionado principalmente por vacância para posse em

³¹ IFAM é a sigla para Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, criado através de Lei Federal nº 11.892/2008, que integralizou numa mesma Instituição, os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) e as Escolas Agrotécnicas Federais.

³² O IFAM *campus* Lábrea é oriundo da expansão II da Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica, objeto da Lei Federal nº 11.892/2008 e foi inaugurado, em fevereiro de 2010, com a missão de ser referência da Educação Profissional e Tecnológica para o desenvolvimento regional do Médio Purus.

outro cargo público inacumulável ou exoneração a pedido³³ (Art. 33 e 34 da Lei 8.112/1990). Isso posto, atuei na Coordenação de Gestão de Pessoas (junho/2012 a dezembro/2014) e posteriormente na Chefia de Gabinete (janeiro/2015 a fevereiro/2016, o que me fez obter outros conhecimentos para a carreira.

Figura 36: Acompanhamento realizado junto aos alunos responsáveis pelos registros dos atendimentos de expedição de documentos. Projeto Rede IFAM Social.



Fonte: Acervo do IFAM *campus* Lábrea, 2015.

As responsabilidades pelos setores por que passei nunca foram empecilho para que eu me dedicasse a atividades fins na escola: projetos ou programas de cunho social ou educacional (assim como nas demais instituições em que atuei). Solidariedade e cooperação sempre fizeram parte da minha práxis profissional. Na figura 36, para citar um, dentre vários exemplos, faço o acompanhamento dos registros de atendimentos à população quanto à expedição de documentos pessoais, disponibilizados através do Projeto Rede IFAM Social³⁴, que ajudei a coordenar.

³³ A rotatividade de servidores é uma constante no IFAM *campus* Lábrea. Dentre os motivos apontados para estão: o servidor que é de outra região do país não se adapta à cidade, há casos de remoção ou permuta, através de cooperação técnica e ainda quanto há aprovação em outros concursos públicos que não permitem acumulação.

³⁴ Projeto Rede IFAM Social: a imprescindível interação *campus* Lábrea - Comunidade, artigo baseado no projeto de extensão homônima, realizada no âmbito da instituição com o

De outras reuniões e encontros dos quais participei, quer seja da Diretoria de Administração e Planejamento (em que sou lotado), quer seja da Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (em que participo como Chefe de Gabinete e me disponibiliza contato direto com professores e alunos), permitiram minha laboração na formulação de uma coletânea de textos escritos por alunos e servidores do IFAM *campus* Lábrea, fruto de um concurso literário, organizado por Carvalho e Lopes (2015), respectivamente, Bibliotecária e professor de Filosofia do *campus*.

O poema de minha autoria – “Lábrea de progressos (e regressos) tantos!”, retrata o paradoxo entre os avanços e seus efeitos colaterais impetrados à cidade de Lábrea desde sua “fundação”, bem como a relação entre sustentabilidade e avanços tecnológicos, com vistas a um futuro promissor a cada cidadão e foi um dos aceitos para a obra.

Quisera eu que essas palavras / Expressassem apenas
Tão esperada alegria / Não posso, porém, evitar
De apresentar os lamentos / que diante de tanto progresso
Fez a nossa história manchar.

Do nascimento de Lábrea / Nas barrancas do caudaloso Purus
Uma história se encaminha. / Muito índio aqui vivia
Logo chegara a turma do Coronel / O que será que ele procurava?
Drogas do sertão e madeira explorava!

Era só o primeiro capítulo / De uma história de luta:
O caboclo da terra e o nordestino / E mais o índio e o negro
Uma incrível mistura de raças. / Que vivendo mata adentro
Tiravam da selva o sustento.

Pouco conhecendo a terra / E sem o necessário saber
Os ricos tomaram conta / da terra mais valiosa
Pro pobre sobrou apenas / Muito trabalho e pouco dinheiro
Vivendo a duras penas na condição de seringueiro

E depois de tanto tempo / Sem o chamado ouro branco
Lábrea saiu a procurar / Novas formas pra se reinventar
Mas o que fazer sem oportunidade e emprego / Pouca cultura e baixa
escolaridade
para viver a tão mencionada sustentabilidade?

Ela é condição fundamental / Para a sobrevivência de todos
Usar o recurso natural existente / Pra num futuro emergente
Os nossos queridos irmãos / Desfrutem da mesma sorte
E não sejam envolvidos por ambiente de morte.

intuito de, através de uma rede de cooperação entre instituições, levar atendimento cidadão à população, cujo relato da nobre experiência com a atividade foi publicado na Nexus Revista de Extensão do IFAM, Vol. 3 – Nº 1 – Junho 2017, p. 79 - 85 (ISSN: 2358-9981 e ISSN-online: 2447-794X).

Apresentado o conceito / Olhemos pra nossa vida
 O que precisa mudar / Na nossa relação com a natureza?
 O que nossa Lábrea faz / Pra resolver a questão social
 E quais devem ser as atitudes quanto a ambiental?

Abramos um pequeno parêntese / Para tratar de outro tema
 Que também é relevante / E merece nossa atenção
 Mesmo que pra tanta gente / Seja tabu, pra outros, euforia
 Vamos entender um pouco da tal tecnologia...

Pode se aplicar a várias áreas / Técnica, arte ou ofício
 É só observar nossa relação com o mundo / Onde tudo é feito no menor
 tempo possível
 Do advento da *internet* / Ao mais simples celular
 Em muitas circunstâncias vamos ela encontrar

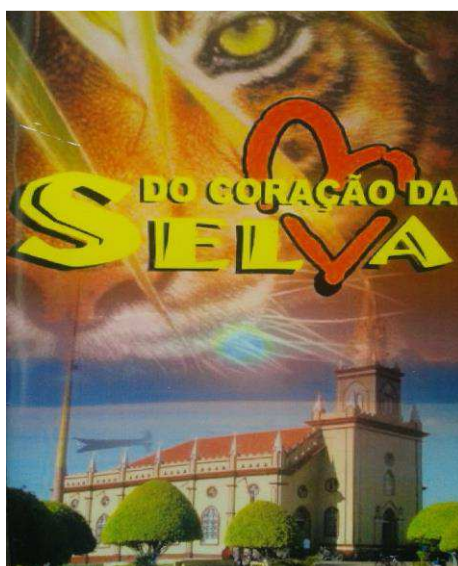
Mas como aliar tudo isso / À nossa realidade de Lábrea
 Onde tecnologia e sustentabilidade / Precisam caminhar juntas
 Rumo ao verdadeiro progresso? / RESEX, Cooperativas e Agenda
 Ambiental
 Desenvolvimento e internet, parece paradoxal!

Teoremas, conceitos, fórmulas mágicas/ Uma vida toda pela frente
 Não adianta tanto progresso / Se cada cidadão não for consciente
 Da sua importância social / Porque não há sucesso algum
 Cujas contribuição não seja para o bem comum

Com essa nossa intenção / De que tecnologia e sustentabilidade
 Sejam marcas que transforme o cidadão / formando discípulos para um
 mundo fraterno
 Que modifique a nossa história / Destruindo todos os lamentos
 E valorizando cada acontecimento...

...que fez, / Que faz / E fará / a nossa vida cada vez melhor.
 Por fim, desmistificaremos / E perceberemos todos os encantos
 De uma Lábrea de progressos tantos. (SANTOS, 2015 in “No Coração da
 Selva!”, CARVALHO; LOPES, p. 27-30, 2015).)

Figura 37: Capa da coletânea “Do Coração da Selva”, objeto do Concurso Literário organizado por Carvalho e Lopes.



Fonte: Acervo do IFAM *campus* Lábrea, 2015.

Destarte nesse período de navegabilidade pelo serviço público, tanto a autoria quanto os episódios docentes sempre estiveram presentes na caminhada. Ademais, concomitante a esse período, surgiram outras possibilidades que vieram a contribuir com a minha formação. Falo acerca dos vários cursos de qualificação profissional realizados (Secretaria Escolar, Secretariado, Informática avançada, Programação em Delphi, Redes de Computadores, Hardware, Metodologia de Análises de Sistemas, Marketing Político) e da participação em grupos e conselhos de cunho social (Grupo Amor-Exigente, Animação Bíblico-Catequética e Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente).

E, em caráter explicitamente acadêmico - do Curso Técnico em Informática; da Graduação de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e da Especialização em Gestão Pública Municipal.

2.3 As experiências advindas com a Graduação e Pós-graduação

*Quando os obstáculos em meu caminho
aparecem, eu me movimento mais rápido. Eu não
discuto, não me oponho a eles, eu os acolho tendo
a certeza que uma grande força dentro de mim vai
me fazer contorná-los. É diante dos grandes
obstáculos que aprendi as nobres lições para uma
vida de qualidade. (MACHADO, 2013, p. 121).*

Na seção anterior comentei que, após um período de prática profissional como instrutor de Informática no Centro Esperança, atuei nove (9) anos no serviço público. Mesmo surgindo várias intempéries não desisti dos meus objetivos, pois, ao contemplar o rio Purus percebi que, ao se deparar com obstáculos, ele se movimenta mais rápido: não se opõe às adversidades - umas contorna e outras arrasta pelo caminho. É justamente nesses obstáculos que aprendemos lições fundamentais para uma vida de qualidade. Encarar com naturalidade porque entraves sempre farão parte da nossa caminhada.

Figura 38: Os obstáculos que surgem ao longo da caminhada do Rio Purus: troncos, galhos, balseiros...



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2014.

Por isso, durante a atuação no serviço público volvi-me para a trajetória acadêmica, visando o aperfeiçoamento da vida profissional e do desenvolvimento da pesquisa, através de novos caminhos para o futuro. Nessa trajetória, é notório observar que nos cursos realizados surgiu o questionamento acerca da importância da pesquisa, o que no entender de Marques (2002) Pesquisar é:

[...] produzir um texto de rica intertextualidade no qual se conjuguem, em uma intersubjetividade sempre ativa e provocante desde suas bases socioculturais, as muitas vozes de uma comunidade argumentativa especialmente convocada para o debate em torno de determinada temática; sejam as experiências do pesquisador, sejam os testemunhos de um campo empírico, sejam os testemunhos de respectivo campo teórico. (MARQUES, 2002, p. 229).

De acordo com essa perspectiva e num ambiente ainda não explorado: a pesquisa, percebi a importância de investigar determinadas temáticas e pus-me a adotar um olhar especial para a realização de pesquisas de relevância social, com o intuito de fortalecer a vida social e comunitária daquele *lócus* investigado.

Para isso, minha primeira experiência vislumbrando a graduação, teve início em 2003, quando comecei a preparação para o vestibular da Universidade do

Estado do Amazonas (UEA)³⁵, com o intuito de cursar Licenciatura em Informática, no município de Itacoatiara/AM. Prestei o vestibular em 2004, e em meio aos mais de 1.200 candidatos, fui classificado para ocupar uma das 40 vagas ofertadas para o curso.

Figura 39: Classificação Geral do vestibular para Licenciatura em Informática, em Itacoatiara 2004, acesso 2005.

Lista dos Classificados - UEA 2004						
CURSO	G027	Licenciatura em Informatica		Noturno	Itacoatiara	
CODIGO	NOME	Grupo	Class.	SIGLA	TOTAL	
0056423	ADRIANA LEMESZENSKI ATAIDE	04	39	LIIA	48	
0056683	ALCI DE ANDRADE LIMA	04	14	LIIA	54	
0088753	ALESSANDRO AFONSO DE SOUZA	04	31	LIIA	50	
0056821	ALESSSANDRE ROQUE G. RODRIGUES	05	1	LIIB	83	
0056823	ALINE BARROSO DA SILVA	04	11	LIIA	56	
0098838	ALTERNEI DE SOUZA BRITO	04	10	LIIA	56	
0057108	ANA PAULA VIEIRA MOTA	04	40	LIIA	48	
→ 0070641	ANTONIO PAULINO DOS SANTOS	04	3	LIIA	60	
0057620	ARMANDO DA SILVA REBELO JUNIOR	05	7	LIIB	57	
0057926	CARLOS ELEOTERIO DE MORAES	04	12	LIIA	55	
0058952	EDUARDO CESAR OLIVEIRA BATISTA	05	3	LIIB	71	

Fonte: http://concurso.fgv.br/resultados/uea04/2e_result_nome.cfm
Acesso em 02/09/2004.

Após uma comemoração tímida para o tamanho da conquista, preferi, ao invés de comemorar a aprovação, iniciar tratativas para conseguir uma transferência da SEDUC-AM, de Lábrea para Itacoatiara e manter o cargo público. Foi negado o pedido (por eu estar iniciando no quadro da Instituição).

Outra alternativa era conseguir uma bolsa-auxílio da Prefeitura Municipal de Lábrea, o que também fracassou (por falta de recursos!). E por ser eu o único membro da família com emprego (meu pai já havia falecido), pensando na minha família: mãe e irmãos; no início da carreira na SEDUC-AM e na expectativa de implantação da UEA, em Lábrea, optei por não mudar de município para fazer o curso.

Contudo, em 2006, surgiu pelo CETAM³⁶, a possibilidade de cursar o Técnico em Informática. Se não foi possível ir a Itacoatiara cursar Licenciatura, aproveitei a instalação do CETAM, em Lábrea, para me formar como Técnico. Por funcionar na

³⁵ É a sigla para Universidade do Estado do Amazonas, criada em 2001 com a missão de interiorizar a oferta de Ensino Superior, formando mão-de-obra para o desenvolvimento de cada sub-região onde está instalada.

³⁶ É a sigla para Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, que iniciou suas atividades no município de Lábrea em 2007, com a oferta dos Cursos Técnicos em Enfermagem e Informática.

forma de parceria, o curso foi ofertado na Escola Estadual Professora Balbina Mestrinho, sob coordenação própria e professores, em sua maioria, vindos de Manaus para ministrar as disciplinas.

Para colar grau, precisávamos apresentar uma pesquisa com relevância social e indicativos viáveis para implementação de proposta que solucionasse ou amenizasse determinada carência na cidade. Tive como colegas de trabalho de conclusão de curso: Antônio Francisco Carvalho do Nascimento e Francisco Vieira Lima e como orientadora a professora Maria Azevedo Bezerra.

Nessa etapa do curso, percebi a relevância de todas as vivências e experiências da minha trajetória acadêmico-profissional: relacionando todas as pessoas da família (especialmente meu pai), amigos, professores, clero local e chefes imediatos, leituras realizadas, textos escritos, atividades e relações interpessoais formalizadas na caminhada. O que é enaltecido por Tardif (2014), quando estabelece que

[...] a vida familiar e as pessoas significativas na família aparecem como uma fonte de influência muito importante que modela a postura da pessoa toda em relação ao ensino. As experiências escolares anteriores e as relações determinantes com professores contribuem também para modelar a identidade pessoal [...] e seu conhecimento prático. Acrescentam-se também a isso experiências marcantes com outros adultos, no âmbito de atividades extraescolares ou outras (atividades coletivas: esportes, teatro, etc). (TARDIF, 2014, p. 73).

Nosso projeto final no curso técnico foi intitulado “Informática na Educação: Analfabetismo digital na faixa etária de 30 a 50 anos no município de Lábrea”, que tinha como objetivo investigar a situação desse público quanto à utilização de computadores e, a partir dos resultados obtidos, apresentar como proposição a criação de um “Centro Itinerante de Ensino de Informática”, a ser instalado nos bairros, por determinado período. E após conclusão daquela turma, o laboratório se deslocaria a outra, até que se formassem adultos dessa faixa etária, em todas as comunidades da cidade.

Realizamos, para isso, uma extensa revisão de literatura acerca da importância da instrumentalização de equipamentos a serem utilizados na educação; dos diferentes usos do computador para o ensino; da importância do uso da tecnologia para o público dos 30 aos 50 anos, a fim de conhecerem os recursos básico do computador, inclusive para a utilização de terminais de caixas eletrônicos ou outros serviços necessários, o que é manifestado por Demo (1997, p. 9), quando

diz que “aprender a aprender e saber pensar, para intervir de modo inovador, são as habilidades indispensáveis ao cidadão e do trabalhador modernos, para além dos meros treinamentos, aulas, ensino, instruções.”

Figura 40: Defesa do trabalho de conclusão do Curso Técnico em Informática (CETAM).



Fonte: Acervo Pessoal, 2007.

Antes, porém, de concluir o curso Técnico em Informática, a Universidade do Estado do Amazonas publicou edital para cursos de Graduação e de Tecnologias a serem iniciados em 2007. Fiz minha inscrição e fui aprovado para cursar Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, no então criado Centro de Estudos Superiores da UEA em Lábrea.³⁷ Se não foi possível cursar Licenciatura em Informática, em Itacoatiara, tornou-se apropriado graduar em Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

O projeto TADS³⁸, como era chamado o curso, iniciou em 2007 e foi finalizado em 2010, período no qual estudei disciplinas relacionadas à Redes de Computadores; Segurança de Redes; Programação de Computadores; Análises de

³⁷ O início do curso foi realizado nas dependências da Escola Estadual Professora Balbina Mestrinho uma vez que o prédio que abrigaria a UEA/Lábrea ainda estava em construção e foi inaugurado apenas em 2009.

³⁸ O Projeto TADS da UEA formou, em 2010, mais de 200 tecnólogos em vários municípios do Amazonas, através do Sistema IPTV, com o acompanhamento de um professor Assistente, disponibilizando mão-de-obra especializada, na área de Informática, para o mundo do trabalho.

sistemas; Engenharia de Software; Arquitetura de Computadores; Gerência de Projetos em Informática dentre outras.

Foram quatro anos de muitos desafios: implementação de sistemas, mas também trabalhos de relevância social: visitas às comunidades indígenas para discussão sobre tecnologias; apresentação de instrumentos tecnológicos a crianças do ensino fundamental (Informática e Entretenimento); estudos de um sistema para agendamento de consultas médicas numa Unidade Básica de Saúde e implementação de um Sistema para informatização de uma Biblioteca e outras experiências compartilhadas com os demais colegas e com a comunidade.

Uma atividade que merece destaque é a apresentação do Seminário “Mídias na Educação”, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia/2008, no qual meu grupo expôs a professores do município e a alunos do Ensino Médio, a necessidade premente da utilização adequada dos recursos tecnológicos em atividades de sala de aula, não como atividade fim, mas como atividade meio, a partir de um conhecimento e planejamento prévio, conforme preconiza Gatti (1993, p. 23):

[...] é preciso que a diretores e professores seja dada a oportunidade de conhecer, compreender e, portanto, escolher as formas de uso da Informática a serviço do ensino... é preciso que o professor saiba avaliar esses programas a fim de poder selecioná-los para uso em aula, adequando-os à sua programação e metodologia [...].

Figura 41: Apresentação do Seminário “Mídias na Educação”, na Escola Estadual professora Balbina Mestrinho.



Fonte: Acervo Pessoal, 2008.

O trabalho final foi realizado de forma individualizada e como eu atuava no serviço público estadual, na condição de secretário escolar da Escola Estadual Educandário Santa Rita, fui autorizado pela coordenação do TADS a implementar um projeto que viesse a resolver um problema identificado na instituição.

Após minuciosa observação realizada no ambiente de trabalho e sob as primorosas orientações do professor Pablo Augusto da Paz Elleres, da UEA, senti a necessidade de aperfeiçoar o controle de entrada e saída dos alunos da instituição através de um sistema informatizado, o que era praticado na escola através de anotações em caderneta escolar, porém, sem controle aparente para dar uma resposta imediata a pais ou responsáveis, que viessem a solicitar um relatório de frequência dos alunos ou ainda o registro dessa frequência junto aos Sistemas do MEC³⁹.

Ato contínuo a essa decisão, iniciei o processo de pesquisa para referenciar teoricamente o trabalho, abordando mormente a introdução, classificação e caracterização da instituição. A programação e as atividades desenvolvidas no Educandário Santa Rita. Uma breve apresentação sobre os Softwares utilizados na instituição: Sistema Presença⁴⁰, o Educacenso⁴¹ e o SIGEAM⁴² e finalmente o sistema a ser implementado no ambiente escolar.

Por fim, como contribuição, apresentei a proposta de implementação de um Software de Acompanhamento de Frequência Escolar, chamado SISFREQ, utilizado para cadastro de turmas e alunos, registro de entrada e saída dos discentes e emissão de relatórios com informações referentes a: presenças, ausências e justificativas dos alunos, o que segundo Santos (2010, p. 33) contribuiria de forma significativa para a escola com integralização dos dados num único sistema, acarretando maior rapidez e confiabilidades nas informações, pois

³⁹ O Ministério da Educação mantém nas escolas públicas brasileiras, dentre outros, o Sistema Presença e o Educacenso.

⁴⁰ Sistema do Ministério da Educação utilizado para acompanhamento da frequência escolar de crianças e adolescentes beneficiários do Programa Bolsa Família e do Benefício Variável Jovem, “alimentado” mensalmente pela Escola para informar ao MEC a frequência escolar de tais alunos.

⁴¹ Sistema do Ministério da Educação que visa manter um cadastro único dos estudantes brasileiros: escolas, turmas, alunos, docentes, etc, através do qual se articula a distribuição dos recursos financeiros às instituições a partir dos dados registrados pelas escolas.

⁴² É o Sistema de Gestão Escolar do Estado do Amazonas, cujo objetivo é a administração das escolas, o que permite um atendimento descentralizado, por meio de senhas e acesso devidamente autorizados pela SEDUC/AM.

[...] com a implantação deste sistema, a Escola disponibilizará de tudo o que há de mais moderno em tecnologia para um melhor acompanhamento de seus alunos, pois atualmente a escola faz esse serviço através de Carteira Estudantil, o que gera um serviço de qualidade duvidosa, além dos entraves referentes às informações prestadas ao Sistema Presença daqueles alunos beneficiários de programas sociais, que necessitam de dados seguros para aquisição de seus benefícios. [...] O SisFreq deverá ser capaz de gerenciar a frequência diária dos alunos, através de um Cartão de Identificação do Aluno, para registro de sua entrada e saída [...].

Figura 42: Tela de Registro de Frequência dos alunos no Sistema de Acompanhamento de Frequência Escolar (SISFreq), na Escola Estadual Educandário Santa Rita.

SisFreq - Sistema de Acompanhamento da Frequência Escolar

Esc. Est. Educandário Santa Rita

Data: 15/02/2011 Usuário: LENILDA LOPES BRITO Tipo: USUÁRIO

Registrar - Frequência 15/02/2011 - 11:38:10

Identifique o Aluno...

Carga Horária 04:30

Nome do Aluno Tiaqo R. Santos

Turma 1º ano 01 - mat

Último Registro 07:09:15 - Entrada Normal

Registro Atual

ENTRADA Normal Prorrogada Motivada

SAÍDA Normal Antecipada Motivada

CONFIRMAR ? OK Cancelar

Copyright 2010 - todos os direitos reservados

Fonte: SANTOS, 2010, p. 55.

A graduação foi concluída em 2010 e já no ano seguinte estava me inscrevendo para participar do processo seletivo para a Especialização em Gestão Pública Municipal, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que seria ofertado através da Universidade Aberta do Brasil (UAB)⁴³.

⁴³ A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância.

O Sistema UAB foi instituído pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006, para "o desenvolvimento da modalidade de educação a distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no País".

Disponível em: <http://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/educacao-a-distancia-uab/4144-o-que-e-Acesso> em 02/01/2017.

Aprovado no processo de seleção, iniciamos o curso cuja oferta era realizada à distância, tendo todo o acompanhamento realizado por um tutor presencial (Gercivaldo Oliveira Lima) e dos professores titulares (do quadro da UFAM), além de recursos tecnológicos em ambiente virtual Moodle⁴⁴: fórum, chat, apostilas, textos complementares, animações, vídeos dentre outros.

Para a consecução do trabalho final foram formadas equipes de três alunos e a definição de um orientador, bem como de uma temática para pesquisa. Minha equipe de trabalho foi integrada por Antonia Honorato Cardoso e Elonísia Paulino dos Santos. Devidamente orientados pelo professor Especialista Rafael Dantas de Oliveira, definindo para o trabalho final a linha de pesquisa: Trabalho, Educação e Renda.

A intenção do nosso trabalho era nobre: propor à sociedade, observada a temática, um projeto que viesse a beneficiar os jovens de nossa cidade. Nos primeiros encontros nos propomos a pesquisar a relação trabalho, educação e renda como forma de políticas públicas para a juventude labrense, o que culminou com o desenvolvimento de um Programa Municipal de Estágio, denominado “Projeto Estágio Legal”.

Nosso estudo foi realizado na Escola Estadual Professora Balbina Mestrinho, com alunos e professores da 1ª série do Ensino Médio, com o diretor da escola, além de secretários da gestão municipal para saber: a motivação dos alunos para os estudos; os problemas enfrentados pelos alunos para se manterem na escola; as consequências do Projeto Estágio Legal, quando implementado e os problemas para o desenvolvimento de projetos no âmbito do município de Lábrea.

Na visão de Cardoso; Santos; Santos (2012, s/p), como forma de contribuir com a juventude labrense, enaltecendo os estudantes que valorizam a educação e para congregar e fortalecer o tripé – trabalho, educação e renda:

O projeto [Estágio Legal] consiste na criação de 30 (trinta) vagas de estágio no serviço público municipal, com bolsa-auxílio, Auxílio-transporte e demais benefícios estabelecidos pela Lei nº 11.788/2008, obedecidos os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os estudantes serão selecionados de acordo com a média das notas obtidas durante o Ensino Fundamental e realizarão, no estágio, atividades relacionadas a

⁴⁴ MOODLE é o acrônimo de "Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment", um software livre, de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Utilizado principalmente num contexto de e-learning ou b-learning, o programa permite a criação de cursos "on-line", páginas de disciplinas, grupos de trabalho e comunidades de aprendizagem, estando disponível em 75 línguas diferentes. (<http://moodle.org>).

atendimento ao cidadão, protocolo, rotinas de escritório etc, devidamente acompanhados pela coordenação do projeto e orientados pelo Conselho Municipal de Educação e órgãos correlatos.

O projeto foi muito elogiado pela banca e permitiu que fôssemos agraciados com o título de Especialistas em Gestão Pública Municipal. O que nos frustrou foi que, mesmo com tamanha repercussão e inclusão no PPA 2014-2017, o projeto não foi executado, nesse quadriênio, no âmbito do município de Lábrea, como era nossa intenção, pelo que continuamos lutando até os dias atuais, inclusive com adaptações no projeto, com a apresentação em banner no XI Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação - XI CONNEPI, em Maceió-AL (Dez/2016) e com a publicação na Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFAM (Revista Igapó)⁴⁵, dando visibilidade ao projeto, para nova inclusão no Plano Plurianual 2018-2021 e posterior execução.

Figura 43: Preparação para a Defesa do trabalho de conclusão da Especialização em Gestão Pública Municipal (UFAM/UAB).



Fonte: Francisco Lopes de Oliveira, 2012.

E, mesmo com projetos significativos, vou convivendo sempre com dificuldades, as quais, como expressei na introdução desta seção, vou contornando

⁴⁵ Educação e Cidadania: O Estágio Legal como alternativa para a Qualificação e Inclusão do Jovem de Lábrea/AM no Mercado de trabalho, artigo baseado na pesquisa realizada na Especialização em Gestão Pública Municipal (2012) e publicado na Revista Igapó, Vol. 10 – Nº 2 – Dezembro 2016, p. 106-119 (ISSN: 1982-5498 e ISSN-E: 2238-4286).

e me fortalecendo para a caminhada. Conforme ensina Martin Luther King “[...] Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer jeito”.

Durante esse percurso, muitas imagens foram sendo construídas, na família, quanto à ascensão na trajetória acadêmico-profissional. Me enxergar como exemplo para os demais membros da família sempre foi uma constante e a principal vertente dessa realidade é a comparação evidente entre a minha trajetória e a de meu pai, aspectos relacionados à motivação para encarar novos desafios a cada nova conquista e não se abater perante os tropeços, também existentes.

Com essa perseverança, vou observando os episódios marcantes da minha história porque devemos sempre saborear a vida, sem jamais temer o futuro. E nessa última seção, abordarei o meu processo de ingresso no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, como etapa correspondente ao momento em que o Rio Purus encontra-se com o Rio Solimões e, a partir daí, para o Mar e o mundo.

2.4 Autoria no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico

Quando alcancei o meu sonho, chegando ao rio Solimões (próximo à Beruri-AM), ao me misturar às águas deste rio eu não perdi a minha individualidade ou consciência de mim. Mas contribui para que este chegue mais forte às águas do mar.
(Adaptado de Machado, 2013, p. 129)

Foi assim que: tendo um ideal... Sendo humilde... Sabendo conviver com as diferenças... Jamais perdendo o otimismo... Não andando para trás... E sempre se movimentando mais rápido quando apareciam os obstáculos, que o Rio Purus enfim, chega ao grandioso Rio Solimões (que o levará às águas do mar e daí para o mundo).

Figura 44: Foz do Rio Purus (Encontro com o Solimões). Comumente chamada pelos moradores da região de “Boca do Purus”.



Fonte: Acervo Pessoal, 2017.

Essa singularidade é similar à minha trajetória de autor-pesquisador à medida em que incentivado pelo meu pai a ter um objetivo, investi nos estudos para alcançar um futuro promissor. A partir desse aspecto, fui humilde o suficiente para perfazer a trajetória escolar, dos tempos de Escola Sementinha até a conclusão do 1º grau, na Escola Santo Agostinho, desenvolvendo a paixão pela escrita, compondo, nesse interim, os meus primeiros textos de gêneros variados.

Na vivência do curso de Magistério (de 1ª a 4ª série) tive que conviver com as diferenças; a me adaptar e formalizar amizade com alunos da Escola Balbina Mestrinho, que em tese, eram nossos adversários, porém, unimos forças para alcançar a tão sonhada formação para professor. Esse período foi de muitas produções textuais e de experiência de sala de aula, através do Estágio Supervisionado do Magistério, além das vivências como instrutor de Informática, na Escola Limas Info.

Sem perder o otimismo, antes mesmo de concluir o Magistério, iniciei minha prática profissional no Centro Esperança, como instrutor de Informática. Oportunizei aos jovens da instituição o contato direto com a tecnologia, à correta utilização dos sistemas de computação, visando um futuro de oportunidades. Aprendi no Centro Esperança, a importância de dividir experiências e ser o facilitador da aprendizagem, em detrimento de ser aquele que detém o conhecimento para transmiti-lo a outrem.

Após o período no Centro Esperança, foi momento oportuno para uma reflexão a partir das minhas vivências e tomei da decisão de migrar para o serviço público. Não para me afastar da Informática ou da docência, mas para buscar novas oportunidades. E estas surgiram quando fui aprovado para os cargos de Digitador (Prefeitura de Lábrea); de Assistente Administrativo (SEDUC-AM) e Assistente em Administração (IFAM *campus* Lábrea).

Por está sempre na Secretaria Escolar, tive a possibilidade de conviver com alunos e professores, ampliando minhas perspectivas futuras para a docência e na produção de textos cada vez mais completos e complexos, inclusive com a participação em uma coletânea no IFAM *campus* Lábrea.

Obstáculos e intempéries à parte, o período de permanência no serviço público não foram empecilho para embarcar na academia. Tanto que, mesmo cumprindo minha carga horária funcional e as responsabilidades dos cargos públicos, conclui o Curso Técnico em Informática (CETAM); o Tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (UEA) e a Especialização em Gestão Pública Municipal (UFAM/UAB), com destaque para as pesquisas de relevância social implementadas para a obtenção dos respectivos títulos.

Após trilhar esses caminhos, não era momento de parar, mas de ir além... De saborear a vida, porque não há o que temer. Observando a sinuosidade do Rio Purus que chega ao mar, alcançando o mundo; é louvável enaltecer que nesse momento minha trajetória chega ao seu ápice: o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.

A motivação para crescer enquanto pesquisador, a partir dos trabalhos desenvolvidos na Graduação e na Especialização e a necessidade de continuar a trilhar os caminhos da Educação, levaram-me a concorrer a uma das vagas no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, a ser ofertado pelo IFAM *campus* Manaus Centro, porque o rio Purus não se contenta simplesmente em chegar ao Rio Solimões. Ele quer acompanhá-lo até o mar e ao mundo e então inebria-se em suas águas e segue...

A decisão, para iniciar no processo de seleção do Mestrado, veio em comum acordo com a minha família: minha esposa Silvânia Ribeiro da Silva e meu filho Tiago Ribeiro dos Santos, de 8 anos. Ambos sempre manifestam-se positivamente nas ocasiões em que o que está em jogo são os direcionamentos dados à família,

tendo em vista que o meu desenvolvimento pessoal e profissional também é o desenvolvimento de cada um deles.

Dessa vez, a decisão não era tão trivial, haja vista que, em caso de seleção eu teria que mudar residência para Manaus e os dois permaneceriam em Lábrea (por ocasião de seus estudos). Distância, saudades, mas, a certeza de estar construindo novos caminhos para a trajetória acadêmico-profissional e de, uma forma ou de outra, incentivando-os e estimulando-os quanto à importância de buscar novos projetos, a partir dos estudos e consequentemente para a construção de um futuro de oportunidades.

Fiquei ciente de que estava tomando a decisão correta, quando ouvi de minha esposa que “[...] Estaremos sempre juntos, mesmo à distância. Decidi há muito tempo caminhar com você, então tenho que compreender que esse é o melhor caminho” e, em ato semelhante, meu filho disse “[...] vamos ficar com saudades, mas vamos ficar aguardando a sua volta. Que Deus lhe dê força e bênção”.

Figura 45: Despedida da família, no Aeroporto de Lábrea.



Fonte: Acervo Pessoal, 2016.

Com esse fundamental incentivo, mergulhei nessa trajetória tentando compreender o Mestrado e para isso tive que buscar entender a Lei Federal nº 11.892, de 29/12/2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que apresenta como um dos objetivos dos Institutos

Federais, conforme previsto no dispositivo legal, dentre outros, ministrar em nível de Educação Superior:

[...]

e) cursos de pós-graduação *stricto sensu* de mestrado e doutorado, que contribuam para promover o estabelecimento de bases sólidas em educação, ciência e tecnologia, com vistas no processo de geração e inovação tecnológica. (BRASIL, 2008, p. 2).

Nesse aspecto, levando em consideração estudos e pesquisas desenvolvidas por alunos dos cursos de licenciatura e dos cursos de tecnologia em parceria com seus orientadores; e as demandas existentes na formação de professores para atuarem nesses cursos, comprovando a necessidade de tratar focos temáticos, a partir de um enfoque investigativo, priorizou-se a proposta de um Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, no âmbito do IFAM *campus* Manaus Centro, com os objetivos de:

(i) Contribuir para a formação de pesquisadores para atuarem com investigações com temas temáticos no ensino técnico e tecnológico. (ii) Fortalecer grupos de estudo e pesquisa sobre o ensino técnico e tecnológico e (iii) Produzir conhecimentos técnico-científicos, a partir do desenvolvimento de pesquisas sobre o ensino técnico e tecnológico; (PROJETO DE REGIMENTO INTERNO, 2012, p. 3).

Figura 46: Entrada principal do IFAM *campus* Manaus Centro, onde é ofertado o Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

O Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico do IFAM, também chamado MPET, foi devidamente aprovado, em 2013, pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior, a CAPES (Código: 12003018001F6) e conta com duas

linhas de pesquisa: Processos Formativos de Professores no Ensino Tecnológico e Recursos para o Ensino Técnico e Tecnológico. (Regimento Interno do MPET, 2012, p. 1).

A concepção do curso vai ao encontro das minhas pretensões enquanto autor-pesquisador, pois o Mestre em Ensino Tecnológico é

[...] o profissional que pesquisa sobre conhecimentos sistematizados dos níveis de ensino técnico e tecnológico, centrando-se em processos formativos de professores e em situações de aprendizagem à formação do cidadão e do profissional e sua respectiva inserção no mundo do trabalho". (PROJETO DE REGIMENTO INTERNO, 2012, p. 3).

Em conformidade ao curso, o Edital nº 001/IFAM/2015, de 25/09/2015, foi o responsável pela seleção para a quarta turma do Mestrado, transcorrido no período de 25.09 a 15.12.2015. Entretanto, encarar a logística do processo seletivo foi para mim um desafio intenso: trabalho, família, responsabilidades em Lábrea e outras atividades que deveriam ser interrompidas para a participação efetiva no processo.

Contudo, o desafio de alcançar mais esse degrau na vida acadêmico-profissional dar-se-á inicialmente pela vitória frente aos 702 km de Lábrea-Manaus em linha reta (avião); em 1800 km (por linha fluvial) ou através dos 890 km (somados os trechos das rodovias BR-319 e BR-230). O conceito de distância nunca foi barreira para a minha vida, mas as altas tarifas de voos regionais; a demora de até quatro dias de barco e a (in)trafegabilidade da BR-319 e da BR-230, complicaram a situação.

De uma etapa para outra havia um interstício de sete a dez dias. Sair de Lábrea, em voo regional era a opção mais prática (e cara!), a fim de realizar a etapa em Manaus e retornar à Lábrea. Esse foi o meu navegar durante o processo.

Figura 47: Concentração para Prova Oral (Entrevista), última etapa do certame, realizada em 07/12/2015.



Fonte: Acervo Pessoal, 2015.

Após as fases constantes do certame: Publicação do edital; período de inscrições; homologação das inscrições; Avaliação do projeto; Prova escrita e Prova oral (Entrevista) fui um dos doze (12) classificados para o MPET – Turma 2016, constante do grupo da ampla concorrência, além dos colegas: Amarinildo Osório de Souza, Bárbara Castro Lapa, Domingos Sávio Martins, Emily Silva Gomes dos Santos, Francimary Nogueira Cabral, João da Costa Cavalcante Filho, Júlia Graziela Bernardino de Araújo Queiroz, Keila Crystyna Brito e Silva, Laís Cássia Monteiro de Souza Barreto, Austônio Queiroz dos Santos e Ieda Lúcia de Oliveira Santana (Os dois últimos registrados na Figura 47).

Figura 48: Registro da aula inaugural da Turma 2016 do Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, ministrada pela profa. Dra. Rosa Oliveira Marins Azevedo (07/03/2016).



Fonte: <https://goo.gl/5oZ9M5>.

Objetivo alcançado é momento de colocar em prática tudo o que vivenciei durante a minha trajetória acadêmico-profissional para trilhar novos sonhos a partir do Mestrado, de forma que o rio Purus não encerra seu ciclo quando chega no Rio Solimões, mas começa uma nova trajetória: fortalece as águas deste e colabora para a sua chegada ao mar.

É importante destacar que as reflexões realizadas nas seções anteriores, foram marcantes para evidenciar o meu sentimento de autor e/ou professor-pesquisador, haja vista que toda a minha trajetória acadêmico-profissional retrata a relação escola-pesquisa e o imensurável desejo de, no ambiente de trabalho, buscar mecanismos para ressignificar práticas (pedagógicas ou institucionais), objetivando a constituição de novos conhecimentos e contribuir tanto para o desenvolvimento pessoal e profissional, quanto para o institucional, a partir da resolução de uma problematização ali existente.

Porém, compreender esse percurso de autoria não foi uma tarefa trivial. Foi necessário recorrer a referenciais teóricos clássicos: Foucault (2002), Bakhtin (2003) e Barthes (1984) e a autores e pesquisadores nacionais: Orlandi (1988), Possenti (2002, 2013), Borges e Moreira (2004), Prado e Cunha (2007), visando compreender os conceitos e embasar teoricamente o estudo.

Observei estritamente essa minha condição de autor e de professor-pesquisador que faz seu percurso de autoria, refletindo acerca de todos os episódios

da trajetória, desde a origem de minha família, na zona rural do município de Lábrea, até o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, enaltecendo que o autor não é um mero espectador, falante ou enunciador, mas é alguém que imprime em seus escritos, uma singularidade própria, com responsabilidade com a linguagem, refletida no domínio da teoria e na história da narrativa, pois assim, asseveram Reis e Lopes (1988, p. 60):

[...] A condição de autor liga-se à várias incidências que atingem a autoria: a autoria compreende direitos e deveres ao mesmo tempo em que lhe confere uma certa autoridade, mas como tratamos do discurso literário, implica também, numa responsabilidade artística de trabalho com a linguagem, visto que o autor, enquanto produtor de linguagem, não pode eximir-se desse compromisso, ou seja, de colocar a linguagem em funcionamento se não da perspectiva do novo, mas sempre do diferente.

A partir do resgate às reminiscências de minhas histórias de professor, observados os episódios marcantes, foi possível construir o percurso de autoria ora apresentado e faz-se relevante mensurar que, todo o trabalho de reflexão e de autoconhecimento contou com o auxílio essencial de fotografias, textos, avaliações, reminiscências de memória, diálogos com outros atores, anotações, rascunhos, escritos quase indecifráveis e o imprescindível estudo dos referenciais teóricos supracitados.

O educador Paulo Freire já dizia que “[...] ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar” (FREIRE, 2005, p. 35), o que é refletido na minha trajetória acadêmico-profissional quando compreendi finalmente que “[...] a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 160).

É salutar expor que mesmo que as preocupações do nosso cotidiano às vezes nos tornem cegos para ver os sinais de luz presentes em nosso meio, necessitamos exercitar nossa fé e nossa luta pela esperança de que nossos ideais serão alcançados e que nesse ínterim sempre seremos exemplos para que outros vençam seus medos e trilhem seus caminhos, visando um futuro promissor.

O grande poeta amazonense - do amor e da esperança - Thiago de Mello (1965) enfatiza:

Não vale mais a canção / feita de medo e arremedo / para enganar solidão /
Agora vale a verdade / cantada simples e sempre / agora vale a alegria /
que se constrói dia a dia / feita de canto e de pão.

Breve há de ser / sinto no ar / tempo de trigo maduro / vai ser tempo de ceifar / Já se levantam prodígios / chuva azul no milharal, / estala em flor o feijão / um leite novo minando / no meu longe seringal.

Madrugada da esperança / já é quase tempo de amor / colho um sol que arde no chão, / lavro a luz dentro da cana / minha alma no seu pendão.

Madrugada Camponesa / faz escuro (já nem tanto) / vale a pena trabalhar / faz escuro, mas eu canto / porque a manhã vai chegar.

E essa esperança (sempre presente) me fará vivenciar com os colegas e professores de curso, experiências excepcionais para o aprimoramento de minhas práticas profissionais, quer seja como técnico-administrativo, quer seja como professor, além do aperfeiçoamento da minha escrita para a realização de textos científicos, o que pode contribuir, inclusive, para que outras pessoas se descubram autores-pesquisadores e se enxerguem professores, através de seu percurso de autoria, como autores de suas próprias histórias.

Sabe, é um processo de transformação diária, em que a cada momento, precisamos ser uma nova criatura. O objetivo é sempre mudar de vida para transformar outras vidas (Ressignificação). Não basta simplesmente ir à beira do rio admirar rara beleza e ver as águas a caminhar; é preciso pegar seu remo, equipar sua canoa e pôr-se a navegar, tal qual o rio Purus para chegar ao Mar.

Essa narrativa, finalmente, oportunizou ao pesquisador assumir a autoria do seu trabalho, organizando suas reflexões, confirmando que a pesquisa é possível de ser associada ao trabalho [de todo profissional, inclusive do] docente. Produções que constroem e reconstróem conhecimentos, atribuindo sentido e resignificando a prática, em um movimento que proporciona realização pessoal e desenvolvimento profissional (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 9).

A seguir, descrevo OUTROS PERCURSOS EM UM CONTEXTO: O IFAM *campus* LÁBREA, com as vivências e experiências advindas com a realização de Roda de Conversa com professores daquela Instituição, vislumbrando a importância da autoformação para aqueles.

3. OUTROS PERCURSOS EM UM CONTEXTO: IFAM *campus* LÁBREA

Escutar a docência, nas suas mais diversas manifestações, é captar suas pulsações, seus ritmos e suas cores. É um fluir de emoções e lembranças que constituem e afirmam as várias e diversas formas e jeitos de ser docente e estar na escola.

(ARENHALDT, 2005, p. 33).

Figura 49. Servidores do IFAM *campus* Lábrea.



Fonte: Josiane Faraco de Andrade Rocha, 2012.

Nesta pesquisa se pretende investigar um fenômeno social, pois, acreditamos, ser um desafio maior do que a investigação de um objeto físico, à medida que se busca compreender uma realidade da qual o ser humano é agente (MELO; CRUZ, 2014). O fenômeno em questão é a autoria, termo associado a estilo, subjetividade e singularidade na escrita; na qualidade de nossos textos, em consonância com a marca que deixamos nele, na nossa relação com o leitor e consequentemente com a nossa relação com o mundo.

Para tratarmos desse conceito, é necessário, entendermos a importância da Leitura e da Escrita para a concepção de um autor e/ou pesquisador, o que não é tão trivial, dada a nossa dificuldade em ler/escrever, o que torna premente a necessidade de aperfeiçoarmos essa especificidade [leitura e escrita]. A objeção quanto à leitura e escrita é legitimada quando “[...] o ingresso na vida acadêmica, seja nos cursos de graduação ou de pós-graduação, é marcado, na maioria das vezes, por um desconhecimento dos estudantes acerca [...] das culturas do escrito, próprias do ambiente acadêmico” (ANDRÉ et al, 2016, p. 38), o que fomenta a

construção de textos sem a devida qualidade e o consequente desinteresse do leitor.

No que concerne à realidade dos professores, a problemática não é muito diferente, principalmente aliando-se ademais a questão do distanciamento e/ou desconhecimento à pesquisa, conforme o exposto por Ana Maria Sadala, na apresentação da obra “Percursos de Autoria: exercícios de pesquisa”, de Prado e Cunha (2007, p. 1):

[...] Eu também posso fazer pesquisa? Mas sempre achei que quem pesquisava usava jalecos brancos, com óculos caindo sobre o rosto, cabelos despenteados e vivia em um laboratório fazendo cálculos e mais cálculos [...]. Essa foi a afirmação de uma professora de escola pública [...] quando compreendeu que também poderia ser tornar pesquisadora.

Em termos mais abrangentes, a “[...] pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como a atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, [...] que nos auxilie na compreensão desta realidade” (PÁDUA, 1996, p. 29), e dessa forma, gerar (novos) conhecimentos ou contestá-los, oportunidade na qual a leitura e a escrita são de suma importância para o processo.

É possível, ainda, perceber que todos somos capazes de pesquisar. Não nos faltam fatos, questionamentos, indagações ou problemas a investigar. O professor e sua prática docente; o aluno e o desejo de solucionar determinado problema de sua escola, de seu bairro ou de sua cidade, enfim, as possibilidades são infinitas. Onde há um problema, há um campo fértil para a construção de um (novo) conhecimento e, por conseguinte, a pesquisa.

O professor-pesquisador é, portanto, aquele que alia teoria à prática e transforma os acontecimentos recorrentes em sala de aula, em possibilidades para reflexão e ação, com o objetivo de, através da criatividade, criar mecanismos para resolução de problemas, (re)significando suas práticas, permitindo aos alunos conhecer vários processos de aprendizado (MIRANDA, 2014, p. 1).

Ao aprofundarmos os estudos acerca da formação de professores, deparamo-nos com a visão de André et al. (2012), que apontam quatro características principais para a formação docente: (i) produzir conhecimento sobre o pensar e o fazer docente; (ii) criar oportunidade de construir saberes; (iii) articular conhecimento teóricos e práticos e (iv) produzir mudanças em seu trabalho como professor.

É no contexto dessas quatro premissas, que se apresenta o Percorso de Autoria como percurso investigativo e alternativa viável para a (auto)formação do

professor, oportunidade na qual ele [professor] torna-se sujeito de sua investigação, narrando os episódios marcantes de suas histórias de professor, pois

As vivências construídas no cotidiano pedagógico ou familiar, no contexto cultural, na formação inicial ou contínua, também se constituem como uma importante fonte de conhecimentos para o trabalho do professor. Ao reconhecer e valorizar tais vivências, o docente se coloca no centro do seu processo formativo e passa de sujeito heterônomo a autônomo, capaz de construir seu próprio conhecimento a partir da realidade em que está inserido (ALMEIDA; GONZAGA, 2017, p. 1).

Para isso, é imprescindível a compreensão de alguns conceitos, entre os quais, o de autor, para o qual, o Dicionário *Online* de Português, apresenta a seguinte definição: “[...] Aquele que está na origem de, que é a causa de: o autor de uma invenção. Aquele que é responsável: o autor de um crime. Aquele que faz uma obra literária, científica, artística”. Consequentemente, autor é “[...] aquele que sabe para que e para quem escreve, enunciando que seu texto tem uma finalidade estabelecida” (FONSECA, 2011, p. 13).

A transformação do sujeito enunciador em autor, é fundamental nos dias atuais, em que está se perdendo a motivação para leitura dos textos (principalmente, os acadêmicos), e que necessitamos verdadeiramente: (i) deixar nossas peculiaridades no texto (nosso estilo); (ii) realização de textos discursivos, que retrate a realidade histórico e social, e (iii) a singularidade na linguagem, marcada pela individualidade do autor, o que é exposto por Possenti (2009, p. 95), ao (re)pensar a questão da autoria:

[...] Os elementos fundamentais para repensar a noção [de autoria], imagino, são os seguintes: por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala em autoria, pensa-se em alguma **manifestação peculiar relacionada à escrita**; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em **domínios de memória que façam sentido**; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar a verdadeira hipótese de uma **certa personalidade**, de alguma singularidade. [grifo nosso].

Realizadas tais considerações é possível compreender que percurso de autoria é “[...] aquele caminho repleto de significados construído pelo sujeito no transcorrer de suas vivências, significados esses que se transformam em experiências que dão sentido ao seu ofício docente” (ALMEIDA; GONZAGA, 2017, p.2).

Diante do exposto, por que é tão necessário que o professor se debruce quanto ao seu percurso de autoria? Não queremos esgotar todas as possibilidades, mas, é primordial expor que, a partir da compreensão e reflexão de [seu] percurso

de autoria, de acordo com o referencial teórico supracitado, o professor é passível de:

(i) Refletir sobre práticas pedagógicas que favoreçam o aparecimento de autores competentes, capazes de criar textos que demonstrem personalidade (FONSECA, 2011), independente do curso, área ou disciplina que ministre. O importante é que o mesmo seja capaz de estreitar a relação aluno-texto;

(ii) Implementar estratégias no sentido de que “[...] no seu jeito de ensinar e de pesquisar, permite-se e ao seu aluno, criar novas maneiras de pesquisar, ensinar e aprender, como sujeitos reais, que se renovam a cada novo desafio (VERA PLACCO⁴⁶), mediante seu percurso de autoria.

(iii) Partilhar o “[...] enorme prazer de criar, inventar, projetar e construir uma escola outra”. (PRADO; CUNHA, 2007, p. 6), mais engendrada com formas adequadas de escrever textos, enaltecendo a importância da autoria na pesquisa.

Para tornar esses aspectos realidade, faz-se mister que o professor reflita sobre a própria prática, sobre o seu caminhar... O que levou o professor a iniciar no mundo da leitura e da escrita? Que episódios foram marcantes na sua história de professor? O que é possível narrar a partir da sua vivência enquanto educador, que venha a contribuir para o Ensino? Como você se enxerga professor-pesquisador e/ou autor-pesquisador? É possível realizar um contraponto entre sua atuação em sala de aula e a compreensão do seu percurso de autoria?

A partir dessas reflexões, serão “[...] ampliadas percepções sobre si e sobre o outro” (MELO; CRUZ, 2014, p. 32), fatores esses que [podem] possibilitar a transformação da sujeição em oportunidade para a construção de sujeitos de sua prática profissional, autores de sua história (WARSCHAUER, 2004, p. 6), pois, vários são os caminhos que, somados, podem viabilizar a (re)significação das práticas, entre os quais estão “[...] práticas de autoconhecimento, reflexão sobre a prática profissional e seu registro e reflexões sobre as experiências de vida” (WARSCHAUER, 2004, p. 9), dentre outros.

Notadamente, para complementar essa percepção é plausível uma reflexão ao apontamento realizado por Nóvoa (2013, p. 17), em que destaca a indissociabilidade entre o pessoal e o profissional, enaltecendo a necessidade de

⁴⁶ Vera Maria Nigro de Souza Placco, prefaciando o livro: Percursos de Autoria - exercícios de pesquisa, de Guilherme do Val Toledo Prado e Renata Barrichelo Cunha (org). Campinas-SP: Editora Alínea, 2007.

rememorar a trajetória para entender o passado, no presente, projetando um futuro com a (re)definição de práticas pedagógicas, inclusive.

[...] A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino: **“Será que a educação do educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?”** (Laborit, 1992, p. 55). Eis-nos de novo face à *pessoa* e ao *profissional*, ao ser e ao ensinar. [...] Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor [...] é impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal. [Grifo Nosso]

Por todo o exposto, foi adotada, nesse estudo, a Pesquisa Qualitativa por possibilitar ao “[...] investigador verificar como as pessoas avaliam uma experiência, idéia ou evento; como definem um problema e quais opiniões, sentimentos e significados encontram-se associados a determinado fenômeno” (HERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116).

Como o problema investigado diz respeito aos episódios possíveis de serem narrados sobre percursos de autoria do pesquisador e de professores que atuam na instituição em que trabalho (IFAM *campus* Lábrea), reportou-se acerca do percurso investigativo a ser adotado na pesquisa, na crença de que são esses procedimentos metodológicos que dão ao trabalho o cunho científico, através da coleta, análise e interpretação de dados, ou seja, definindo o passo-a-passo de como será realizada a investigação (GIL, s/d, p.6).

Optamos, na primeira etapa do percurso metodológico, por meio de narrativa (auto)biográfica, em sistematizar informações referentes ao período em que o pesquisador atuou como professor, evidenciando episódios marcantes, durante o percurso de autoria, inclusive, considerando as especificidades da minha cidade de origem: Lábrea, no Estado do Amazonas, conforme explicitado nos capítulos I e II.

Figura 50. Fachada do IFAM *campus* Lábrea.



Fonte: <https://goo.gl/tet75M>.

O que foi determinado, tendo como referência Prado e Soligo (2007, p. 17):

[...] O ato de escrever sobre a experiência vivida, sobre a prática profissional, sobre as dúvidas e os dilemas enfrentados, sobre a própria aprendizagem não é uma tarefa simples, pois exige, ao mesmo tempo, tomá-los como objeto de reflexão e documentá-los por escrito. [...] Porque a reflexão por escrito é um dos mais valiosos instrumentos para aprender sobre quem somos nós – pessoal e profissionalmente – e sobre nossa atuação como educadores, uma vez que favorece a análise do trabalho realizado e do percurso de formação, o exercício da capacidade de escrever e pensar, a sistematização dos saberes e conhecimentos construídos, o uso da escrita em favor do desenvolvimento intelectual e da afirmação profissional.

Neste terceiro capítulo, portanto, a ênfase será dada à “[...] compreensão da experiência vivida dos outros” (GIL, s/d, p. 6), ou melhor, no percurso de autoria de professores do IFAM *campus* Lábrea, à medida que compartilharão os episódios marcantes de suas histórias de professor, mormente no como se veem sendo professores naquela instituição; contudo, nos deparamos com o seguinte questionamento: que estratégia utilizar para obter os dados desse grupo tão peculiar?

A partir das considerações e contribuições dos avaliadores (prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano, do IFAM e Profa. Irlane Maia de Oliveira, da UFAM) na análise dos dois primeiros capítulos, realizadas durante o Exame de Qualificação (em 10/04/2017) e com a aquiescência do orientador, decidimos pela utilização da Roda de Conversa como estratégia metodológica, tendo em vista as peculiaridades locais e todo o aprendizado obtido com a realização de uma estratégia com esse formato, conforme pode ser observado na primeira seção deste capítulo.

3.1A Roda de Conversa como Estratégia Metodológica

Ao longo da nossa trajetória de vida fazemos parte de muitas rodas: roda da merenda, roda das brincadeiras, roda de samba, roda de amigos, [...], roda de professores, roda de estudo. Muitas são as trocas feitas nessas diferentes rodas; muito se aprende, se conhece e se socializa.
(ALBUQUERQUE; GALLIAZI, 2011, p. 387).

O primeiro contato que tive, no Mestrado, sobre Roda de Conversa, foi na organização do seminário final da disciplina ‘Metodologia da Pesquisa Científica no

Ensino Tecnológico', ministrada pelo professor Dr. João dos Santos Cabral Neto, no qual meu grupo (formado ainda por João Cavalcante da Costa Filho, Domingos Sávio Martins e Keila Crystyna Brito e Silva), tinha que defender a Fenomenologia e, após levantamento bibliográfico sobre a temática, dentre outros assuntos discutidos, tratamos da Roda de Conversa como estratégia para a coleta de dados em uma pesquisa de cunho fenomenológico.

Figura 51. Roda de Conversa com prof. Dr. Davi Avelino Leal, sobre o filme *Ágora*, na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica.



Fonte: Acervo pessoal, 2016.

Com isso, volvi-me aos tempos de tenra idade e das singularidades do povo ribeirinho quando, ao início do trabalho, se reunia para tomar um café; ou ao final, para a janta; para jogar um baralho ou para conversar sobre a vida; sobre a cheia ou seca do rio naquele ano; sobre a produção; enfim, sobre os mais diversos aspectos da comunidade local.

Oportunidades através das quais se constituíam espaços de diálogo, vivência, preocupação com o outro, sentimento de pertença, proximidade, o que em tese lembra roda de conversa (adotada em pesquisas), e que na minha modesta opinião, falta muito nos dias atuais, seja na família, seja nas instituições de ensino. Parece que não temos mais tempo para nos reunir e dialogar, para conversar e reorganizar nossos planos de trabalho, a nossa vida no/pelo outro.

Sobre a temática, Albuquerque e Galiazzi (2011, p. 387) relatam que

[...] Ao longo da nossa trajetória de vida fazemos parte de muitas rodas: roda da merenda, roda das brincadeiras, roda de samba, roda de amigos, [...], roda de professores, roda de estudo. Muitas são as trocas feitas nessas diferentes rodas; **muito se aprende, se conhece e se socializa** [grifo nosso].

A conversa é um espaço de formação, de troca de experiências, de confraternização, de desabafo, muda caminhos, forja opiniões, razão por que a Roda de Conversa surge como uma forma de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significado para a pesquisa Educacional.

No contexto da Roda de Conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, discordar, sejam para concordar com a fala imediatamente anterior (MOURA; LIMA, 2014, p. 98).

Neste intento, será utilizada a roda de conversa como estratégia para que os professores do IFAM *campus* Lábrea dialoguem e interajam, narrando sobre seus percursos de autoria, evidenciando episódios de suas histórias de professor, principalmente quanto ao como se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea, sob o pretexto de que “[...] quando a pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhes novos significados” (CUNHA, 1997, p. 2).

Porém, é preciso tomar medidas para que a Roda de Conversa não se torne um mero bate-papo entre amigos, direcionando a temática para outros rumos, desvirtuando seu anseio principal. “[...] A preocupação em manter o foco no assunto em pauta, [...] o estabelecimento de um clima de confiança para que os participantes se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões” (GATTI, 2005, p. 69), devem ser uma constante no desenvolvimento daquela Estratégia.

Preservar a proposta da Roda e obter os dados mais satisfatórios e significativos possíveis é o que aconselha Warschauer (1993, p. 56) quando destaca que o registro, “[...] é um grande instrumento para a sistematização e organização dos conhecimentos”, à medida em que, apreende-se que

[...] O registro faz com que as conversas nas Rodas sejam formalizadas e eternizadas. Ocorre um comprometimento maior com o que é falado [...]. Quando registramos, conseguimos depois ler e refletir sobre a nossa caminhada [...]. O registro dos encontros, o registro individual e a escrita

das histórias podem ser maneiras de eternizar alguns momentos vividos na Roda ou a partir dela (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2011, p. 389).

Para formalizar tais sistematizações, optamos por utilizar três das principais técnicas para coleta e registro de dados, para incremento da Roda de conversa com os professores: a Observação Participante, as Anotações de Campo e Registros em Áudio e Vídeo, de acordo com o seguinte embasamento teórico:

a) Observação participante

O principal foco de uma pesquisa qualitativa é o estudo do processo vivenciado pelos sujeitos, cabendo ao pesquisador traduzir o significado da ação do homem num determinado contexto e não apenas narrar os comportamentos observados.

Uma das técnicas que utilizamos foi a Observação Participante, através da qual o pesquisador é também sujeito e cuja finalidade, na visão de Queiroz et al (2007, p. 278), consiste na “[...] inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por determinado período com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação”.

Essa abordagem dialoga com Mynaio (2004, p. 82), para quem

[...] A observação participante é definida como um processo pelo qual se mantém a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica, na qual o observador está em relação face a face com os observados.

As observações constantes serão exclusivamente do tipo *descritiva* (que acontecerão no desenvolvimento da atividade) e do tipo *reflexiva* (com as percepções do pesquisador durante a execução da Roda de Conversa); com o posterior auxílio dos registros em áudio e vídeo, além da transcrição, revisão e reescrita realizadas conforme compreensão de Sebe Bom Meihy (2002, p. 232), quando apresenta que:

[...] a **transcrição** é o momento da passagem das palavras [...] para a escrita, mantém-se as repetições, erros e palavras sem peso semântico; na **textualização** [...] os erros gramaticais são retirados e a **transcrição** é o relato final para apresentação pública. [grifo nosso]

b) Anotações de campo

O ato de escrever é fundamental para qualquer pesquisa e torna-se instrumento essencial para o pesquisador. Zabalza (2004, p. 101) esclarece que escrever “[...] contribui para descarregar as tensões internas acumuladas e reconstruir mentalmente a atividade de todo o dia, dando outros sentidos para a ‘densa experiência’ vivida”.

Em nossa Roda de Conversa, serão realizadas Anotações de Campo sobre as experiências vivenciadas em todas as suas fases, seja no planejamento, na execução, bem como na avaliação, corroborando com o exposto por Zabalza (2004, p. 109) quando afirma que “[...] a reconstituição por escrito das experiências vividas na prática e das sensações ali experimentadas é uma forma de a experiência não se perder na memória”.

Para tanto, serão realizadas em conformidade com Triviños (2013, p. 78), quando explica que

[...] fundamentalmente no campo da descrição por escrito de todas as manifestações (verbais, ações, atitudes, etc.) que o pesquisador observa no sujeito; as circunstâncias físicas que se consideram necessárias e que rodeiam a este. Também as anotações de campo devem registrar as ‘reflexões’ do investigador que surjam em face da observação dos fenômenos [...].

c) Registros em Áudio e Vídeo

O recente desenvolvimento tecnológico nos permite, além da utilização do revolucionário gravador de voz e das fotografias, também ter acesso à imagem em alta definição e em múltiplas formas de organização de áudio e vídeo em nossas pesquisas, o que garante uma maior e melhor sistematização para registro do evento.

No desenvolvimento de nossa Roda de Conversa, além da gravação de áudio, por meio do gravador de voz de um aparelho celular e de fotografias, implementaremos gravação em vídeo, com o auxílio de um cinegrafista, como forma de “[...] não nos contentarmos apenas com a captura de voz, ou com as notas escritas, integrando, assim em nossa análise, os silêncios, as hesitações, os lapsos” (JOUTARD, s/d, p. 41), devidamente capturados nas filmagens e que serão devidamente analisados e interpretados posteriormente.

Dadas as especificidades de uma Roda de conversa, com toda a sua complexidade, é imprescindível a realização de atividades referentes a

Planejamento, Execução (Desenvolvimento) e Avaliação da atividade, a fim de gerar subsídios significativos, para o que realizamos previamente as seguintes atividades:

Planejamento

É a fase inicial da Roda de Conversa, com organização prévia das ideias e análise da demanda, oportunidade em que são definidos os fatores internos e externos, que nortearão todos os encaminhamentos necessários, visando a realização satisfatória da Estratégia.

a) Fatores Externos:

São as possibilidades viáveis de realização da Roda de Conversa, com a descrição das ações a serem executadas e a verificação constante do compromisso da Instituição para com a atividade.

Nesse aspecto, é importante destacar os seguintes fatores externos:

- (i) Aprofundamento teórico sobre a Roda de Conversa, enquanto proposta metodológica [Melo; Cruz (2014); Warschauer (1993, 2001, 2004); Albuquerque; Galiazzi (2011); Moura; Lima (2014); Afonso; Abade (2008), dentre outros];
- (ii) Composição de equipe externa para o desenvolvimento da Roda de Conversa: um fotógrafo e um cinegrafista;
- (iii) Organização e apresentação de carta à Direção Geral do IFAM campus Lábrea [em reunião formal], a fim de obter autorização oficial para realização da Roda de Conversa com professores da Instituição, apresentando, inclusive a importância da atividade para o campus. Essa reunião culminar com a data e hora para o evento, bem como autorização prévia do espaço e demais equipamentos, do técnico em audiovisual e liberação dos professores na data e horário previsto para a RC. [Antes da apresentação da carta, será realizada uma conversa informal com o Diretor Geral e com a Coordenadora de Pesquisa para acertar detalhes do evento];

- (iv) Será realizada uma apresentação (socialização) da pesquisa “Percursos de Autoria: Relatos de um Mestrando em Formação Continuada”, em um evento do campus Lábrea intitulado ‘Ciclo de Palestras e Jornadas Científicas’, no qual os servidores afastados para cursar Pós-Graduação (Mestrado ou Doutorado) são convidados a compartilhar suas pesquisas (e os resultados até então obtidos) à comunidade interna e externa, e que será devidamente registrada (fotos, anotações de campos, áudio e quiçá, vídeo), que servirá como introdução à Roda de Conversa, realizada posteriormente;
- (v) Definição do espaço para o desenvolvimento da RC: Miniauditório, Biblioteca, Sala de Aula ou Sala dos Professores (o que será decidido em parceria com o cinegrafista, visando a qualidade do áudio, vídeo e posicionamento da câmera, etc) com as devidas adaptações, solicitação de reserva do ambiente no setor competente, inclusive, com cessão um dia antes do evento, para trabalharmos na ornamentação e caracterização do espaço;
- (vi) Adaptação do local definido para a estrutura de RC: cadeiras em círculo; espaço para o cinegrafista e posicionamento de equipamentos. Ambientação a partir de livros, banner da pesquisa, painel de fotos antigas da cidade, banners de pesquisas PIBIC. Caso optemos pela Biblioteca, a caracterização já é apropriada a partir das estantes de livros, computadores, o que dá um aspecto apropriado de leitura, escrita e pesquisa, próprios da autoria. Possivelmente a caracterização será realizada com as cadeiras em formato de “U” para facilitar a filmagem, através da criação de uma espécie de “sala de estar”. Facilita a organização do ambiente para a não utilização de microfone, o que dará à Roda uma naturalidade para o debate.

b) Fatores Internos:

São fatores direcionados aos participantes da Roda de Conversa, tais como: suas necessidades diretas quanto à ambientação, receptividade, bem-estar, logística, formalização de convites, características dos convidados, confirmação de participação.

Nesse aspecto, é importante destacar os seguintes fatores internos:

- (i) Os participantes da Roda de Conversa serão cinco (5) professores do IFAM campus Lábrea, selecionados pelo pesquisador, a partir de critérios que possibilitem uma diversidade de pontos de vista, o que é imprescindível para o sucesso da Roda de conversa, bem como quanto à área de formação (de Exatas e de Humanas, Bacharéis e Licenciados) e à naturalidade (de Lábrea ou de outra região);
- (ii) Os convites serão feitos individualmente, através de registro formal e nesse momento, os que aceitarem participar, assinarão o Termo de Consentimento de Livre Esclarecido e Termo de Cessão de Uso de Imagens, autorizando a divulgação de imagens e relatos na pesquisa. [Será informado apenas que na Roda a conversa será direcionada sobre a trajetória de cada um], haja vista que na socialização da pesquisa será realizada uma introdução da temática em questão;
- (iii) Será realizada pesquisa documental junto à Coordenação de Gestão de Pessoas do campus acerca de informações sobre os participantes [nome completo, idade, disciplina em que atua, naturalidade, tempo na instituição, tempo de docência... para ajudar no desenvolvimento da Roda, bem como, na análise dos dados a posteriori];
- (iv) Serão registrados no vídeo 1 (e em fotos) toda a organização do espaço de realização da RC, além das reuniões de planejamento, convites e preparação em geral para organização de um making-of, a ser incluso na pesquisa;
- (v) A Roda de Conversa terá a duração de 1h30min;
- (vi) Além dos registros em fotos, áudio e vídeo, contaremos com as Anotações de Campo, com resumo das falas, reações e impressões dos participantes.

Execução

É a fase em que a Roda de Conversa é efetivamente iniciada, ou seja, é o momento de vivência da atividade.

a) Preparação [Filme 2 e 3]

- (i) Através do registro no vídeo 2 (e em fotos), a chegada dos participantes no ambiente da Roda de Conversa. Como pretexto, será dado um tempo de 7 minutos para conversas paralelas e visitação a fotos, livros e banners;
- (ii) Através do registro no vídeo 3 (e em fotos), o início propriamente dito da RC, com a recepção e agradecimento por aceitarem o convite e apresentação da “regras” [agir naturalmente mesmo na presença do fotógrafo e cinegrafista; não se preocupar com convergências e divergências nos seus posicionamentos].

b) Desenvolvimento [Filme 4].

Será registrado sequencialmente em áudio (gravador ou celular) e em áudio e vídeo o desenvolvimento da RC, com o início dos debates.

Esse desenvolvimento se dará em 4 momentos básicos (que espera-se ser o mais natural possível). Uma hora é o tempo previsto para essa fase.

- (i) Apresentação: Quem sou eu? Breve explanação individual dos participantes
- (ii) Episódios marcantes do professor: o que considera como episódio marcante em sua trajetória acadêmico-profissional, que retrate o seu percurso de autor e/ ou pesquisador...?
- (iii) No IFAM: Como se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea...?
- (iv) Outras considerações sobre o seu percurso: Que outras considerações são possíveis de serem realizadas, a partir do seu percurso de autoria?

Avaliação

Serão registrados no vídeo 5 (e em fotos) a avaliação do encontro, em que os participantes apresentarão suas impressões acerca da Roda de Conversa, bem como das considerações sobre Autoria, das críticas e sugestões. 16 minutos é o tempo previsto de realização.

E assim, realizada a descrição para realização da Roda de Conversa referente à nossa pesquisa em desenvolvimento, elaboramos a Tabela 3 a seguir, relatando toda a sistematização da Roda de Conversa, adaptada de Afonso e Abade (2008, pp. 43; 62).

Tabela 3: Descrição das atividades inerentes à Roda de Conversa

ROTEIRIZAÇÃO DA RODA DE CONVERSA				
Atividade: Roda de Conversa para estabelecer diálogo com os professores do IFAM <i>campus</i> Lábrea, acerca do estudo do fenômeno de autoria, em que os mesmos evidenciarão episódios de suas histórias de professor, principalmente quanto ao como se veem professores do IFAM, de Lábrea. Coordenação: Antonio Paulino dos Santos e Prof. Dr. Amarildo Menezes Gonzaga Carga Horária: 2 horas Data: 28/07/2017 Horário: 9:00 Local: IFAM <i>campus</i> Lábrea (Miniauditorio, Biblioteca, Sala de Aula ou Sala dos Professores) Público Alvo: Cinco Professores do IFAM <i>campus</i> Lábrea, das diversas áreas do conhecimento Temática: Percursos de Autoria Questão Norteadora: O que o pesquisador narra sobre os percursos de autoria de professores que atuam na instituição em que ele trabalha, quanto às suas histórias de professor? Objetivo: Narrar sobre os percursos de autoria de professores que atuam na instituição em que trabalha, evidenciando episódios de suas histórias de professor, principalmente ao como se veem sendo professores na cidade de origem do pesquisador.				
Fase	Tarefas	Data/ Tempo Estimado	Da dinâmica do Grupo	Da Reflexão do Tema
PLANEJAMENTO	Organização das tarefas que antecedem a execução da Roda de Conversa:	12 abr. a 27.jul		
	- Aprofundamento teórico;	A partir de 12.abr		
	- Composição de equipe	10.jul		

	externa (fotógrafo, cinegrafista); - Autorização da Direção Geral do campus Lábrea, com data e horários e liberação dos participantes; - Definição do espaço para a Roda (Miniauditório / Biblioteca/Sala de Aula/Sala dos professores); - Definição e convite aos participantes, com assinatura dos Termos de Livre e Esclarecimento e de Cessão de Imagens; - Pesquisa Documental acerca dos participantes; - Apresentação da pesquisa (comunidade interna e externa); - Ornamentação e caracterização do espaço; - Registros em áudio e vídeo e fotos dos eventos de planejamento para making-of; - Utilização de observação participante, anotações de campo, registro em áudio e vídeo, além de fotografias para posterior análise e interpretação.	12.jul 14.jul 17.jul 19.jul 26.jul 27.jul Nos diversos momentos Nos diversos momentos		
EXECUÇÃO				

PREPARAÇÃO	- Organizar e sistematizar o espaço de realização da Roda;	27.jul	Preparação do espaço	Relação ambiente x temática Utilizar livros, escritos, banners, fotografias, etc
	- Acolhimento e Observação individual de cada participante ao ambiente;	28.jul 7'	Promover interação entre os participantes. Criar o clima entre estes e o ambiente	Contatos entre eles. Conversa informal. Visualização aos objetos do cenário. Primeiras impressões.
	- Breve apresentação das “regras” da roda de conversa e agradecer pela participação	7'	Esclarecer os participantes quanto às “regras”	Agir naturalmente. Evitar falar ao mesmo tempo. Não se preocupar com polêmicas
	1. Breve apresentação	50'	Conhecer um pouco sobre cada participante	Conhecer as expectativas de cada um e algumas características
	Breve explanação acerca da temática – Percurso de Autoria			
DESENVOLVIMENTO	2. Episódios marcantes do professor: trajetória acadêmico-profissional.		Reflexão sobre a trajetória de cada professor e os episódios marcantes de sua história.	Sistematizar, de forma geral, os episódios marcantes de suas histórias de professor.
	3. Como se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea.		Conversa sobre os episódios marcantes do professor no IFAM	Como se veem sendo professores no IFAM campus Lábrea.
	4. Outras considerações sobre o Percurso de Autoria.		Relatar outras considerações que julgue importantes sobre o seu percurso	Reflexão sobre considerações que julgue convenientes sobre o seu percurso de autoria, como forma de complementação de ideias.
	Será realizada uma pausa para lanche – 10 min			
AValiação	Definir, num breve relato, como foi o encontro, as impressões, críticas, sugestões e considerações sobre a importância da Autoria.	16'	Avaliar e compartilhar	Avaliar e refletir sobre o trabalho desenvolvido na Roda de Conversa (Importância, sugestões, críticas, elogios).

Fonte: Elaborada pelo Autor

Na seção seguinte, apresentamos como se deu a execução, na prática da Roda de Conversa com os professores partícipes, no IFAM *campus* Lábrea.

3.2 Executando a Roda de Conversa com professores do IFAM *campus*

Lábrea

A preocupação em manter o foco no assunto em pauta [...], o estabelecimento de um clima de confiança para que os participantes se sintam à vontade para expressarem ativamente suas opiniões. (GATTI, 2005, p. 69)

Conforme foi possível apreender na seção anterior, realizar uma Roda de Conversa não é uma tarefa tão trivial quanto parece e baseando-nos no desejo de executar o melhor trabalho possível junto aos professores do IFAM *campus* Lábrea, visando conhecer seus percursos de autoria, através de suas histórias de professor, para posteriormente analisá-las e narrá-las, foi necessário um planejamento prévio das ações a serem realizadas.

Após o Exame de Qualificação (10/04/2017), oportunidade na qual decidimos pela utilização da Roda de Conversa como estratégia metodológica e, simultaneamente ao Estágio-Docência, realizamos os estudos referentes ao aprofundamento teórico acerca dessa Estratégia, utilizando-nos principalmente, dentre outros, dos autores Melo e Cruz (2014); Warschauer (1993, 2001, 2004); Albuquerque e Galiazzi (2011); Moura e Lima (2014) e Afonso e Abade (2008) e organizamos o planejamento das ações, basicamente do período de 12 de abril de 2017 a 04 de julho de 2017.

Com o Estágio-Docência devidamente finalizado (em 04.07.2017) e com o referencial teórico e planejamento da Oficina Pedagógica definidos a contento, era momento de colocar em prática as ações, o que aconteceu, na cidade de Lábrea, Estado do Amazonas, a partir de 05 de julho de 2017, com as atividades de planejamento para a execução efetiva da Roda de Conversa.

Para viabilizar o necessário apoio institucional para a realização das ações, tivemos uma conversa com o Diretor geral do IFAM *campus* Lábrea, o senhor

Francisco Marcelo Rodrigues Ribeiro, em que evidenciamos a importância da atividade para a pesquisa de Mestrado vigente, bem como para a Instituição como um todo, a partir da temática e da participação dos professores desta. Aquele me apresentou à professora Claudina Azevedo Maximiano, Coordenadora de Pesquisa e Inovação do *campus* e como encaminhamento ficaram estabelecidas as datas de 1º de agosto de 2017, às 18 horas, para a Socialização da Pesquisa⁴⁷ (aos servidores e público externo) e de 03 de agosto de 2017, às 9 horas, para a realização da Roda de Conversa e definido o Miniauditório da instituição como espaço para a realização de ambas as atividades.

Para oficializar a solicitação e evitarmos problemas posteriores, encaminhei o Memo nº 002/2017 – APS, de 14 de julho de 2017, protocolado sob nº 0758, de 17/07/2017, em que solicito o apoio da Instituição para a realização das atividades referentes à Oficina Pedagógica constante da Pesquisa de Mestrado “Percurso de Autoria: Relatos de um Mestrando em Formação Continuada”, de minha autoria, o que foi prontamente autorizado e determinado à professora Déborah Pereira Linhares da Silva, Chefe do Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão, a missão de acompanhar as atividades e disponibilizar todos os recursos humanos e materiais disponíveis necessários, conforme Tabela 4, abaixo:

Tabela 4: Cronograma das atividades integradoras da Oficina pedagógica e solicitações necessárias

24-30.julho, seg – dom	Filmagem externa.	Câmera fotográfica
31.julho, seg – 9h	Edição da filmagem externa	Equipe de apoio
1º.agosto, ter – 18h às 19h	Socialização da pesquisa ao público interno e externo, no mini-auditório da Instituição.	Convite a todos os servidores, conforme modelo implementado pela CPI/CLA ⁴⁸ , para atividades similares,

⁴⁷ A Socialização da Pesquisa é uma atividade existente no IFAM *campus* Lábrea, denominada Ciclo de Palestras e Jornadas Científicas, em que todos os servidores da casa, liberados para programas de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado ou Doutorado) tem o compromisso de, em seu retorno à cidade, apresentar a pesquisa à comunidade interna e externa, como forma de prestação de contas às atividades realizadas até aquele momento. Para o meu caso específico, ela seria de extrema importância porque os professores partícipes da Roda de Conversa teriam a possibilidade de conhecer sobre os conceitos-chaves da pesquisa, o que contribuiria como uma introdução para a Roda de Conversa.

⁴⁸ Sigla de identificação da Coordenação de Pesquisa e Inovação do IFAM *campus* Lábrea.

		inclusive com divulgação no grupo de Whatsapp dos servidores e na página oficial da Instituição no site do IFAM e no Facebook, referenciando para a atividade, o título da Pesquisa da seguinte forma: Reflexões sobre um Percorso de Autoria;
2.agosto, qua	Assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido e Termo de Cessão de Uso de Imagem. Gravação de sonoras com os professores selecionados para a Roda de Conversa.	<i>Apenas para os professores selecionados pelo pesquisador.</i> Autorização para gravação de pequenos vídeos com os professores, em seus ambientes de trabalho, bem como, para geração de imagens aéreas da instituição e em alguns departamentos e coordenações do <i>campus</i> .
3.agosto, qui – 9h às 11h	Realização de Roda de Conversa com os professores selecionados, no mini-auditório da Instituição.	<i>Apenas com os professores selecionados pelo pesquisador.</i>

Fonte: Elaborada pelo autor (integrante do Memo nº 002/2017 – APS, de 14/07/2017)

Tendo obtido oficialmente o apoio da Instituição, concentramos os esforços seguintes no sentido de compor a equipe de áudio e vídeo para auxiliar nas gravações internas e externas ao *campus*, haja vista que a intenção da pesquisa é gerar como produto um DVD com vídeos das atividades desenvolvidas na pesquisa. Para tanto, em conversa informal e depois oficialmente, através do Memo nº 001/2017 – APS, de 14 de julho de 2017, encaminhamos ao professor Cléo Roger de Lima Heck, solicitação de apoio para os serviços de gravação em áudio, vídeo e edição.

Além da equipe coordenada pelo professor Cléo Roger, foram incluídos na equipe o cinegrafista Raí Francisco Batista da Costa e o fotógrafo José Rodrigues

da Silva, além do Técnico em Audiovisual do IFAM *campus* Lábrea, Cléver Meireles Lopes, disponibilizado pela Instituição. Estes profissionais iriam utilizar seus equipamentos para uma gravação fixa e uma gravação móvel, que seriam mescladas durante o processo de edição de imagens, além das fotografias para compor o banco de imagens das apresentações a serem utilizadas na dissertação e no DVD, caso necessário.

Com a definição da equipe de filmagens e edição, encerrava-se o processo de execução do planejamento dos fatores externos para a viabilização de realização da Roda de Conversa: descrição das ações a serem executadas e verificação constante do compromisso da Instituição para com a atividade. O ato contínuo era o que denominamos de fatores internos, ou seja, as ações direcionadas diretamente aos participantes da Roda de Conversa, ambientação, receptividade, logística, bem-estar, formalização de convites, perfil dos convidados, confirmação de participação, o que foi construído paulatinamente.

Para a definição dos cinco professores partícipes da Roda de Conversa foi estabelecido como critério principal a diversidade de pensamento, manifestado através das diferentes áreas de ensino, naturalidade, sexo, formação, tempo na docência e tempo na instituição, pelo que teríamos um grupo bem díspare, formado por integrantes das ciências exatas, humanas e sociais; naturais de Lábrea e de outras cidades e/ou estados; homens e mulheres; licenciados, bacharéis e tecnólogos; novatos e antigos na docência e na instituição.

Definido tal perfil, os professores partícipes da Roda de Conversa foram os seguintes, conforme apresentados na Tabela 5.

Tabela 5: Professores partícipes da Roda de Conversa

Identificação do Professor	Titulação	Área/Disciplina	Naturalidade	Tempo na Instituição
Prof1	Especialista	Língua Inglesa	Humaitá/AM	2 anos e 4 meses
Prof2	Doutorando	Língua Portuguesa	Lábrea/AM	6 anos e 10 meses
Prof3	Mestrando	Matemática	Lábrea/AM	5 anos e 2 meses
Prof4	Doutorando	Informática	Itabuna/BA	2 anos e 3 meses
Prof5	Especialista	Administração	Lábrea/AM	5 anos e 2 meses

Fonte: Elaborada pelo autor (a partir de dados da Coordenação de Gestão de Pessoas do *campus* Lábrea. Julho/2017).

Consequentemente era momento de encaminhar o convite aos professores, o que fora feito inicialmente através de e-mail (institucional e pessoal) datado de 16 de julho de 2017, em que apresentamos a intenção da pesquisa, o cronograma de atividades e informações inerentes à participação destes na pesquisa e a relevante importância desta para o crescimento pessoal e profissional de cada um, bem como para a Instituição e Educação da região como um todo.

Figura 52. Conversa com um dos partícipes da Roda de Conversa e Assinatura dos Termos de Consentimento e Livre Esclarecido e de Cessão do Uso de Imagem.



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Posteriormente conversei e expliquei individualmente aos cinco professores a intencionalidade da pesquisa e estes confirmaram a participação e assinaram, em 26 de julho de 2017, os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Cessão de Uso de Imagem. Para finalizar as atividades referentes aos fatores internos, encaminhei, através de e-mail institucional, para a Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (depe.labrea@ifam.edu.br e deborah.silva@ifam.edu.br) os nomes dos professores partícipes da Roda de Conversa, para viabilizar a liberação destes no dia da Roda, e ainda, para ajustar seus horários, sem prejuízo aos discentes.

Os três dias entre a finalização das atividades referentes ao planejamento e a socialização da pesquisa, foram de intensos estudos, ajustes nas apresentações de *slides* e com a equipe de audiovisual acerca de posicionamento das câmeras, massificação dos convites aos servidores (de responsabilidade do Gabinete da

Direção Geral e Coordenação da Biblioteca, através de e-mails institucionais, grupos de WhatsApp e Facebook, inclusive a outras Instituições: Universidade do Estado do Amazonas e Universidade Aberta do Brasil, bem como a seus contatos) e ao público externo, em que convidei professores das redes municipal e estadual de Ensino, familiares, amigos e interessados na temática.

Figura 53. Arte de divulgação da socialização da pesquisa.



Fonte. Acervo IFAM *campus* Lábrea, 2017

A Socialização da pesquisa

Chega então 1º de agosto de 2017, o dia da socialização da pesquisa, que além de apresentar nossos estudos, tinha a intenção de introduzir conceitos que contribuiria satisfatoriamente aos professores partícipes da Roda de Conversa. Como o horário estabelecido para o início da apresentação era 18 horas, marquei presença na Instituição, às 16 horas, para limpeza e organização do ambiente, exposição de livros e posicionamento das câmeras, espaços de deslocamento para o fotógrafo, dentre outros.

Para minha grata surpresa, neste horário estava sendo realizada uma Roda de Conversa entre a Psicóloga do *campus*, o professor coordenador da turma de 3º ano do Curso Técnico em Administração e cerca de quinze (15) alunos da turma, em que a temática era “O autoconhecimento: relação interpessoal e projeção para o

futuro”, oportunidade na qual através do diálogo e troca de experiência, foi possível compreender que a grande maioria dos alunos não tinha pai ou a mãe ou moravam com outros parentes, o que acaba por gerar certa (des)esperança para o futuro pessoal e profissional daqueles.

A atividade despertou na Psicóloga e no Professor, a lógica de que quando nos dispomos a ouvir o aluno, compreendemos seu contexto histórico-social, o que nos garante a possibilidade de enxergarmos esse aluno como alguém que não necessita apenas de conteúdos programáticos, mas de carinho, afeto e compreensão para trilhar satisfatoriamente sua trajetória acadêmica.

Finalizada essa Roda de Conversa e com o apoio da Coordenação de Administração do *campus* (Raimundo Domingos de Oliveira), através da equipe de serviços de limpeza, organizamos o Miniauditório, de modo a receber os participantes da atividade; enfileiramos as cadeiras de acordo com o nosso desejo; expusemos alguns livros (da bibliografia de nossa pesquisa) para apreciação do público; posicionamos as câmeras e finalizamos os preparativos para a socialização da pesquisa.

A partir das 17h50, os participantes foram chegando: amigos, familiares, servidores do *campus* e eram devidamente recepcionados por mim e convidados a prestigiarem dois filmes criados a partir de fotos com momentos marcantes no Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico, alusivos aos preparativos para o processo seletivo, viagens para a realização das provas, atividades realizadas nas disciplinas, defesas dos mestrandos das turmas anteriores, Seminário de Projetos, participação no Simpósio em Ensino Tecnológico/2016, apresentação de trabalhos em Congresso de Educação, viagens a Lábrea, confraternizações, reuniões do Grupo de Pesquisa, Exame de Qualificação, Estágio-Docência e preparativos para o Simpósio em Ensino Tecnológico/2017.

Figura 54. Divulgação do Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA2017), durante Socialização da Pesquisa.



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2017.

Às 18h05 iniciamos a socialização da pesquisa (falas iniciais) com as boas-vindas e conforme planejamento com a divulgação, em dez (10) minutos do III Simpósio em Ensino Tecnológico no Amazonas (SETA2017): objetivos, programação geral, palestras, oficinas, o passo-a-passo para as inscrições e parabenização pela participação de dois servidores da casa. O servidor TAE Valdecir Santos Nogueira, que submeteu artigo sobre Formação de Professores e o Professor de Informática Fabiann Mathaus Barbosa, inscrito na Oficina de Realidade Virtual, abordando finalmente acerca de outro importante evento a ser realizado nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2017, na Universidade Federal do Amazonas, o X Encontro Regional Norte de História Oral, no qual apresentaremos nossa pesquisa.

Durante quarenta minutos ininterruptos, apresentamos a nossa pesquisa a 36 participantes (conforme lista de frequência), entre os quais os cinco (5) professores convidados para a Roda de Conversa. Foram dados destaques, através de trinta e três slides: à justificativa e problema da pesquisa; às questões norteadoras; aos objetivos da pesquisa; ao percurso investigativo realizado, bem como a escrita e estrutura dos dois primeiros capítulos da dissertação e apresentados os passos a serem implementados através da realização deste momento de socialização e da Roda de Conversa com cinco professores da Instituição, a ser realizada no dia 03 de agosto do corrente ano.

Figura 55. Visão geral dos participantes da Socialização da pesquisa, no IFAM *campus* Lábrea.



Fonte: José Rodrigues da Silva, 2017.

Ao final da exposição, conversamos por quinze minutos com os participantes, oportunidade para que os mesmos contribuíssem com a nossa pesquisa (elogios, críticas, sugestões) e tivemos três importantes considerações:

- a) A professora de Sociologia, Claudina Maximiano Azevedo, solicitou que observássemos a questão da observação Participante na realização de uma Roda de Conversa;
- b) O Agrônomo Hugo Cesar Tadeu frisou a importância de utilizar o termo Educador em detrimento de Professor;
- c) O professor de Biologia Venício Favoretti, questionou sobre o porquê da escolha do tema e da difícil missão de buscar referenciais teóricos para Programas de Mestrado.

A motivação para essa atividade final de contribuições (Como você enxergou o nosso trabalho?) surgiu da necessidade de buscarmos o olhar de outros atores acerca da nossa pesquisa. Muitas vezes, pesquisador e orientador estão tão engendrados com a proposta que acabam não percebendo certos deslizos, que necessitam serem assimilados e corrigidos para o aperfeiçoamento do trabalho. Nesse sentido a contribuição dos partícipes da socialização foi importante, inclusive,

para reorganizarmos determinadas abordagens na escrita. Todo o exposto corrobora com Bruner (1998 apud Rosa, 2007, p. 256), ao manifestar o entendimento de que

[...] Aprende-se muito quando se está exposto a uma argumentação, e mais ainda quando se tem que defender um ponto de vista. O esforço de comunicar uma idéia sempre faz avançar a compreensão e é altamente produtivo do ponto de vista da aprendizagem.

Feitos os esclarecimentos e agradecimentos de praxe, encerramos a atividade, às 19h30, recebendo os cumprimentos e agradecendo individualmente a cada um dos presentes. Antes, pois, de deixar o ambiente, discutimos com os profissionais do Audiovisual (Cléver, Cléo, Raí e José) acerca da organização do espaço, posicionamento das câmeras e perspectivas para a realização da Roda de Conversa com os professores, no dia 3. Reafirmamos a intencionalidade de contar com todos eles para a Roda de Conversa e rememoramos o dia, horário e local, para o que foi confirmada a participação dos profissionais, estando, pois devidamente macomunados.

A Roda de Conversa com os professores

Dois dias depois da socialização da pesquisa, foi realizada a Roda de Conversa com professores do IFAM *campus* Lábrea, no Miniauditório da Instituição. Passado esse período, aqueles professores tinham 48 horas para (re)pensar em seus episódios marcantes, perfazendo e estruturando suas reflexões, para serem compartilhadas na atividade.

Às 7 horas da manhã da tão esperada quinta-feira, dia 03 de agosto de 2017, cheguei na Instituição para organizar o ambiente de forma a ficar propício à importância do evento e também para o conforto dos participantes. Limpeza realizada, cadeiras realocadas, mesa organizada, energia e ar-condicionados testados, espaço de *coffe-break* preparado, inclusive com salgadinhos, sucos, café, nescau e água. Era só aguardar os professores partícipes, às 9 horas, e iniciar a atividade.

Nem tudo saiu conforme o planejado. O relógio marcava 9 horas da manhã e tínhamos apenas dois professores e um cinegrafista (Cléver, do *campus* Lábrea) já a postos e com a câmera posicionada. O segundo cinegrafista e o fotógrafo não compareceram à atividade. O fotógrafo informou acerca de uma viagem a trabalho e

o cinegrafista (que faria as imagens de apoio) não comunicou a ausência (creio que deva ter acontecido algum imprevisto).

Isso posto, decidimos por utilizar apenas uma câmera fixa (era o que tínhamos) e usar um *smartphone* para gerar as imagens de apoio, com o professor Cléo Roger registrando os momentos em fotos, através de aparelho celular. E assim o fizemos! Enquanto os demais professores não chegavam, aproveitamos para disponibilizar o lanche aos presentes, haja vista que a manhã já transcorria.

Com todos os presentes às 9h30, nos preparamos para iniciar a Roda de Conversa; cada um tomou o assento desejado e num primeiro momento, conforme roteirização preestabelecida, apresentei as “regras” da Roda de Conversa, tais como a importância da tranquilidade para as respostas; a não preocupação com o cinegrafista ou fotógrafo; a definição dos tópicos para os comentários; o agir naturalmente e não se preocupar com possíveis polêmicas apresentadas. Tentei deixá-los o mais tranquilo possível para que falassem aberta e francamente sobre os episódios marcantes de seus percursos de autoria, inclusive ao como se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea, tal qual o referenciado por Gatti (2005), na epígrafe desta seção.

Figura 56. Início da Roda de Conversa, com apresentação das “regras” e agradecimento pela participação na pesquisa.



Fonte: Cléo Roger de Lima Heck, 2017.

Conforme o roteiro da Roda de Conversa, a primeira temática era direcionada a uma breve apresentação dos mesmos, cujo intuito era conhecer as expectativas

de cada um e algumas características pessoais daqueles. A mediação (pelo pesquisador) foi feita da seguinte forma:

[...] Companheiros, professores do IFAM *campus* Lábrea, agradecemos, desde já a participação de cada um de vocês. Estamos iniciando, neste momento, a nossa Roda de Conversa, em que vamos relatar [...] alguns episódios da vida acadêmica e profissional de cada um dos senhores. Iniciamos esse primeiro momento em que eu gostaria que os senhores apresentassem vocês, a cada um de nós. Momento em que deverá ser feita uma breve apresentação [...]. Aquilo que de forma sucinta, vocês gostariam de apresentar inicialmente a todos os companheiros.

Após a fala do primeiro professor, tivemos um problema técnico com o microfone e os momentos subsequentes foram realizados apenas com o áudio ambiente. No segundo momento, inclusive, a temática dizia respeito aos episódios marcantes do professor, ou seja, os seus percursos de autoria relacionados à trajetória acadêmico-profissional, em que cada um sistematizaria, de forma geral, os episódios marcantes de suas histórias de professor. O que foi assim mediado pelo pesquisador: “[...] No segundo momento da nossa Roda de Conversa, eu gostaria que os senhores [...] falassem acerca dos [...] episódios marcantes da sua trajetória acadêmico-profissional”.

Após a explanação de quatro dos cinco professores, tivemos um segundo problema técnico, envolvendo dessa vez a bateria da câmera, o que impediria circunstancialmente a continuidade da gravação da Roda de Conversa. Momento em que decidimos interromper as gravações às 11h15, marcando o reinício das gravações para às 18h30, com o restabelecimento da bateria da câmera e a devida manutenção no microfone. Foi a decisão mais apropriada para o momento!

Figura 57. Explicação dos professores durante realização da Roda de Conversa.



Fonte: Cléo Roger de Lima Heck, 2017.

Os professores chegaram para o reinício da Roda de Conversa no horário marcado e às 18h40 retomamos a atividade com a fala do quinto professor, acerca de seus episódios marcantes. O terceiro momento fazia referência ao como estes se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea, o que fora assim questionado pelo pesquisador: “[...] Senhores professores, esse é o momento de [...] discorrerem acerca de como vocês se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea?”

Na sequência, foi solicitado que os professores apresentassem outras considerações sobre o Percurso de Autoria, fazendo reflexões sobre considerações que julgassem convenientes sobre seus percursos de autoria, como forma de complementação de ideias e como quinto e último momento foi realizado um momento de avaliação, em que os professores refletiram sobre o trabalho desenvolvido na Roda de Conversa (importância, sugestões, críticas, elogios), conforme mediado pelo pesquisador:

[...] Encerramos assim a parte de desenvolvimento em si da nossa Roda de Conversa, ouvindo os relatos dos senhores, nesses quatro tópicos. Agora será um momento mais de cunho avaliativo onde eu gostaria que vocês relatassem, de forma breve, o que vocês acharam do encontro: suas críticas, sugestões, elogios, a importância da temática para futuros trabalhos em sala de aula, para o ressignificar de suas práticas, dentre outros.

Apresentamos na tabela 6, o roteiro utilizado na Roda de Conversa, quanto ao desenvolvimento e avaliação da atividade.

Tabela 6: Roteiro utilizado no desenvolvimento e avaliação da Roda de Conversa.

Atividade	Momento Específico	Objetivo do momento
DESENVOLVIMENTO	1. Breve apresentação	Conhecer as expectativas de cada um e algumas características
	2. Episódios marcantes do professor: trajetória acadêmico-profissional.	Sistematizar, de forma geral, os episódios marcantes de suas histórias de professor.
	3. Como se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea.	Refletir sobre como se veem sendo professores no IFAM campus Lábrea.
	4. Outras considerações sobre o Percorso de Autoria.	Apresentar outras considerações que julgue convenientes sobre o seu percurso de autoria, como forma de complementação de ideias.
AVALIAÇÃO	5. Definir, num breve relato, como foi o encontro, as impressões, críticas, sugestões e considerações sobre a importância da Autoria.	Avaliar e refletir sobre o trabalho desenvolvido na Roda de Conversa. (Importância, sugestões, críticas, elogios)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao final da atividade, o pesquisador fez os agradecimentos de praxe pelo compromisso institucional com a atividade e especialmente pela dedicação dos servidores envolvidos na realização da pesquisa, pelo que, além do excerto apresentado abaixo, extraído da transcrição da Roda de Conversa, foi elaborado e protocolado na Instituição o Memo nº 003/2017 – APS, de 08 de agosto de 2017, e feitos os agradecimentos de cunho oficial, conforme tabela, estendendo-se ainda, aos amigos Cléo Roger de Lima Heck, José Rodrigues da Silva e Raí Francisco Batista da Costa, pela ingente colaboração.

[...] Eu gostaria de agradecer imensamente a cada um de vocês, professores [...] pela oportunidade que me deram em conhecer um pouco

mais [sobre cada um]. De conhecer a nossa Instituição como um todo. Conhecer um pouco de tudo aquilo que narram sobre os seus percursos de autoria, o que certamente, vai ser importante pra que cada um dos senhores ressignifiquem suas práticas pedagógicas.

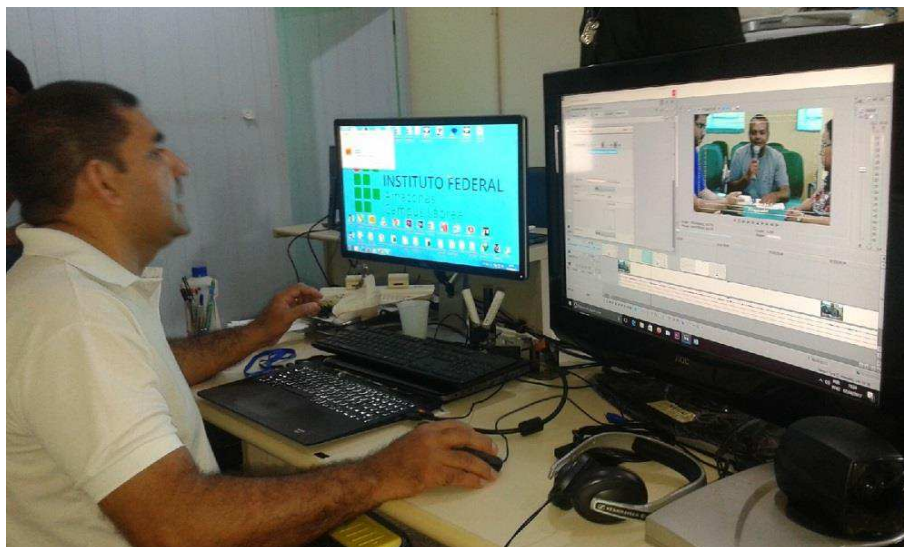
Tabela 7: Agradecimentos aos servidores e funcionários da Instituição, colaboradores da pesquisa.

Servidor	Setor/Depto.	Atividade realizada
Francisco Marcelo Rodrigues Ribeiro	Direção Geral	Aceitação da proposta e encaminhamento ao Departamento de Ensino para as providências cabíveis.
Déborah Pereira Linhares da Silva	Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão	Recepção da proposta e articulação com os setores responsáveis para o direcionamento e apoio às atividades e organização do horário dos professores convidados para a Roda de Conversa.
Dávilla Vieira Odízio da Silva	Biblioteca	Divulgação nas redes sociais, grupos de Whatsapp, convite a servidores e a outras instituições, acerca do evento de Socialização da Pesquisa.
Claudina Azevedo Maximiano	Coordenação de Pesquisa e Inovação	Articulação para a realização da Socialização da pesquisa.
Daniel Martins da Silva	Coordenação de Gestão de Pessoas	Utilização de internet, e-mail, contatos, impressões e pesquisa documental acerca dos professores partícipes da pesquisa.
Cléver Meireles Lopes	Tecnologia da Informação	Gravação e edição dos vídeos da Socialização da Pesquisa e da Roda de Conversa.
Raimundo Domingos de Oliveira	Coordenação de Administração	Viabilização da limpeza e organização do miniauditório para a realização das atividades, executado pelos funcionários terceirizados.

Fonte: Elaborada pelo autor (integrante do Memo nº 003/2017 – APS, de 08/08/2017).

É notório ressaltar que nos dias seguintes, 04 e 05 de agosto foram realizadas a edição dos vídeos da Roda de Conversa, compondo dessa forma, o vídeo integralizado da atividade, o que será utilizado como (sub)produto de nossa pesquisa, pelo que agradeço mais uma vez ao Técnico em Audiovisual do IFAM, Cléver Meireles Lopes.

Figura 58. Edição dos vídeos da Roda de Conversa, assessorada por Cléver Meirelles Lopes.



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

A Roda de Conversa foi uma atividade fundamental para minha vida de pesquisador, não apenas como complementação à pesquisa, mas pelo crescimento enquanto ser humano e profissional da Educação, pela riqueza das experiências compartilhadas, pela importância e necessidade de ouvir o outro, e nos enxergarmos na história do nosso semelhante, o que certamente contribuirá para o ressignificar de minhas (nossas) práticas profissionais, quer seja como professor, quer seja como Técnico-administrativo.

Na seção seguinte, são apresentadas narrativas acerca do que disseram os professores sobre seus episódios marcantes, à luz do referencial teórico supracitado e a partir da transcrição realizada de todo o material extraído da Roda de Conversa (áudio, vídeos, observações e anotações).

3.3 Narrativa do que contaram os professores acerca de seus percursos de autoria

As lembranças do vivido e a memória das marcas do trajeto de professor/a são ressignificadas e corporificadas através da linguagem. [...] Ao narrar a vida, o/a professor/a se exprime, transformando-se em objeto de conhecimento para o outro e para si mesmo, o que exige coragem. É uma segunda voz, representada pela escrita, que denuncia como o/a professor/a se vê, seus modos de existir e praticar a vida, suas maneiras de sentir, aprender e se relacionar com os outros e com o mundo. (CUNHA, 2007, p.69-70).

Quando nos propusemos a contar, neste capítulo, sobre os percursos de autoria dos professores do IFAM *campus* Lábrea, a partir de tudo aquilo que narram acerca de suas histórias de professores, queríamos despertar naqueles a importância de serem autores de suas próprias histórias, contribuindo para sua (auto)formação e a construção de novos conhecimentos, à medida que

Ser autor é dizer a sua própria palavra, compreender o seu mundo, fazer e escrever a sua própria história. Trata-se de um movimento que produz um conhecimento alicerçado da vida, na experiência, que é em si singular, mas produzido na relação com o outro, com o mundo, neste caso com a educação, a escola e a constituição da docência na pessoa. (ARENHALDT; MARQUES, 2010, p. 20).

A concepção, de mérito indiscutível de recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação, conforme recorda Nóvoa (2013, p.15), se deu da seguinte forma:

Recordemos uma data e a publicação de um livro: 1984 – *O professor é uma pessoa*. Ao escolher esse título, na sequência de uma importante reunião internacional, Ada Abraham estava consciente da evidência explosiva que ela encerrava. [...] Desde então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre *a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes* ou o *desenvolvimento pessoal dos professores*.

E, cá estamos nós, 33 anos depois, com esse trabalho, pretendendo colaborar para o crescimento pessoal e profissional de cada professor, a partir do viés de que “[...] a possibilidade de produzir um *outro* conhecimento sobre os professores, mais adequado para compreender como pessoas e como profissionais, mais útil para descrever (e para mudar) as práticas educativas, é um desafio

intelectual estimulante” (NÓVOA, 2013, p. 24), pois este professor, “[...] ao narrar, oralmente [...] suas experiências profissionais, modifica as representações de si e sua prática pedagógica (PASSEGGI et al, 2006, p. 257), o que acarreta, conseqüentemente, o desenvolvimento institucional, uma escola outra, por nós tão desejada, incutindo que “[...] o registro, a reflexão e o relato dessas experiências se caracterizarão como os principais elementos que alimentarão o seu percurso de autoria e conseqüentemente a ressignificação de seu trabalho docente (ALMEIDA; GONZAGA, 2017, p. 3).

Além mais, o pensamento de Prado e Soligo (2007, p. 51) é taxativo ao mencionar que

[...] Ao narrar, visitamos o passado na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram “esquecidos” no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas, sim, estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos.

Analisando, pois, as narrativas desses professores, é imprescindível fazer alguns apontamentos, observados durante a realização da Roda de Conversa, em que foi possível compreender, por exemplo, que por diversos motivos os participantes não tinham a intenção de tornarem-se professores.

[...] Nunca quis muito assim ser professor porque minha mãe foi “sofressora”⁴⁹ durante muitos anos, até se aposentar. [...] Eu via a luta da minha mãe. Eu via as dificuldades. Eu via os problemas que ela enfrentava e eu meio que não queria aquilo pra mim. (Prof1)

[...] Eu também não tinha interesse em ser professor. Todos os meus irmãos eram professores. Eu queria fugir daquilo. (Prof2)

[...] Ele [meu irmão mais velho] pediu até pra eu fazer o Magistério, que era um curso profissionalizante. Fiz o Magistério, por indicação do meu irmão. (Prof3)

[...] Eu comecei a trabalhar mais na área de Informática, porque a área de Informática paga melhor do que docente. Então eu comecei a trabalhar como Técnico. (Prof4)

[...] Eu evitei ser professor ao máximo que eu pude. [...] Eu não me via como professor, não me via dando aula, não me via conduzindo uma turma. (Prof5)

Ao nos depararmos com esses relatos, chegamos a ficar assustados tentando compreender o porquê dos nossos professores não terem tido, desde sempre, a intenção de atuar na docência, porém, é plausível o entendimento de que muitos

⁴⁹ Termo utilizado pelo Prof1 para caracterizar quão difícil foi a vida de docente de sua mãe, mesclando as palavras sofredora e professora, obtém-se o termo “sofressora”.

destes só desenvolvem a paixão pela docência durante o curso de graduação (Formação Inicial), quando passam por uma experiência de sala de aula (seja no serviço público e/ou privado ou em Estágio Supervisionado) ou até mesmo por necessidades circunstanciais de (sobre)vida, conforme observa-se a seguir:

[...] Eu acabei optando por Letras. Gostei do meu curso. É um curso muito bom. Foi uma formação assim que, pra mim, foi um divisor de águas na minha vida. Ali eu comecei a enxergar que eu queria, e iria, ser professora mesmo. Mesmo sabendo, já um pouco, de todas as dificuldades que tem na profissão. Percebi que ali, no início daquele curso, que era o que eu ia fazer na minha vida. (Prof1)

[...] Quando eu sai daqui [de Lábrea] eu já tinha feito o curso de Magistério, então já tinha um contato com a sala de aula, enquanto professor, pelo Estágio, no Magistério. Então eu decidi que eu ia ser professor quando eu entrei no Curso. Mas a minha dificuldade era saber qual área. Acabei optando por Letras pela afinidade com a Língua Portuguesa, que eu tive durante a minha trajetória de estudante. E, hoje eu não me vejo fazendo outra coisa. (Prof2)

[...] Lá no Magistério, nós temos muitas Didáticas e lá os professores fazem com que você vá pra frente da sala de aula para explicar aquele conteúdo [regência de classe] para os demais colegas. Então foi aí que eu comecei a gostar da profissão. (Prof3)

[...] Lá [na faculdade] foi meu primeiro contato com sala de aula porque eu já gostava da área e eu gostava também de assessorar os colegas. E, como eu me destacava também na faculdade, eu acabava ensinando pra eles de alguma maneira, então eu pedia. Tava tendo na faculdade um cargo pra Monitoria, abertura de edital para Monitores, então eu me inscrevi pra ser monitor. Então eu era uma pessoa muito tímida, não conversa quase nada. E de repente cheguei numa turma que tinha 40 pessoas que tavam ali pra me ouvir. Então foi o primeiro contato que eu tive. “Caramba eu tenho que dizer alguma coisa. Eles querem me ouvir.” E foi assim que eu tive o primeiro contato com sala de aula. (Prof4)

[...] O que me fez entrar pra Educação em si foi a necessidade. Na época, com esposa, minha filha já tinha nascido e a gente precisava de alguma forma garantir que a família obtivesse seu sustento. Então eu lembro que a primeira vez que eu aceitei o desafio de conduzir uma turma foi em 2009, quando eu me tornei tutor da Universidade Aberta do Brasil [UAB] e a partir daí esse meu contato com a construção do conhecimento, a ajudar pessoas a descobrir coisas novas, foi me fascinando. (Prof5)

É possível apreender ainda, seja por exemplos a serem seguidos ou não, que alguns professores destes serviram como inspiração para atuação em sala de aula, seja para definição da carreira a seguir, tal qual assevera Pinto e Miornado (2000, p. 229): “[...] As imagens dos(as) professores(as) serviram de referência para balizar a sua prática pedagógica na atualidade: fosse com relação ao modelo, muitas vezes idealizado, de professor(a), fosse por um ‘antimodelo’ do que o primeiro, de um(a) professor(a) cuja prática não serviria de exemplo”.

[...] E quando eu tive que fazer a escolha pra ver que Licenciatura eu ia fazer eu escolhi Língua Portuguesa por isso. Também por causa de uma professora que marcou muito a minha vida no Ensino Fundamental, do 6º

ao 9º ano, a professora Vanuza⁵⁰, que tinha um trabalho diferenciado com a gente. Ela gostava muito da nossa turma. Isso me impactou de uma forma que eu passei a gostar muito de Língua Portuguesa. (Prof2)

[...] E eu lembro que naquele primeiro dia me vieram as lembranças de alguns professores meus, inclusive do professor Cleuton e de tudo aquilo que, de todos os docentes que eu tive. (Prof5)

[...] Mas Matemática, eu tinha uma certa dificuldade pela formação no Ensino Fundamental e tudo. Eu tive alguns professores que não ajudaram muito. Então eu tinha muito medo da Matemática. (Prof1)

Assim, positiva ou negativamente, os professores acabam sendo, de forma geral, imortais, presentes efetivamente na vida profissional de seus alunos, conforme abordagem de Rubem Alves: “[...] Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia de nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais” (2000, p. 72).

Abordagem similar é feita por Tardif (2014, p. 260-261) quando trata dos saberes docentes, ao frisar que “[...] uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e sobretudo de sua história de vida escolar”.

Quando levamos em consideração a Formação Continuada dos professores partícipes, ficamos entusiasmados com as narrativas, pois cada um deles, dentro da sua área e de acordo com suas especificidades, tem investido, sem medir esforços, inclusive com grandes deslocamentos (no Estado do Amazonas, ou em outros Estados da Federação) para aperfeiçoar seu desenvolvimento profissional, através de Programas de Pós-graduação, seja *Lato* (Especialização) ou *Stricto Sensu* (Mestrado ou Doutorado).

[...] Depois da faculdade, eu fiz uma Especialização em Linguística. E aí depois também, tudo pela Universidade do Amazonas. Fiz o Mestrado em Letras. Também dentro da Linguística e agora, atualmente, estou fazendo Doutorado em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Londrina [no Paraná]. (Prof2)

[...] Então fiz, em 2002 a 2005, a graduação na minha área, de Matemática, e já, com 12 anos na profissão iniciei uma Especialização, na qual o curso era Ensino da Matemática, pela UEA. Já sou Mestrando pelo ProfMAT⁵¹,

⁵⁰ Trata-se de Vanuza Xavier de Amorim. Atualmente (2017), diretora da Escola Estadual Thomé de Medeiros Raposo, que oferta Ensino Médio Regular, em Lábrea-AM.

⁵¹ O Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional – PROFMAT é um programa de mestrado semipresencial na área de Matemática com oferta nacional. É formado por uma rede de Instituições de Ensino Superior, no contexto da Universidade Aberta do Brasil/Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), e coordenado pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), com apoio do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA). Surgiu mediante uma ação induzida pela CAPES junto à comunidade científica da área de Matemática,

que é um Mestrado também Profissional, ainda tá faltando minha qualificação e a minha defesa.[...] O Mestrado faço pelo ProfMAT, pela Universidade Federal do Acre e lá foi um desafio muito grande pra mim. [...] Todas as semanas andar [ir de carro], cerca de 1000 quilômetros pra chegar em Rio Branco [capital do Acre]. Então todas as quintas eu saia daqui de Lábrea, pra amanhecer na sexta-feira em Rio Branco, estudar lá, porque as aulas eram sexta-feira e retornar naquele mesmo dia, porque as aulas terminavam 10 horas da noite, no horário local e 15, 20 minutos, às vezes até meia-hora pra sair da sala de aula [...] porque quando chegava aqui em Lábrea já era pra trabalhar novamente. Trabalhava de segunda até quinta-feira, pela manhã, e quando eu já saia daqui já era na correria pra mim retornar pra fazer a viagem novamente. (Prof3)

[...] Sou formado em Sistemas da Informação, pela Faculdade de Tecnologia de Ciências, lá da minha cidade mesmo [Itabuna]. Depois eu fiz MBA e Sistemas de Informação, pela Escola Superior Aberta do Brasil. Fiz Especialização em Rede de Computadores, pela Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais. Depois fiz outra Especialização em Administração de Redes Linux, também pela Universidade Federal de Lavras. Fiz o Mestrado em Ciência da Computação, pela Universidade Federal da Bahia e atualmente estou fazendo Doutorado na Universidade Federal da Bahia, também em Redes de Computadores. (Prof4)

Outro fator relevante analisado, foi a preocupação que estes professores têm quanto à sua identidade docente. Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula? (NÓVOA, 2013, p. 16) Que tipo de professor eu sou? Questionam-se:

[...] Eu sou uma professora meio tradicional [afirma]. Em alguns pontos da disciplina, no silêncio da sala. (Prof1)

[...] Então eu tive que reaprender, reinventar o processo de ensino e tive que, como não tinha formação pedagógica, como os meninos tem aqui [professores da base comum], tive que buscar outros, inclusive no SENAI foi um suporte pra isso, que eu fiz uma capacitação docente lá, mas até hoje estou aprendendo. (Prof 4)

[...] Eu seria que tipo de professor? Isso eu percebi que, talvez se eu tivesse feito uma licenciatura eu estivesse mais preparado, mas não pronto, por que até hoje eu ainda me pergunto: Que tipo de professor eu sou! (Prof.5)

Para tranquilizar os professores, António Nóvoa (2013, p. 16) argumenta que todos temos nossos conflitos de identidade, uma vez que

[...] a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário, realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.

representada e coordenada pela SBM e visa tender prioritariamente professores de Matemática em exercício na Educação Básica, especialmente de escolas públicas, que busquem aprimoramento em sua formação profissional, com ênfase no domínio aprofundado de conteúdo matemático relevante para sua docência. Disponível em <http://www.profmat-sbm.org.br/organizacao/apresentacao/> Acesso em 14.out.2017

E dentro desse processo identitário é relevante conhecer a respeito da questão da autoria dos professores, suas produções acadêmicas, publicações, ao como sentem-se autores e/ou professores-pesquisadores, tendo em vista as oportunidades disponibilizadas ao longo da trajetória acadêmica, seja na formação inicial ou continuada e a sua identidade e relação com a pesquisa, à medida que “[...] é pela escrita que passa fundamentalmente a reversão de uma situação de poder instituído, em particular no que se refere à formação de professores” (KRAMER, 1998, p. 34).

[...] Na Universidade, [...], eu fiz alguns trabalhos. Na UFAM, a gente produzia muito artigo, principalmente de Literatura, que é a área de Letras que eu gosto, que eu pretendo seguir carreira e tinha os eventos na própria Universidade, que a gente apresentava, ai publicava e tudo mais e aqui apareceu uma revista e a temática do meu artigo de Graduação, do meu TCC, tava dentro; eu mandei e tá pro aceite e tem mais uns dois ai que eu também tô esperando a resposta, mas só no ano passado que eu me inscrevi pro PIBIC⁵² e fui fazer assim e confesso que apanhei do começo até o fim.[...] Mas agora acabou que eu submeti de novo e o projeto foi aprovado novamente, então, lá vou eu de novo no PIBIC, nessa jornada. Agora, mais ciente de onde eu errei, de onde eu acertei e de onde eu posso melhorar. (Prof.1)

[...] Na graduação [...] fiz PIBIC e de lá eu já me apaixonei pela área que eu segui: tanto no Mestrado, quanto no Doutorado, que é a Linguística e mais especialmente, a Sociolinguística, a Dialetologia. Então, eu fiz o meu primeiro projeto de pesquisa ainda na graduação como orientando de PIBIC - Iniciação Científica, eu pude receber nesse projeto menção honrosa dentre mais de 200 projetos que foram executados na UFAM, na época, em 2005 [...]. Isso me incentivou a querer o Mestrado e o Doutorado [...] Eu viajei pra Espanha⁵³, eu publiquei, estou com essa publicação pra sair, que é uma publicação numa revista internacional. Eu pude receber um elogio, na Espanha, que pra mim marcou muito a minha vida como pesquisador. [...] No Doutorado eu fui obrigado a produzir mais. Só no ano passado [2016], eu acho que eu publiquei três artigos. Eu publiquei capítulo de livro. Eu publiquei artigo em revista nacional e agora tô esperando sair artigo em revista internacional, agora já saiu outra nacional. (Prof2)

[...] Já em relação a publicações. [...] Tenho alguns trabalhos no IFBaiano, Instituto Federal Baiano, que é um dos Institutos da Bahia, que lá tem dois;

⁵² O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de (IC) é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa. Os estudantes tornam-se bolsistas a partir da indicação dos orientadores. Disponível em <http://cnpq.br/pibic>. Acesso em 04.set.2017

⁵³ MAIA, E. G.. Enfraquecimento do /S/ em coda silábica em dados dos sul do Amazonas - Brasil. In: III Gallaecia - Congresso Internacional de Linguística histórica, 2015, Santiago de Compostela. Gallaecia - III Congresso Internacional de Linguística Histórica - Resumos. Santiago de Compostela: Faculdade de Filologia - Universidade de Santiago de Compostela, 2015. v. 01. p. 01-276. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4139070D9>. Acesso em 03.set.2017

tenho também trabalhos na Escola Regional de Computação Bahia, Sergipe e Alagoas também nessa área. Tenho artigos no Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores, que é, no Brasil, Qualis B2 e ele tem indexação internacional. Tenho também um protocolo⁵⁴ que eu criei – internacional – é uma aplicação internacional que é A1, do órgão máximo que rege a Rede de Computadores no mundo, que é o Instituto de Engenheiros Elétricos e Eletrônicos [IEEE]. É um protocolo que tem visibilidade mundial. Por conta disso também já dei muitas palestras e oficinas [...]. Ele visa a comunicação entre equipamentos em rede de computadores, que se torna energeticamente eficiente, então eu consigo através de um protocolo específico fazer com que os dados se encaminhem mais rápido e que eu consiga desligar equipamentos de rede de computadores como switches, roteadores, enfim... Então por ser um trabalho até então inédito ele se tornou destaque nacional e mundial também ultimamente. [...] Eu acho muito legal fazer pesquisa porque isso aí alargou, como eu falei, minha visão, porque através disso eu tive que manter contato com outras coisas também, outras pessoas, outras instituições, por exemplo, pra fazer o Mestrado lá, como é Informática e tá atrelado a Inglês, eu já tinha que ter a fluência em Inglês, tanto em escrita como em fala. Tive que aprender espanhol pra poder falar com algumas pessoas pela Espanha. Esse último protocolo, por exemplo, foi meio que uma parceria, que também é promovido através de instituições assim. Com o Laboratório Nacional de Computação Científica do Rio de Janeiro e a Universidade Católica de Lovén, que fica na Bélgica, então, como a Bélgica fala francês, tive também que aprender francês, pelo menos pra se virar e ultimamente, como tem também apoio do pessoal de Berlim, na Alemanha; tive que também aprender um pouco de alemão. [...] Olha o que eu tive que fazer pra encaixar um Produto no Mercado. É muito gratificante fazer isso [pesquisa]. (Prof4)

Partindo desse exercício de autoria (na escrita), do enxergar-se autor, e da necessidade de manifestar tal interesse nos seus alunos, o professor pode necessariamente desempenhar e assumir

[...] o direito e o desafio de expor as suas idéias, de escrever as suas palavras a partir do lugar que ocupam no processo educativo, com todas as dificuldades, vantagens e esforço que isto implica. [...] Partindo da escrita de diários de aula, avançando para a elaboração de depoimentos pedagógicos [socializados a partir da escrita de memoriais de formação ou do registro de grupos focais ou rodas de conversa com alunos ou colegas de trabalho], culminando com a elaboração de textos valorizados academicamente como artigos, projetos de pesquisa e relatórios monográficos. (ZIBETTI, 2007, p. 150).

Outro viés que pode ser adotado, nesse aspecto, para motivar o interesse pela pesquisa e a realização e socialização de trabalhos no âmbito educacional é a tendência do professor-pesquisador, amplamente discutida na introdução deste

⁵⁴ ARAÚJO, A. C. S.; SAMPAIO, LEOBINO N. ; Ziviani, Artur . BEEP: Balancing Energy, Redundancy, and Performance in Fat-Tree Data Center Networks. IEEE INTERNET COMPUTING ^{JCR}, v. 21, p. 44-53, 2017.

ARAÚJO, A. C. S.; SAMPAIO, LEOBINO N. ; Ziviani, Artur . BEEP: Equilibrando Energia, Redundância e Desempenho em Redes de Centros de Dados. 2016. (Programa de Computador sem registro) Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4487940D6>. Acesso em 03.set.2017.

capítulo, e que para Paulo Freire (2003, p. 29), deve ser uma exigência para quem ensina, ao explicitar que

[...] No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente **a indagação, a busca, a pesquisa**. O que se precisa é que, em sua **formação permanente**, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. [grifo nosso]

Esse entendimento ficou evidente ao percebermos a importância do IFAM *campus* Lábrea para o despertar e aprofundamento de um professor para a pesquisa. Este desenvolveu alguns trabalhos durante a graduação, porém, foi na instituição que se deu o *insight* para pesquisa.

[...] Tanto é que na minha produção acadêmica, quando eu fiz Letras, eu já tinha produzido alguns trabalhos, publicado, apresentado em eventos, assim, mas aqui foi onde eu consegui publicar o meu primeiro artigo em revista. É onde eu submeto pra participar de trabalhos, as experiências – assim – com alunos, embora muitas vezes tenha o seu desgaste emocional, mas também são gratificantes. [...] Na UFAM, a gente produzia muito artigo, principalmente de Literatura, que é a área de Letras que eu gosto, que eu pretendo seguir carreira e tinha os eventos na própria Universidade, que a gente apresentava, aí publicava e tudo mais e aqui apareceu uma revista e a temática do meu artigo de Graduação, do meu TCC, tava dentro; eu mandei e tá pro aceite e tem mais uns dois aí que eu também tô esperando a resposta, mas só no ano passado que eu me inscrevi pro PIBIC e fui fazer assim [...]. A gente concluiu o PIBIC 2016/2017 agora em Julho [...] Mas agora acabou que eu submeti de novo e o projeto foi aprovado novamente, então, lá vou eu de novo no PIBIC, nessa jornada. (Prof1)

Outro ainda, observando as singularidades das turmas, optou por mudar a temática dos projetos PIBIC, para encontrar uma convergência maior com os alunos.

[...] Consegui fazer um PIBIC aqui, um pouco também relacionada à Rede de Computadores, o ano passado, que finalizou agora e esse ano eu tenho mais dois trabalhos de PIBIC, que eu já mudei a área. [...] Eu já percebi, [...] que um projeto acaba ensinando a gente, como se comportar e como trabalhar aqui na Instituição, acabei mudando completamente de área, tô trabalhando agora com Robótica porque eu já vi que é o que encaixa aqui [...]. (Prof4)

E o mais surpreendente foi perceber a necessidade que um professor, mais ligado às atividades de Extensão, em direcionar, a partir da nossa conversa, um viés à pesquisa.

A minha relação com a pesquisa [...] não é tão próxima. A faculdade que eu frequentei não incentivava tanto essa questão da pesquisa, era muito mais incentivada a questão da Extensão Universitária. [...] Tendo ciência disso, de que pra ingressar num programa de Mestrado isso é importante, eu pretendo a partir de então, tentar escrever e publicar um pouco mais. (Prof5)

Isso posto, apresentamos a seguir a motivação para estes professores ingressassem no IFAM, isto é, como se deu o seu processo de ingresso na

instituição, o que implica, para isso, entender que o “[...] município de Lábrea localiza-se no médio curso do rio Purus, na situação do centro sub-regional do Purus, ao sul do Estado do Amazonas, numa grande área de planície aluvial em plena Amazônia” (LÁBREA, 2014, p.10).

É crucial saber essa motivação porque 65% dos docentes são de outras cidades, Estados e/ou regiões do país, o que implica num conhecimento histórico-social prévio, acerca da região do município: aspectos históricos, dimensão social, densidade demográfica, características da população, situação dos alunos, dentre outras peculiaridades locais.

O IFAM *campus* Lábrea está localizado na área periférica norte de Lábrea, denominada Vila Falcão, uma das regiões mais populosas e carentes de serviços públicos da cidade. Sua origem, a princípio, data do início dos anos 90, quando foram criadas diversas Escolas Agrícolas pelo país, porém, com a interrupção instituída no início do governo FHC, as instalações foram cedidas ao Exército Brasileiro (em que funcionou o Tiro-de-Guerra 12-006/Lábrea) e posteriormente à Prefeitura Municipal de Lábrea, até 2009 onde funcionou inclusive como Faculdade (cursos da UFAM) e, na sequência, como a então Escola Municipal Jovelina Maia.

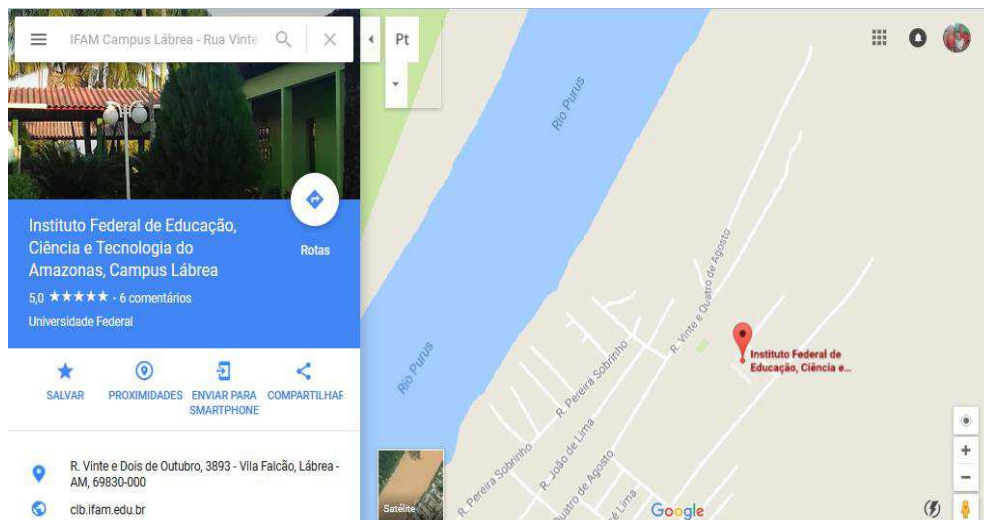
Sua inauguração, enquanto *campus* do Instituto Federal do Amazonas, tendo passado por uma ampla reestruturação, data de Fevereiro/2010, a partir da instituição da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.

Em consonância com o estabelecido, a missão⁵⁵ do IFAM *campus* Lábrea é “[...] promover educação através do Ensino, Pesquisa e Extensão visando o desenvolvimento socioambiental local e regional do Médio Purus” (AMAZONAS, 2013, p. 16) e a visão⁵⁶ consiste em “[...] ser referência como instituição de Educação Profissional e Tecnológica na região do Médio Purus” (Ibidem, p. 18).

⁵⁵ É tudo aquilo que a Instituição deseja cumprir no seu ambiente de operações.

⁵⁶ Consiste no como a Instituição deseja ser vista no futuro, quando seu planejamento estiver sendo executado.

Figura 59. Localização do IFAM campus Lábrea, a partir de imagens de satélite.



Fonte: Google Maps.

[...] Foi engraçado porque eu não ia fazer [o concurso]. Acho que encontrei uma professora [...] do IFAM de Humaitá e ela me perguntou porque que eu não fazia. Eu disse que não tinha vaga pra Humaitá. Ela me disse: “Faz pra outro município. É fácil você conseguir transferência pra cá. Pessoal que tá aqui veio tudo de outro lugar”. Ela me vendeu mil sonhos da facilidade de fazer pra outro lugar e poder voltar pra minha cidade [Humaitá]. A minha inscrição no concurso era cem reais e eu tava lisa. Eu brinquei com o meu pai. Eu falei: “Pai, o senhor paga? Se eu não passar, eu lhe devolvo. Se eu passar, eu não vou lhe pagar esse dinheiro não”. Segundo ele, foi o dinheiro mais bem gasto da vida dele. E foi assim que eu vim parar aqui [em Lábrea]. Eu não ia nem fazer Inglês, assim. Eu ia fazer Português, mas as cidades que tinham Português era Manacapuru, Maués, Presidente Figueiredo, Eirunepé. Então eu achava tudo muito distante e assim, eu não tinha muita vontade de sair de perto da minha família e tudo. [...] E fiz, meio que nessa ilusão de conseguir voltar rápido. Não deu e eu tô aqui até hoje. (Prof1)

[...] Então quando surgiu o IFAM, em Lábrea, a minha mãe já, praticamente mais uma vez, me obrigou a fazer o concurso, porque eu havia dito pra ela que eu só voltaria pra cá se eu tivesse uma oportunidade como essa, onde eu pudesse ter um salário melhor, porque lá em Manaus, eu já trabalhava na Prefeitura, já tinha duas cadeiras na Prefeitura, então, eu só voltaria pra cá [Lábrea] se fosse pra trabalhar na Universidade ou no Instituto Federal e eu achava que isso não ia acontecer nunca. Eu usava isso até como uma desculpa pra minha mãe. Então quando ela soube que ia, ela falou assim, ela ligou pra mim e falou assim: “o CEFET vai ter aqui em Lábrea, você vai fazer o concurso!”. Porque foi a desculpa que eu dei pra ela que eu não ia voltar. Ela achava que quando terminasse a faculdade eu voltaria, aí eu disse pra ela: Pra que que eu vou voltar pra trabalhar na Prefeitura ou no Estado? Se eu quisesse trabalhar na Prefeitura ou no Estado eu não teria saído daí; era o que eu dizia pra ela. Porque a gente sabe que o salário é pouco. (Prof2)

[...] Fiz o Concurso do IFAM e, não fui chamado, porque tinha sido o 3º colocado e, eram apenas duas vagas. E continuei na UEA como Professor-Assistente [em Boca do Acre]. Na sequência tivemos que fazer nova Prova

de Desempenho Didático, por problemas de justiça que houve. E fiz novamente e passei em primeiro. Fui chamado pelo IFAM e estou até hoje no Instituto. (Prof3)

[...] Foi mais por uma brincadeira porque não pensava em fazer o concurso, já que a área técnica de Informática pagava melhor que a docente, cerca de duas ou três vezes mais. Então não era o que almejava. Só que eu trabalhava em empresas privadas e chega um momento na vida, 36 anos. Eu pensava assim. Eu tenho que ter algo mais seguro. Não pensava em fazer concurso, um colega que me indicou aqui [Lábrea]. Ai foi aquela coisa de agitação, fazer... É tanto que na inscrição eu me inscrevi pra TAE [Técnico-Administrativo em Educação – Área Informática] e pra docente porque era só uma brincadeira mesmo minha e aí eu tava mais preocupado com o Mestrado, que na época, estava finalizando um trabalho para o Simpósio Brasileiro de Redes, que faz parte da RNP⁵⁷, então o meu foco era esse. Então acabei caindo aqui de para-quedas. Fui aprovado, felizmente nos dois. Meus pais gostaram disso, mas assumi o de Docente e tô aqui em Lábrea há dois anos e meio. (Prof4)

[...] E surgiu a oportunidade de ingresso no Instituto Federal do Amazonas [IFAM campus Lábrea]. Mais uma vez eu tentei evitar ser professor. Fiz o concurso pra Técnico [Assistente em Administração]. Não fui selecionado. Fiz o concurso pra Docente e o destino, de fato, me mostrou qual era o meu caminho. “Não! Você vai ser professor”. Trabalho hoje, no Instituto Federal do Amazonas, há 5 anos. (Prof5)

Cada um teve a sua história inusitada para o ingresso na Instituição, mas foi interessante observar que quando as narrativas foram acerca de como eles se veem sendo professores do IFAM, em Lábrea, o tom de seriedade foi o mais alto possível e foram destacados vários episódios, pois “[...] a construção de identidades passa sempre por um processo complexo graças ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional” (Diamond, 1991 apud Nóvoa, 2013, p.16).

[...] Eu costumo brincar que eu sou meio promíscua com a vida no sentido que eu enjoo das coisas em determinado momento; aquela mesma coisa a todo momento sempre; aquela mesma situação; a mesma vida; então eu não me contentei me ser só professora do Ensino Fundamental. Eu sempre quis mais. Quando eu comecei a estudar, que os meus professores falavam de Mestrado, Doutorado, Especialização, assim, confesso pra vocês que, em 2004, quando eu entrei na minha primeira graduação eu achava isso tudo muito distante de mim. Eu via assim como uma coisa que, meu Deus, será que algum dia isso vai acontecer? Mas, com o passar do tempo, isso parece que foi se aproximando mais, se concretizando mais e eu comecei a sonhar com isso. Eu comecei a, porque que eu tenho que ficar só aqui se eu posso ir mais longe? O IFAM pra mim foi isso [...] Já que a minha profissão é essa [docente], então eu quero crescer profissionalmente. Eu não quero ficar aqui estagnada e infelizmente ou felizmente, no Brasil, na carreira do magistério, a Universidade e os IFs atualmente são o que te

⁵⁷ A Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) provê a integração global e a colaboração apoiada em tecnologias de informação e comunicação para a geração do conhecimento e a excelência da educação e da pesquisa. Desde 2002, é uma Organização Social (OS) vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e mantida por esse em conjunto com os ministérios da Educação (MEC), Cultura (MinC), Saúde (MS) e Defesa (MD), que participam do Programa Interministerial da RNP (PI-RNP). Disponível em <https://www.rnp.br/institucional/quem-somos>. Acesso em 04.set.2017

proporciona esse crescimento profissional porque, ao mesmo tempo que o salário é melhor, “eles te empurram” a querer crescer profissionalmente. Eles não te aceitam a ficar acomodado, com aquela mesma formação a vida toda, igual você ficaria se tivesse numa Prefeitura ou num Estado, ou numa Secretaria de Estado. Então como professora do IFAM eu me via como uma oportunidade de crescer profissionalmente; de ascender na carreira; de melhorar; não só nos estudos, também, na qualificação, mas de ter novas experiências. Dar aula pra pessoas diferentes; trabalhar. Eu tive uma experiência om Ensino Médio, mas tinha sido bem curta, anteriormente [...] Eu também tenho vontade, assim, de ir pra Universidade, de trabalhar com outro público e é isso que me motiva. Dentro da carreira aqui, eu também percebi que não era tão – assim – poético como eu tinha imaginado, mas, eu tô batalhando e, ao mesmo tempo, que tem as dificuldades, eu sei que aqui eu tenho possibilidade de ir mais longe. Lá onde eu tava [Humaitá] infelizmente, eu acho que eu ainda taria por lá, na mesmice. [...]. O IFAM, de modo geral, ele meio que te incomoda a sair daquele lugar parquinho que você tá. Eu acho muito estranho quem consegue ficar assim, acomodado, trabalhando num lugar como um Instituto Federal, porque é difícil. Você ver as pessoas fazendo assim e você quer também e você sempre com aquela necessidade de produzir alguma coisa.

[...] Assim quando a gente vê os alunos que conseguem concluir, que conseguem ir embora, assim. Que você ver que foram pra frente, que tão melhorando de vida, sei lá, dar um gás novo, te renova. Então assim, ser professora no IFAM pra mim, foi um sonho de certa forma, porque eu precisava sair do lugar que eu tava; eu precisava me deslocar de lá de alguma forma e o IFAM me proporcionou isso e eu tenho certeza que vai me proporcionar muito mais experiências e muito mais situações. Provavelmente não vou ficar aqui a minha vida toda, e quando eu digo aqui, eu digo nessa esfera de ensino, assim, porque eu vou querer mais do que isso. Eu não me vejo me acomodando num lugar e me conformando. Eu não tenho isso em mim como pessoa e não tenho também como profissional. (Prof1)

[...] Eu sempre almejei crescimento profissional no sentido de produção intelectual, além da sala de aula.

[...] Então, hoje, o IFAM pra mim representa estabilidade financeira. Eu acredito que nem na Universidade eu – ainda – vou receber o tanto que eu recebo no IFAM. Então, pra mim, é um privilégio, a primeira coisa é essa. A segunda, aqui eu tinha a oportunidade, mesmo trabalhando com o Ensino Médio, de orientar alunos, de fazer pesquisa, então, já foi melhor pra mim. Teve um episódio também aqui, que foi quando eu fui supervisor do PRONATEC. Nessa época, eu aprendi muito; a questão administrativa, porque só em sala de aula a gente não tem noção, muitas vezes, dos trâmites de tudo que ocorre nos bastidores. Então eu queria ter essa oportunidade também. Eu praticamente obriguei o diretor [risos] a me dar esse cargo por conta disso. Ele disse “mas tu pode trabalhar, tu pode dar aula, tu vai receber 50 reais a hora”. Mas eu falei: eu não tô interessado no dinheiro. Eu tô interessado na experiência. Eu quero um cargo de Supervisão. Eu quero um cargo onde eu possa aprender outras coisas, além de dar aula. Ai eu acho que o Instituto Federal, a Universidade, eles te dão essas oportunidades. Então pra mim, o Instituto Federal é isso. Eu avalio o Instituto Federal, em Lábrea, como uma coisa maravilhosa pra realidade dos nossos alunos porque quando eu sai do Ensino Médio, nós não tínhamos, primeiro, perspectiva de sair daqui. Nós não tínhamos, muitas vezes, como concorrer com outros estudantes, porque o ensino daqui era precário; até mesmo vestibular, [...], as nossas possibilidades era poucas, enquanto alunos. Hoje eu vejo os nossos alunos saindo daqui pra Universidades; [...] A quantidade de alunos que a gente aprova é maior. [...] A gente melhorou o Ensino Médio aqui. Mas eu gostaria muito que isso saísse do Ensino Médio porque eu não me vejo dando aula no Ensino

Médio a minha vida toda. Pra mim, [...] o IFAM é uma escada, embora eu tenha a estabilidade financeira que eu almejo, que é importante, [...] eu ainda não me sinto realizado profissionalmente como eu gostaria. Pra isso acontecer eu pretendo dar aula na Universidade. [...] Quanto à questão [...] da realidade dos alunos, eu aprendi muito aqui no IFAM, porque a gente tem alunos carentes; não só carentes na questão financeira, mas carentes de atenção, carentes de cuidados, alunos que tem dificuldades em vários campos. Então é uma realidade que, de certa forma eu já estava acostumado, quando eu dava aula em Manaus, na Prefeitura, porque eu sempre trabalhei com alunos em áreas mais periféricas, então eu sempre trabalhei com alunos que tinha dificuldade de aprender, que tinham mais dificuldades em se concentrar nos estudos, em se dedicar aos estudos. Eu acho que esse é o maior problema que a gente enfrenta aqui, hoje. Alunos que queiram se dedicar aos estudos e a gente está sempre procurando novas formas de atingir esses alunos e, ao mesmo tempo em que a gente vai buscando essas novas formas, a gente vai aprendendo porque a gente vai se reinventando também na nossa prática [...] (Prof2)

[...] Meu primeiro contato como professor do IFAM começou na aula didática do concurso por que o tema dele era “Tecnologia da Informação e Comunicação aplicada ao Ensino”. Era um conteúdo mais pedagógico do que conteúdo técnico, então eu tive a primeira dificuldade porque como eu não fiz licenciatura, [...] tive que buscar mais Pedagogia pra começar. [...] Eu cheguei aqui. Então eu vinha de aulas em faculdades de nível superior, público adulto, público que tá ali, eram poucos que não estavam interessados a realmente a seguir carreira, mas de forma alguma, mesmo que o pai influenciasse, ele estava ali e quando eu cheguei aqui eu me deparei com uma turma, como o colega já citou, que não vem com aquela base boa em Ensino Fundamental, então eu tive muita dificuldade com isso. Primeiramente, tive dificuldade de passar o assunto pra eles, porque alguns assuntos que seriam necessários pra dar continuidade nas nossas matérias técnicas, eles não tinham ou tinham incompleto. [...] Era muito comum eu chegar na sala pra dar uma aula de Informática e ter que revisar assuntos, principalmente da área de Matemática, com operações básicas, como divisão, às vezes, por número dois, por exemplo, que alguns tinham muita dificuldade pra fazer isso. Outra dificuldade [...] que eu tive aqui no Instituto é que, em Lábrea, pelo menos, o IFAM ser a melhor instituição de ensino da cidade, muitos vêm pra cá, às vezes, por status ou porque o pai quer que ele venha; não porque de fato ele quer, de fato, seguir a profissão. Então, como professor de Informática, às vezes, eu chego na sala e perguntava: “Quem quer fazer Informática aqui? Mesmos nos cursos Técnicos de Informática, de uma sala de 40, pelo menos 1 ou 2, só, levantava a mão, que queria seguir na área de Informática. A maioria só queria saber de Medicina ou Direito, então, fica difícil pra mim, ensinar o assunto de Informática; tornar esse assunto atrativo pra um público que era desinteressado. Eles não gostavam de Informática. Ele tava aqui porque tinha que fazer o curso e, muitos até, queriam outro curso, como por exemplo, Administração. Alguns falavam assim: “Ah professor, eu queria fazer Administração, mas não deu pra fazer Administração eu tô aqui em Informática. Então, eu tive que lidar muito com isso, mas por outro lado também, eles são meninos, embora tenham essa deficiência, que não é [exclusividade] daqui, eu acredito que isso aí acontece no interior de cada Estado, geralmente. Porque geralmente, os recursos vão mais pra capital, então eu acredito que, mesmo no meu Estado, Bahia, não deve ser tão diferente assim, como qualquer outros lugares também, mas eles são meninos muito bons, super-afetivos e carentes, tanto emocionalmente como na parte de ensino. Então eu senti [...] também um pouco diferente porque aqui, eu não sei se é porque falta em casa, essa afetividade, eu não sei por qual motivo, mas as vezes eu me via como uma espécie de paizão pra eles, principalmente para os meninos. Se passassem por mim 10 vezes por dia, todas 10 vezes: “Oi, professor. Que bom que cé t’aqui!”. E aquele abraço,

aquela coisa legal. Então esse calor humano pra mim foi bem legal também e da parte de ensino em geral, eu tive que mais uma vez superar aquele assunto já engessado que eu tinha em sala de aula pra aprender a explicar um assunto pra ele ficar mais atrativo: [...] mais analogia, mais aplicações no mundo real e a dificuldade que eu tenho como professor de Informática é que eu tenho que ensinar pra ele um tecnologia que, às vezes, eles não tem acesso. Por exemplo, aqui na cidade, muitos são carentes, não tem computador em casa e mesmo aquele que tem acesso a computador são apenas a computador específico, então, nós ensinamos Tecnologia de ponta hoje, de alto nível, vamos dizer assim, e que eles não tem contato e que por conta de falta de investimento, do Governo e outros órgãos, também acabam não trazendo esse recurso para o Instituto, então faltam recursos pra isso. [...] Eu dou aula de equipamentos que eles não vão tocar aqui, não chegam a tocar no curso e seria gratificante que tivessem. Mas, por outro lado, o IF é um local que traz muitas oportunidades também, diferentes universidades, também aqui no Estado, não sei, mas na Bahia, o mínimo que se entra lá é Doutor, então às vezes acontece muitas disputas de egos também, o professor não é apenas só o profissional, enfim, claro que não todos, mas é muito comum, já aqui é um público mais amigável, mais humano. É possível criar várias coisas aqui, ter acesso a várias oportunidades aqui, que nós não teríamos se tivesse numa Universidade porque, por exemplo, quando surge um Edital já tem aquelas pessoas específicas pra Edital, tem aqueles professores vencedores de Editais. Às vezes, a gente nem tem como concorrer, porque já são parceiros, enfim, daquelas instituições de Ensino, de fomento, então fica impossível praticamente pra um jovem ali, que tá entrando, conseguir engrenar na carreira. Mas, outra dificuldade que sinto aqui no Instituto também é aquele tripé que é a base do Instituto Federal que é Ensino x Pesquisa x Extensão, então, como a prioridade é Ensino, às vezes, ele acaba pecando um pouco nessa parte de Pesquisa e Extensão. Então, por exemplo, eu tive muita dificuldade para implantar pesquisas aqui, inclusive, como eu já citei em outra fala, tenho trabalhos aqui alguns de visibilidade locais na Bahia, outros Regionais, Norte e Nordeste ou nacional e até internacional e até hoje nunca tive da instituição nenhum tipo de benefício pra isso; não que tivesse que me vangloriar; nada do tipo. Mas até pra apresentar esses trabalhos, eu tinha que ir por conta própria, pagar tudo do meu bolso e quando voltava, tinha que pagar as aulas ainda, do tempo administrativo em que eu fiquei fora, então, não acho que isso seja uma forma de incentivar um pesquisador. [...] Mas não é isso que faz o IFAM ruim. Eu acredito na Instituição. Acho muito legal. Aqui também tem pessoas super-dedicadas, batalhadoras e isso aí me deixou gratificante. Eu vinha de [pausa] empresas, eu sempre lidei com computador, com máquinas e sinto falta disso até hoje, que como: configurar um servidor, montar estrutura, eu sinto falta disso. Hoje eu só deixei de ser Analista pra ser Professor [...] Mas é muito legal aqui o IF [...], assim como alguns colegas citaram também, eu acredito que aqui não seja o meu último emprego, meu último emprego não vai ser no Instituto Federal, pelo menos é a minha ideia porque eu também gosto de alcançar novos voos, mudar realmente de carreira, assim como eu tô aqui [...]. (Prof4)

[...] Ser professor do Instituto Federal do Amazonas é muito gratificante porque você primeiramente você faz parte de uma Instituição que, de fato, muda a realidade das pessoas. A gente trabalha com Educação e isso faz com que, de uma forma ou de outra, a realidade das pessoas, a realidade do município se transforme. Uma coisa que eu acho muito gratificante também de está aqui no Instituto é esse contato que você tem com pessoas de diversas partes do país. Seu Cleber é da Bahia. A Laura é de Humaitá e outros colegas que nós temos aqui que faz com que a gente tenha essa troca de experiências e vivências de uma maneira bem interessante. Em relação aos alunos, eu vejo que a relação professor e aluno aqui no Instituto ela é mais forte do que em outras escolas. Talvez pelo tempo

integral, então, a gente acaba passando mais tempo juntos do que numa escola normal e isso faz com que você sinta a responsabilidade de, além de ser professor, em tentar ser um exemplo pra esses meninos, né, porque eles ficam muito distantes do pai, da mãe. Às vezes alguns nem pai conhece, então, isso te traz uma responsabilidade um pouco maior e estar no Instituto também proporciona a satisfação financeira logicamente, mas também uma satisfação profissional muito grande porque aqui você tem inúmeras possibilidades. Você pode ser, ajudar um comerciante local, fazendo uma aula diferenciada, uma espécie de consultoria, você pode criar novos empreendimentos, através das Incubadoras que, infelizmente, nós ainda não temos no campus Lábrea, mas é um anseio e o Manaus Centro já possui uma incubadora, né. Você pode trabalhar com nível superior, também não é uma realidade do nosso campus, mas a gente espera que em breve o nosso primeiro Curso Superior esteja implantado. Então eu vejo, dentro do Instituto, um leque de possibilidades que faz com que você, enquanto profissional se sinta realizado e talvez pelo fato de eu ser do município, d'eu ser de Lábrea, eu tenho essa visão de que eu cheguei, no profissionalmente falando, eu estou bem e não me vejo trabalhando noutro lugar, pelo menos, não até agora, que não seja o Instituto Federal do Amazonas, por tudo isso que falei; pela possibilidade de crescimento, pelas inúmeras possibilidades de atuação e também, claro, pelo fato de eu estar trabalhando na minha terra natal; então, isso pra mim, é muito gratificante; eu me sinto muito bem em fazer parte dessa Instituição. Confesso que logo que eu cheguei, em 2012, 2013, 2014 era muito melhor devido as condições financeiras que o país se encontrava. Aqui no Instituto a gente tinha verba pra fazer muitas coisas. Uma das coisas que eu sinto falta hoje e que eu vejo que é prejudicial ao aprendizado dos alunos são as viagens, as visitas que a gente realizava. Eram viagens interessantes, estimulantes, porque dava a oportunidade aos alunos do meu curso, que é Administração, de conhecerem grandes fábricas, grandes empresas, de participarem e viverem um pouco do universo administrativo e, por mais que aqui em Lábrea, a gente tenha algumas empresas, mas nunca se compara, por exemplo, a você visitar uma fábrica de refrigerantes ou você visitar um Shopping, onde os alunos tem a condição de entender um pouco sobre Marketing, sobre Publicidade, Propaganda, Economia, sobre Finanças, sobre Gestão de Recursos Humanos, sobre Logística, de uma maneira mais ampla, então isso, no momento, pra mim, esses cortes orçamentários que vem acontecendo tem dificultado muito a questão do aprendizado do aluno e isso torna assim a nossa experiência enquanto professor, um pouco mais onerosa. (Prof. 5)

Foram narrados diversos momentos da participação dos professores na Roda de Conversa e muitos foram os episódios marcantes supracitados: a motivação familiar, o início na leitura e escrita, a formação inicial e continuada, a trajetória acadêmica, a relação com a pesquisa, o ingresso no IFAM e como se veem sendo professores na Instituição, dentre outros.

Esses relatos nortearam a necessidade de construção de debates mais intensos direcionados à melhoria das práticas pedagógicas. Percebemos que a pesquisa é um importante caminho, nesse contexto, haja vista o enorme campo de atuação que o professor tem por pesquisar, a partir do seu trabalho diário, suas dificuldades, seus anseios, vivências e experiências, sendo ele próprio objeto de pesquisa, uma vez que todo estudo precisa moldar inicialmente o pesquisador, para

posteriormente atingir os aspectos institucionais e finalmente a sociedade como um todo, tendo especialmente na autoria (na escrita), isto é, na reflexão de seus percursos de autoria, o início ou aperfeiçoamento deste caminhar.

Salientamos, por fim, algumas situações-problema inferidas a partir das abordagens dos professores, que podem (e devem) ser objetos de estudos futuros, com a finalidade de colaborar positivamente para a construção de uma instituição mais preocupada com o bem-estar de seus atores (sejam alunos, professores ou colaboradores):

- (i) Com é feita a recepção e adaptação dos professores oriundos de outras cidades/estados/regiões do Brasil, que ingressam no IFAM campus Lábrea?
- (ii) Que orientações são prestadas a estes quanto às peculiaridades locais, inclusive quanto à situação socioeconômica-cultural e educacional dos alunos da instituição?
- (iii) Qual a visão do Licenciando, do Bacharel e do Tecnólogo quanto às práticas pedagógicas adotadas na Instituição e o que é possível fazer para que bacharéis e tecnólogos, principalmente, tenham mais familiaridade com aspectos pedagógicos?
- (iv) Que Educação Profissional e Tecnológica temos (e qual queremos) no IFAM campus Lábrea, dados os aspectos regionais nos quais a instituição está inserida, observados os preceitos da Lei nº 11.892/2008, que criou os Institutos Federais?
- (v) Qual é a identidade profissional do educador do IFAM campus Lábrea?
- (vi) Quais são os aspectos motivacionais (intrínsecos e extrínsecos), dentre outros, que precisam ser trabalhados nos alunos ingressantes no IFAM campus Lábrea (antes, durante e após o seu ingresso)?
- (vii) Que estudos foram realizados a fim de conhecer a atual situação dos egressos da Instituição?
- (viii) Como a instituição pode se fazer mais presente na vida dos alunos e das comunidades indígenas e ribeirinhas do município de Lábrea?
- (ix) Que aspectos podem ser considerados satisfatórios (ou não) quando relacionamos a atuação do IFAM campus Lábrea quanto à sua visão, missão e valores, além das finalidades, características e objetivos daqueles estabelecidos pela lei de criação dos Institutos Federais?
- (x) Como tornar a autoria presente na instituição, a fim de conhecer a trajetória do aluno, tornando-o autor de sua própria história, através de seu (auto)conhecimento, (auto)reflexão e seus escritos?

Na próxima seção, estabelecemos pontos e contrapontos em relação ao percurso de autoria do pesquisador e daqueles episódios apresentados pelos professores durante a Roda de Conversa, no IFAM, em Lábrea.

3.4 Os pontos e contrapontos entre o percurso de autoria do pesquisador e dos professores

A história das formas nas quais os seres humanos construíram narrativamente suas vidas e, através disso, sua autoconsciência, é também a história dos dispositivos que fazem os seres humanos contar-se a si mesmos de determinada forma, em determinados contextos e para determinadas finalidades (LARROSA, 2000, p. 71).

Sob a análise da Roda de Conversa, realizada no âmbito do IFAM *campus* Lábrea, e tendo que apresentar um contraponto relacionado ao meu percurso de autoria e os episódios marcantes dos professores, é notório estabelecer inicialmente que, pelas narrativas serem de cunho pessoal, cada ator acaba por definir que episódios leva em consideração durante a explanação, o que ficou evidenciado na nossa conversa.

E isso é plausível de entendimento quando observamos o citado por Guimarães Rosa (1986, p. 172) ao dizer que: “[...] Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares”, ou melhor, alguns episódios acabam recebendo mais importância em detrimento de outros, por isso, denominamos ‘episódios marcantes’, para ele, professor.

Os principais contrapontos (análises divergentes) estabelecidos entre os dois pontos de vista (do percurso do pesquisador e dos professores) foram os seguintes:

- (i) O pesquisador é servidor Técnico-Administrativo, desempenhando a função de Assistente em Administração no IFAM *campus* Lábrea, o que é uma atividade-meio na instituição e os professores atuam na atividade-fim da Instituição, ou seja, no ensino propriamente dito, estando, pois, estes mais diretamente ligados à autoria e à pesquisa.
- (ii) Diferente dos professores, que são todos nascidos na zona urbana de seus respectivos municípios, o pesquisador é oriundo da zona rural do município de Lábrea-AM.

- (iii) Os professores, na condição de participantes da Roda de Conversa, e narrando seus episódios marcantes, “[...] realizaram momentos de análise, reflexão, que por estar fora do momento, da ação, coloca o professor em outro lugar. No lugar de observador da própria prática, por meio das lembranças” (ROSA, 2007, p. 249), o que pode, inclusive, ser questionado pelos demais participantes. O pesquisador, por outro lado, narrou seus episódios, por meio da escrita, o que exige mais, de acordo com o entendimento de Rosa (2007, p. 249) ao frisar que: “[...] relatar por escrito exige uma outra forma de organização das idéias, já que se subentende um interlocutor leitor, portanto, aquele que não pode estar diante de nós para lhes explicarmos possíveis dúvidas”.
- (iv) O pesquisador, no entanto, por ser o principal interessado, teve tempo hábil para pesquisar, estudar acerca da temática (a autoria e o enxergar-se professor-pesquisador) e fazer por escrito, o entrelaçamento das ideias e dos episódios marcantes a serem apresentados na pesquisa; enquanto os professores partícipes conheceram a temática durante o evento de socialização da pesquisa no IFAM *campus* Lábrea e contaram com dois dias para organizarem os episódios que seriam apresentados na Roda de Conversa.
- (v) Os cursos de Graduação e Especialização do pesquisador foram realizados na cidade de Lábrea, o que difere de alguns professores, que tiveram que deixar a cidade natal e buscar tal formação em outras cidades/Estados.

[...] Aos 18 [anos de idade], eu sai pra fazer faculdade de Letras, na UFAM, em Manaus. [...] Depois da faculdade, eu fiz uma Especialização em Linguística. Tudo pela Universidade do Amazonas [em Manaus]. (Prof.2)

[...] Eu tive que sair da minha cidade [Lábrea] no ano de 2005 pra fazer faculdade, pois a mesma não tinha a opção de curso superior. Tinha o Ensino Médio que te preparava pra fazer o Vestibular, no entanto, não tinha oportunidade de cursos de nível superior. Então eu tive que ir pra Porto Velho [Rondônia] [...]. (Prof.5)

- (vi) Outro fator relevante quanto à trajetória acadêmica dos professores é que estes seguiram uma área específica na Graduação, Especialização e

Mestrado. Os professores, por exemplo, de Língua Portuguesa, Matemática e Informática, fizeram as várias etapas do curso superior, na mesma área, o que os condiciona a um conhecimento amplo naquela área/disciplina. O pesquisador, por sua vez, pelos motivos já relatados no segundo capítulo desta, trilhou diversas áreas do conhecimento no ensino superior, a saber: fez graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Informática), Especialização em Gestão Pública Municipal (Políticas Públicas) e faz Mestrado em Ensino Tecnológico (Educação), o que permite o navegar por diversos caminhos na Educação.

- (vii) O pesquisador dispôs de tempo para organizar as ideias, selecionar materiais: fotos, textos, anotações, visando melhor compreensão dos fatos marcantes. Os professores, sem dispor desse tempo, tiveram apenas a busca de reminiscências de memórias e da possibilidade de (re)lembrarem episódios marcantes, a partir dos relatos apresentados por outros participantes, conforme consta:

[...] Eu avalio esse exercício, como a (...) falou, como essencial pra vida da gente. Vou levar isso pra minha vida e vou levar isso pra minha sala de aula, como a Laura falou. [...] Eu até lembrei quanto o (...) falou a respeito da estante de livro que ele tinha na casa dele, eu lembrei que, tinha algo parecido na minha casa. [...] Até mesmo vestibular, como o (...) já falou, as nossas possibilidades era poucas, enquanto alunos. (Prof2)

[...] Mas consegui fazer um PIBIC aqui, um pouco também relacionada à Rede de Computadores, o ano passado, que finalizou agora e esse ano eu tenho mais dois trabalhos de PIBIC, que eu já mudei a área, que eu já percebi, assim como (...) falou, que um projeto acaba ensinando a gente, como se comporta e como trabalhar aqui na Instituição. (Prof4).

- (viii) Há uma diferença significativa com relação às práticas pedagógicas quando fazemos o contraponto entre os professores que são licenciados e aqueles que são tecnólogos ou bacharéis. Estes têm mais dificuldades na execução da aula e não gostam de Pedagogia. São visionários para verem o resultado da aula aplicada, acontecer, conforme verificado nos relatos a seguir:

[...] Aqui nessa mesa somos representantes da base técnica, que é um pouco diferente dos colegas que falaram agora. Eu não sou da Base Comum. (Prof 4)

[...] Meu primeiro contato como professor do IFAM começou na aula didática do concurso porque o tema era “Tecnologia da Informação e Comunicação aplicada ao ensino”; um conteúdo mais pedagógico do que conteúdo técnico então eu tive a primeira dificuldade porque como eu não fiz licenciatura, então tive que buscar mais Pedagogia pra começar. (Prof 4)

[...] Eu sou sincero em falar, em não gosto muito de pedagogia, acho muito chato, então pra gente que é da área de Informática, estamos acostumados a ver acontecer. Eu dou um comando, ele responde. Faço uma coisa, obedece. Não é que nem Pedagogia, que eu vou tentar aplicar e ver o resultado que vai dar. [...] A aula que damos em uma turma. Se eu der a mesma aula em outra turma, não vai ser igual. Já, assim. É diferente! O público é diferente. Já o comando não... O comando que eu der em qualquer computador vai ser igual. Então eu tive uma dificuldade muito grande nisso. (Prof 4)

[...] Talvez pela experiência como tutor não foi tão aterrorizante, mas foi assim muito difícil porque eu não sabia qual seria a minha postura enquanto profissional dentro daquela sala de aula. Eu seria que tipo de professor? Isso eu percebi que, talvez se eu tivesse feito uma licenciatura eu estivesse mais preparado, mas não pronto, por que até hoje eu ainda me pergunto: Que tipo de professor eu sou! Porque às vezes você conseguiu alcançar mais o seu objetivo. Às vezes você utiliza a mesma estratégia com uma turma diferente e você tem um resultado que chega a ser até constrangedor. (Prof5)

(ix) Outro ponto de vista divergente, observamos quando a temática abordada foi o interesse de continuar como professor do IFAM, enquanto Instituição de Cursos Técnicos de Nível Médio e Subsequente:

[...] Provavelmente não vou ficar aqui a minha vida toda, e quando eu digo aqui, eu digo nessa esfera de ensino [Ensino Médio], porque eu vou querer mais do que isso. Eu não me vejo me acomodando num lugar e me conformando. [...] Eu também tenho vontade [...] de ir pra Universidade, de trabalhar com outro público e é isso que me motiva. (Prof1)

[...] Mas eu gostaria muito que isso saísse do Ensino Médio porque eu não me vejo dando aula no Ensino Médio a minha vida toda. Pra mim, [...] o IFAM é uma escada, embora eu tenha a estabilidade financeira que eu almejo, que é importante, [...] eu ainda não me sinto realizado profissionalmente como eu gostaria. Pra isso acontecer eu pretendo dar aula na Universidade. [...] Não quero me acomodar, por isso que eu tenho interesse de ir pra Universidade porque eu sinto que eu preciso disso pra me dar motivação pra eu seguir minha carreira de pesquisador também, não só dar aula. (Prof2)

[...] Eu já pretendo, eu pretendo dar continuidade aqui, entrar também no Ensino Superior aqui dentro do próprio campus e seguir carreira aqui mesmo. (Prof3)

[...] Eu acredito que aqui não seja o meu último emprego. Meu último emprego não vai ser no Instituto Federal, pelo menos é a minha ideia porque eu também gostei de alcançar novos voos, mudar realmente de carreira, assim como eu tô aqui, porque a área técnica, pelo menos na Informática hoje, ela paga bem melhor do que Professor [...]. (Prof4)

O divergente tem suas nuances e são essenciais para o direcionamento de nossas ações futuras, seja na vida pessoal ou profissional, haja vista que esses contrapontos não indicam que somos melhores ou piores que outrem, mas, que somos diferentes, e dentro de nossas particularidades, crescemos juntos, a partir do relato do outro e da vivência com o outro.

Mas nem só de contrapontos (sobre)vive um trabalho dessa magnitude. É essencial, estabelecer os pontos convergentes entre a trajetória do pesquisador e dos professores, dado que é mencionado em trecho de uma canção: “[...] vejo a minha história com a sua comungar⁵⁸”. E nesse aspecto, merece destaque tudo o que é semelhante entre tais percursos, aquilo que nos imbrica:

- (i) Assim como o pesquisador, os professores são de origem humilde e tiveram muitas dificuldades para ingressarem/concluírem os estudos iniciais (Educação Básica⁵⁹).

[...] A minha família: meu pai, minha mãe também, a exemplo de muitos aqui, são semianalfabetos, vieram do interior pros filhos estudarem e até hoje moram no interior, na beira do rio. (Prof2)

[...] Meus pais também não estudaram muito. Meu pai era pedreiro, estudou só até a 4ª série e minha mãe, dona-de-casa. (Prof4).

- (ii) Os professores relatam o incentivo de familiares para ingressarem nos estudos, bem como aconteceu com todo o incentivo impetrado pelo pai do pesquisador, desde os tempos de zona rural.

[...] Mas a minha mãe fez esse sacrifício. Com relação a isso, eu sempre tive ciência que eu tinha que honrar isso de alguma forma. (Prof2).

[...] E também eu agradeço também ao meu pai porque eu lembro que, na minha casa, todos nós, filhos, tinha tipo uma estante de livros, que eu creio, na época, nenhuma biblioteca do município tinha a quantidade de livros, que na minha casa tinha. (Prof3).

⁵⁸ Trata-se da música Monstro Invisível, do álbum Sete Vezes, lançado em 2008 pela banda O Rappa, cuja composição é de Marcelo Falcão, Lauro Farias, Marcelo Lobato e Alexandre Menezes (Xandão).

⁵⁹ A Educação Básica refere-se aos Ensinos Fundamental (Antigo Ginásio e 1º grau) e Médio (Acadêmico, Científico ou Profissionalizante)

- (iii) Antes de adentrarem no IFAM *campus* Lábrea, através de concurso público, pesquisador e professores, vivenciaram experiências no setor privado e em outras esferas do serviço público: Municipal ou Estadual.

[...] Me deparei com 42 alunos numa turma de 6º ano, numa Escola Municipal, no dia 1º de outubro de 2008. [...] Eu dei aula na Universidade, no cursinho de Inglês que foi onde eu aprendi a gostar de dar aula de Inglês. [...] (Prof1)

[...] Comecei a trabalhar e era aluno de 1ª a 4ª série. [...] Eles tinham sete anos. Era 1ª série. [...] Era uma escola também da rede municipal, num bairro de periferia de Manaus. [...] Depois, com a necessidade de dobrar carga, ganhar mais, porque o salário era pouco, eu acabei dobrando carga também na Prefeitura e passei a trabalhar num bairro mais pobre ainda, onde a escola era alugada. Passei também pelo SEDUC, passando pelo Ensino do Segundo Segmento, de 5º ao 8º ano, de 6º ao 9º ano agora [...] Eu tive experiências em dar aula no PARFOR em Coari, em Benjamim Constant, tive que dar aula de Latim pra turmas de Indígenas [...]. (Prof2)

[...] Antes de terminar o meu Quarto Adicional, fui chamado pra trabalhar aqui no município, já com alunos de Ensino Médio. [...] Fui chamado pela Universidade do Estado do Amazonas, a UEA, pra ministrar, trabalhar, como professor na Instituição. Então passei três anos e meio na instituição. 2010, [...] como Professor-Assistente da UEA [em Boca do Acre-AM]. (Prof3)

[...] Então eu comecei a trabalhar como Técnico. Passei por diversas empresas. Já fui auxiliar de Informática; Analista de Suporte; Analista de Redes; Analista de Segurança, enfim, então até chegar na faculdade. Lá foi meu primeiro contato com sala de aula porque eu já gostava da área e eu gostava também de assessorar os colegas.[...] Professor eu comecei depois do SENAI, lá na minha cidade [Itabuna] em cursos técnicos. Fui professor de Redes por um período de cerca de três anos e depois eu fui dar aula também no Superior da Faculdade lá e numa particular da minha cidade. [...] (Prof4)

[...] Ao terminar a faculdade voltei pra minha cidade [Lábrea], continuei a trabalhar dentro de escritório. Trabalhando com meu pai, depois consegui uma vaga na Prefeitura. Fui trabalhar na Secretaria de Educação - Assistente Administrativo. [...] Então eu lembro que a primeira vez que eu aceitei o desafio de conduzir uma turma foi em 2009, quando eu me tornei tutor da Universidade Aberta do Brasil [UAB] e a partir daí esse meu contato com a construção do conhecimento [...]. (Prof5)

- (iv) Dentro das especificidades de cada um, foram apresentados trabalhos relacionados à autoria e pesquisa (sejam produções técnicas, pesquisas, projetos, relatórios, trabalhos acadêmicos, publicações), manifestando, inclusive, o interesse de seguir atuando como autor e/ou professor-pesquisador.

- (v) Acerca de Programas Stricto Sensu (Mestrado, como referência) a exemplo do pesquisador, que se deslocou de Lábrea-AM para cursar este Mestrado em Ensino Tecnológico em Manaus-AM, os professores, para essa titulação, também tiveram que se deslocar para outras cidades, a fim de realizar tais cursos, percorrendo alguns, inclusive, acerca das distâncias enfrentadas e dificuldades relacionadas:

[...] Fiz o Mestrado em Letras. Também dentro da Linguística, pela Universidade do Amazonas [em Manaus]. (Prof.2)

[...] OProfMAT [...] eu fiz no Acre e tinha que ir todas as semanas. Todas as semanas andar [ia de carro], cerca de 1000 quilômetros pra chegar em Rio Branco [capital do Acre]. Então todas as quintas eu saía daqui de Lábrea, pra amanhecer na sexta-feira em Rio Branco, estudar lá, porque as aulas eram sexta-feira e retornar naquele mesmo dia, porque as aulas terminavam 10 horas da noite, no horário local e 15, 20 minutos, às vezes até meia-hora pra sair da sala de aula, porque tinha que pegar o ônibus, retornando. Então, foi complicado pra mim porque praticamente não tinha tempo pra estudar. Quando chegava aqui em Lábrea já era pra trabalhar novamente. Trabalhava de segunda até quinta-feira, pela manhã, e quando eu já saía daqui já era na correria pra mim retornar pra fazer a viagem novamente. (Prof3)

[...] O Mestrado foi meio complexo, assim como o do (...), que também fazia noutra cidade, eu também sou do interior da Bahia, ali de Itabuna, fica ao lado de Ilhéus. E o Mestrado era em Salvador. Só que como eu trabalhava em empresa privada eu tive esse privilégio deles me liberarem. Tinha dois dias que eu podia ir no Mestrado. Toda semana, que o meu era acadêmico. Então, eu também trabalhava de segunda, terça a quarta. Quarta a noite eu viajava, tinha aula na quinta e na sexta. Então eu não conseguia dormir em ônibus também. Era complexo lá porque eram 7, 8 horas de viagem. Eu saía a noite da minha cidade, chegava lá em Salvador, na manhã, e já tinha aula o dia inteiro e no dia seguinte também. (Prof4)

A partir desses relatos, é possível perceber a importância que tais professores tem (tiveram) com sua formação continuada, estando, pois, dispostos ao sacrifício de cunho pessoal e até familiar, para obter o aperfeiçoamento e desenvolvimento acadêmico-profissional tão necessário para a melhoria do ensino e para a (re)formulação de práticas pedagógicas.

Como complemento a este trabalho, seguem as devidas CONSIDERAÇÕES PARA O NAVEGAR EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS, seção na qual são destacadas as avaliações que os professores fizeram da atividade; a importância do aprofundamento à temática como viés à sua implementação no trabalho diário destes profissionais; as retomadas aos capítulos anteriores; a incompletude que toda pesquisa traz consigo além do direcionamento ao produto da pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES PARA UM NAVEGAR EM ÁGUAS MAIS PROFUNDAS

[...] Relatar, descrever, informar, comentar, explicar, analisar, discutir, opinar e manifestar tudo o que se achar por bem, por escrito, possibilita o exercício da necessária expressão. E da generosidade. E do compromisso. Não só com o outro, mas também conosco. Com o outro porque é uma forma de compartilhar. E conosco porque a escrita permite a cada um de nós se conhecer melhor e se dar a conhecer aos outros. (SOLIGO; PRADO, 2007, p. 24).

A formação de professores é um tema recorrente entre educadores, dadas às suas especificidades e exigências. Debates, trabalhos acadêmicos e uma variedade de estudos realizados não foram suficientes para esgotar o quanto ainda temos por discutir, debater e propor. Quando a modalidade em evidência é a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), os desafios são ainda maiores, na proporção em que esta não deve ter como fim apenas a transmissão de conhecimentos ou conteúdos acerca de habilidades técnicas e/ou à capacidade de executar determinadas tarefas.

Faz-se necessário abordar a importância de uma formação profissional ampla, que não objetive apenas a preparação para o mercado de trabalho, mas para a construção de uma sociedade mais humana, de participação política e social efetiva, que contribua de forma significativa para a vivência com equilíbrio nos mais diversos campos da vida, inclusive. Mais evidente se torna essa necessidade, se considerarmos os fatores estabelecidos por Durães (2009, p. 168-169):

[...] formar para a cidadania, [...] adquirir competências necessárias para a atual competitividade do mundo do trabalho, para saber viver em sociedade, para saber viver em família, para buscar uma sociedade justa e se posicionar diante dos acontecimentos econômicos, políticos, sociais e tecnológicos, desenvolver o bom relacionamento interpessoal, a criatividade e o debate acerca de questões éticas, também devem ser valorizados.

O professor deve assumir atitude crítica e reflexiva orientada também para a responsabilidade social. Com isso, fomentamos uma formação inicial sólida e uma continuada com propriedade, pois “[...] os que participam da formação devem beneficiar-se de uma formação de qualidade que seja adequada a suas necessidades profissionais em contextos sociais e profissionais em evolução e que repercuta na qualidade do ensino” (IMBERNÓN, 2006, p. 98).

Para contribuir com a (complexa temática) de formação de professores, nossa pesquisa objetiva contribuir com o IFAM *campus* Lábrea (narrando os percursos de autoria de professores da instituição, evidenciando episódios de suas histórias de professor e quanto ao como se veem sendo professores no IFAM, em Lábrea), no sentido de investir na autoformação, oportunidade na qual

[...] os fatos narrados mostram que vida e profissão estão imbricados e demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para a compreensão de suas experiências formativas. Vida, profissão e narrativa estão, pois, entrelaçadas e articulam-se através do conhecimento que cada um constrói sobre si mesmo enquanto autor e ator, investindo em sua interioridade e conhecimento de si e estimulando questionamentos sobre suas identidades, reveladas nas escritas do eu (SOUZA, 2011, p. 213).

E por saber que não é possível narrar o percurso de autoria de outrem sem antes nos debruçarmos no nosso próprio percurso, na nossa própria história é que ali tratei do meu percurso de autoria e cujas reflexões realizadas nos primeiros capítulos deste texto, foram marcantes para evidenciar o meu sentimento de professor-pesquisador, haja vista que toda a minha trajetória acadêmico-profissional retrata a relação escola-pesquisa e o imensurável desejo de, no ambiente de trabalho, buscar mecanismos para ressignificar práticas (pedagógicas ou institucionais), objetivando a constituição de novos conhecimentos e contribuir tanto para o desenvolvimento pessoal e profissional, quanto para o institucional, a partir da resolução de uma problematização ali existente.

Senão vejamos. No primeiro capítulo, essa afirmação ganha sentido, ao expor, que minha trajetória é iniciada na zona rural do município de Lábrea-AM, quando aos 3 – 4 anos de idade, acompanhava as aulas que meu pai ministrava como professor rural na comunidade em que morávamos, oportunidade na qual tive os primeiros contatos com os livros e consequentemente, com a docência, dada a sua dedicação [do meu pai] ao ensinar os adolescentes e jovens das comunidade circunvizinhas. Tão logo encerra-se o seu contrato de professor, nos mudamos para a cidade.

Ele tinha, dentre outros objetivos, possibilitar escola para os filhos, para que tivéssemos [meus irmãos e eu] um futuro de prosperidade, através dos estudos. De forma que ao chegar à escola da cidade, já conhecia números, vogais, algumas consoantes, etc, o que não foi suficiente para minimizar as dificuldades para

integração ao ambiente escolar urbano. Conclui o Ensino Fundamental (1º grau, à época) na Escola Estadual Santo Agostinho, Colégio Marista, que era tido com a melhor escola da cidade. Nesta, aconteceu o *start* definitivo da paixão pela leitura e pela escrita, dada a dedicação de vários professores e incentivo para a escrita dos meus primeiros textos de gêneros variados: poemas/poesias, redações, artigos de opinião, breves roteiros de peças teatrais, etc.

Com o objetivo de me tornar oficialmente professor, conclui o curso de Magistério (1ª a 4ª série), o que me proporcionou conhecer a Estrutura do ensino no Brasil, as disciplinas tradicionais, as diversas Didáticas para o Ensino, etc, sendo que a experiência inicial veio com a realização do Estágio Supervisionado em três escolas e séries diferentes, nas quais tive uma panorâmica diversificada da situação do ensino na cidade. O Magistério me possibilitou ainda a continuidade da escrita de textos mais consistentes: peças teatrais, roteiros (de debates, reuniões, encontros formativos), poemas, participação em concursos de poesia e de paródias, além da criação de uma coletânea para Feira Literária.

No segundo capítulo, porém, narro episódios para além do percurso inicial, elencando informações sobre trajetória profissional e formação Inicial e Continuada, abordados da seguinte maneira.

Quando cursava o segundo ano de Magistério, surgiu a primeira oportunidade de emprego. Substituir meu professor de Informática, atuando no ensino de Informática Básica, o que ocorreu durante todo o ano de 1997. No ano seguinte, o último de Magistério, fui convidado a atuar como professor de Informática no Centro Esperança – Prelazia de Lábrea, onde permaneci por quase cinco anos, período em que cresci muito pessoal e profissionalmente e a relação estabelecida com alunos me fez concluir que a minha missão era mesmo o ensino, por criar, pesquisar e encontrar mecanismos para que os alunos aprendessem tudo aquilo que seria importante para suas vidas, não apenas com relação ao domínio da máquina, mas principalmente para a construção da cidadania.

Porém, era momento de seguir outros caminhos profissionais e decidi navegar rumo ao serviço público. Perpassei, através de concurso público, pelas três esferas de governo: Escola Municipal Francisca Gomes Mendes, Escola Estadual Educandário Santa Rita e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM *campus* Lábrea. Nessas escolas, atuei basicamente na Secretaria Escolar, o que me fazia acompanhar o trabalho dos professores e o

contato com os alunos. Mesmo na condição de servidor técnico-administrativo me sentia professor, pela colaboração, cooperação aos professores e contribuição aos seus trabalhos. Mantive, ademais, a intencionalidade da escrita, inclusive, no IFAM *campus* Lábrea, tive um texto publicado na obra “Do Coração da Selva” (2015).

Paralelo às funções no serviço público, intensifiquei o objetivo de continuar buscando conhecimento, concluindo curso técnico, graduação e pós-graduação, o que permitiu minha iniciação no mundo da pesquisa. Em que, não bastava simplesmente o enxergar-se professor, era momento de ampliar o conhecimento, sentindo-me e enxergando-me além de professor, também, pesquisador.

Meu projeto final no Curso Técnico em Informática foi intitulado “Informática na Educação: Analfabetismo digital na faixa etária de 30 a 50 anos no município de Lábrea”, que tinha como objetivo investigar a situação desse público, quanto à utilização de computadores e, a partir dos resultados obtidos, apresentar como proposição a criação de um “Centro Itinerante de Ensino de Informática”, a ser instalado nos bairros, por determinado período. E após conclusão daquela turma, o laboratório se deslocaria a outra, até que se formassem adultos dessa faixa etária, em todas as comunidades da cidade. A instituição ofertante foi o CETAM – Centro de Educação Tecnológica do Amazonas e o ano de conclusão, 2007.

Na Graduação, o curso realizado foi Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA), concluído em 2010, e a pesquisa fez referência à implementação de um de um Software de Acompanhamento de Frequência Escolar, chamado SISFREQ, utilizado para cadastro de turmas e alunos, registro de entrada e saída dos discentes e emissão de relatórios com informações referentes a: presenças, ausências e justificativas dos alunos, o que contribuiria de forma significativa para a Escola Estadual Educandário Santa Rita, com integralização dos dados em um único sistema, acarretando maior rapidez e confiabilidade nas informações repassadas aos Sistemas do Ministério da Educação, encerrando, portanto, a utilização de Carteirinhas com anotações manuais.

Em 2012, conclui Especialização em Gestão Pública Municipal, em que realizei estudo na Escola Estadual Professora Balbina Mestrinho, com alunos e professores da 1ª série do Ensino Médio, com o diretor da escola, além de secretários da gestão municipal para compreender: a motivação dos alunos para os estudos e os problemas por eles enfrentados para se manterem na escola,

objetivando a criação de um projeto que contemplasse a relação Trabalho, Renda e Educação, o que, após conclusão, intitulamos: “Políticas públicas para a juventude labrense: o Projeto Estágio Legal como alternativa para a qualificação e inclusão do jovem no mercado de trabalho”.

Essa pesquisa culminou com a implementação do Projeto Estágio Legal, que consistia na criação de 30 (trinta) vagas de estágio no serviço público municipal, com bolsa-auxílio, auxílio-transporte e demais benefícios estabelecidos pela Lei nº 11.788/2008, obedecidos os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os estudantes seriam selecionados de acordo com a média das notas obtidas durante o Ensino Fundamental e realizariam, no estágio, atividades relacionadas a atendimento ao cidadão, protocolo, rotinas de escritório etc, devidamente acompanhados pela coordenação do projeto e orientados pelo Conselho Municipal de Educação e órgãos correlatos.

Era preciso avançar ainda mais... O ápice dessa trajetória, consubstanciada pela identificação do sentir-se professor-pesquisador e autor da minha própria história, fez-me ir mais além, a buscar um curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado), a fim de aperfeiçoar os conhecimentos relacionados à pesquisa, partilhar vivências e compartilhar experiências com outros pesquisadores, o que me fez ingressar neste Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico.

É importante (re)contar esse percurso porque quando narramos nossa história não queremos nos vangloriar de tais acontecimentos, queremos tão somente apresentar ao outro o caminho por nós vivenciado e experienciado, o que pode contribuir para que o outro não se resigne com a sua história ou que queira fazer da nossa a sua história, mas, na nossa história ele encontra subsídios para entender/contar também a sua e assim, colaboramos para a compreensão que o outro precisa fazer sobre si. Resumidamente é o dizer de Cifali (2001, p. 114), “[...] a singularidade da situação narrada pode atingir o geral, onde muitos se reconhecem”.

Nesse interim, essa atividade (a Roda de Conversa com os professores do IFAM, de Lábrea, explicitada no terceiro capítulo) conseguiu cumprir seu objetivo: reuniu professores, apresentou parâmetros, estabeleceu diálogo, partilhou vivências, compartilhou experiências e o mais importante: ouviu. Parou por um instante para ouvir o professor; para sentir e escutar atentamente o que eles tinham a dizer. E disseram muito. E muito foi o aprendizado. Muitas foram as conquistas.

No dizer de Cunha (2007, p. 69) está o resumo expandido de nossa Roda de Conversa, onde

[...] as lembranças e reminiscências mais significativas e representativas da nossa história pessoal, acadêmica e profissional se fazem importantes pela possibilidade que inauguram de darmos sentido à nossa trajetória e projetarmos uma direção ao que ainda pretendemos construir e experimentar como profissionais da educação.

E na avaliação destes professores à atividade realizada, conforme excertos abaixo, se manifesta a nossa alegria ao perceber que este estudo cumpriu rigorosamente seus objetivos e que deseja continuar a ser um instrumento para o crescimento pessoal e profissional de cada autor/ator da educação; de cada leitor (independente da sua função ou profissão) que venha a ter acesso a este material (e desejamos que muitos o tenham!), possam se tornar autores de sua própria história e, a partir daí, construam um (novo) conhecimento porque “[...] todo saber só faz sentido no horizonte humano se puder nos realizar enquanto seres humanos em mutação” (GHEDIN; FRANCO, s/d, p. 3-4).

[...] A avaliação é uma coisa do ser humano, mas nós, como professores, temos a obrigatoriedade de avaliar a todo o tempo, mas ao mesmo tempo que [...] avaliar é teoricamente fácil, parar para se autoavaliar não é tão simples assim. Foi bom reviver esses momentos. Foi bom pensar de onde eu vim [...], aonde eu tô. Isso dar uma força pra você continuar buscando até onde você quer ir. [...] O trabalho é muito válido nesse sentido de resgatar a história da gente, do profissional e tudo mais. O lado pessoal e profissional, porque os dois estão entrelaçados de forma indissolúvel. [...] É um trabalho interessante, até pra gente fazer em sala de aula pros próprios alunos pensarem nas suas trajetórias também, mesmo que ainda seja bem menor, mas é sempre bom a gente lembrar de onde a gente vem, pensar aonde está, pra poder continuar até onde a gente vislumbra chegar. (Prof1)

[...] Eu avalio esse exercício, [...], como essencial pra vida da gente. Eu acho que eu tô num momento da minha vida, da minha trajetória acadêmica e profissional que é um momento divisor de águas. Eu preciso terminar minha tese. Eu tô num momento difícil e a gente se desmotiva no meio do caminho. [...] Até pra terminar [a tese] eu tô me sentindo um pouco desmotivado e relembrar a minha trajetória, que era esse o meu alvo principal me deu um gás maior pra terminar. [...] Além disso, conhecer a trajetória dos colegas, que a gente convive sempre, mas [...] nunca parou para ouvir essa trajetória. Eu acho que isso foi bem mais importante pra gente ver que não só a gente [que] tem as dificuldades. Nós passamos por dificuldades muito próximas, muito iguais. A nossa trajetória é um pouco parecida. Dar pra gente achar pontos de encontro. [...] Eu acho que esse exercício, pra mim, pra todos nós, foi fundamental. A minha avaliação é muito positiva. Vou levar isso pra minha vida e vou levar isso pra minha sala de aula, [...]. Eu acho que você fazer essa reflexão e fazer com que os alunos tenham essa reflexão da trajetória deles, talvez seja o que a gente precisa pra motivar os nossos alunos, que é um dos problemas que a gente tem maior, é o de motivação [...]. Fazer [...] eles lembrarem porque que eles estão aqui [...]. (Prof2)

[...] Agradecer por estar participando aqui, dessa Roda de Conversa, compartilhando com os colegas, sabendo também de suas trajetórias. Sabemos que não é tão fácil assim chegar aonde nós chegamos e sabemos que sempre vamos encontrar esses obstáculos pra que possamos conseguir almejar os nossos objetivos. E, espero [...] que esse trabalho venha futuramente a nos ajudar no nosso campus. A melhorar a nossa qualidade de ensino porque eu sou muito mais voltado pela questão do ensino. [...]. Que possamos ter uma Lábrea melhor na questão do ensino, até porque, se nossos alunos estão tendo um ensino melhor, com certeza, nós vamos ter mais na frente, melhores profissionais em todas as áreas. (Prof3)

[...] Foi muito gratificante parar um pouco para refletir sobre a nossa vida; a nossa trajetória porque, como já foi citado aqui, temos um trabalho árduo diário e que muitas vezes nos sufoca, que nós nos limitamos a um "Oi" durante o dia. [...] Eu mesmo não conhecia a trajetória deles e foi muito legal conhecer isso também; ver que por mais que tenhamos problemas na vida; quase todo mundo passou por isso também, e que também converge para um só lugar como aqui. [...] Me sinto realizado por tá aqui, em todos os sentidos e aspectos. Que essa pesquisa, [...] venha produzir para a Instituição só coisas boas; que venha a modificar aqui o raciocínio, os pensamentos, que possa a Educação ser refletida, que muitas vezes também se preocupamos mais com notas e com desempenho e rendimento dos alunos do que propriamente dito como isso é passado pra eles, como que é feito esse planejamento pedagógico e que isso venha a contribuir [...] Que o nosso convívio seja uma troca de experiências e que seja assim pra todo o sempre. (Prof4)

[...] Avaliar esse momento é algo muito especial porque, de fato, você refletir sobre a sua história faz com que você lembre de fatos que tornam você, quem você é. [...] É um momento importante, que eu acho que o nosso colega [Antonio Paulino dos Santos] foi feliz no momento de escolher o tema dele, porque refletir sobre sua história faz você ver que você não chegou aqui por acaso e que, mais ainda, você ainda pode construir algo maior e isso faz com que você relembre suas origens, relembre suas dificuldades e você construa mais uma vez um campo de força pra que você siga em frente. [...] Essa experiência vivida aqui, eu tenho certeza que vai mudar o meu posicionamento de hoje em diante, dentro da sala de aula, porque eu vou passar a considerar tudo aquilo que eu ouvi dos colegas, [...], no meu dia-a-dia também dentro da escola. Saber usar como uma motivação pra tornar o nosso dia-a-dia mais produtivo dentro da escola. (Prof.5)

Meditando sobre esses relatos, fiquei convencido de que narrar os percursos de autoria, retratando os episódios marcantes que tornaram esses professores autores/pesquisadores, contribuiu (e contribuirá) para que construam a escola tão desejada na contemporaneidade, partindo, logicamente, das necessárias mudanças (pessoais e profissionais), explicitadas pelo entrelaçamento das histórias narradas e experiências compartilhadas.

Portanto, “[...] se quisermos renovar a profissão e a formação docente, temos de dar visibilidade a práticas da escrita, que são também momentos de busca de sentidos para a profissão. Práticas de escrita com os professores e para os professores” (NÓVOA, 2001, p. 15). E aí repousa a questão da autoria como

contribuição à ressignificação de práticas pedagógicas, o que é iniciado a partir do autoconhecimento, da autoformação e autoreflexão; da memória à trajetória acadêmico-profissional e da escrita de si.

O que é caracterizado, inclusive, pelos episódios marcantes de seu percurso de autoria, cujos aspectos mais significativos foram articulados neste estudo, conforme relatado pelos professores e como desafio para cada um de nós, continuar a nos debruçar na temática da autoria (contando e (re)contando nossa história, escrevendo, produzindo, publicando e divulgando nossos escritos e experiências), pois ao “[...] produzir conhecimento criamos o mundo, criam-se os mundos, as interpretações, os significados, os sentidos e a própria existência de um modo de sermos” (GHEDIN; FRANCO, s/d, p. 6). E, parafraseando Celso Braga (2012, p. 36), manifestamos, finalmente, que “[...] Em cada canto, haja luz, haja esperança. Em cada sonho, haja novo amanhecer. Em cada passo, a beleza do caminho. Em cada luta, a vontade de crescer”.

Sabemos, pois, e reconhecemos a incompletude deste estudo, dado o reduzido número de trabalhos existentes sobre a temática, o que amplia a importância de estudos ao aporte teórico apresentado e outros e da motivação extrínseca voltada para a necessidade premente de debates, tendo em vista que precisamos estar em constante processo formativo, pois,

[...] No caminho que se faz no próprio caminhar, o caminheiro, mesmo sendo experiente e tendo maturidade intelectual, precisa ter a capacidade de ser humilde e assumir uma postura de quem precisa aprender a aprender com as novas empreitadas, considerando que cada caminho é uma construção descontínua e que exige atitudes de desprendimento e flexibilidade perante aos novos desafios, quanto ao como lidar com o que emergir nas circunstâncias inerentes ao próprio processo. Dessa forma, o caminho percorrido não se torna um fim, mas um meio para os outros percursos que ainda virão. O caminho não é, ele apenas está. (GONZAGA; ANIC, 2017, p. 14-15).

Nesse contexto, por ser o produto final de uma pesquisa de Mestrado Profissional o momento que possibilita que a inovação individual se transforme em inovação institucional (IMBERNÓN, 2006, p. 48 apud SANTOS, 2016, p. 118), apresentamos como tal uma proposta de (Per)curso sobre Autoria, a partir das vivências e experiências adquiridas nesse processo de pesquisa, o que será de grande valia para todo aquele que queira se enxergar autor da própria história.

O (Per)curso será de curta duração, contará com carga horária de 40 horas, intitulado “Enxergando-se autor da própria história” e terá como objetivo geral: compreender a importância do percurso de autoria para o ressignificar das práticas

pedagógicas, a partir da reflexão dos episódios marcantes [do professor], enxergando-se autor da própria história, cuja organização segue anexo a esta dissertação.

Finalizamos, portanto, reiterando que “[...] o mais importante mesmo não é chegar, mas permanecer navegando, fazendo do trajeto o destino e do destino um lugar imaginário que garante a essencialidade do processo investigativo, qual seja, a permanente busca” (GHEDIN; FRANCO, s/d, p. 2). E nesse processo, apreendi que “[...] Estamos o tempo todo diante de nós mesmos, nos procurando fora, quando o que mais buscamos se encontra dentro de nós e nas relações que estabelecemos com o mundo e com os outros” (idem, p.10).

Em suma, destacamos que percursos de autoria são os episódios marcantes ocorridos na vida pessoal, acadêmica e profissional da pessoa e, quando por elas refletidos repercutem para a resignificação de suas práticas (sejam pedagógicas ou não), possibilitando novos olhares (novas escritas) a determinadas formas de caminhar.

O que nos permite, finalmente, estabelecer que autor é todo aquele que se transforma em enunciador, através da singularidade da própria escrita, que dissemina o caráter histórico e social da sua condição, manifestando a coerência entre o vivido e o escrito, o que repercute na sua relação consigo, com o outro (leitor) e com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, M. L. M.; ABADE F. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.
- ALBUQUERQUE, F. M.; GALIAZZI, M. do C. A formação do professor em Rodas de Formação. **R. bras. Est. pedag. (Estudos – RBEP)**, Brasília, v. 92, n. 231, p.386-398, maio/ago, 2011.
- ALEIXO, J. (org). Memorial da luta pela Reserva Extrativista do Médio Purus em Lábrea-AM: **Registro da mobilização social, organização comunitária e conquista de cidadania na Amazônia**. Brasília: instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), 2011.
- ALMEIDA, W. A.; GONZAGA, A. M.. **Percursos de Autoria e Formação Docente**. 2017.
- ALVES, R. **A Alegria de ensinar**, 11.ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- AMARAL, A. L. Significados e contradições nos processos de formação de professores. In: DALBEN, A. I. L. F. (org). **Convergências no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- AMAZONAS, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFAM). **Planejamento Estratégico 2012-2017**. 1.ed. Manaus: Gráfica Moderna, 2013.
- ANDRÉ, M. E. D. A. et al. Tutoria Acadêmica no Mestrado Profissional: um aprendizado compartilhado. **Educação e Contemporaneidade (Revista da FAEBA)**, Salvador, v. 25, n. 47, p. 37-50, set./dez, 2016.
- ARAÚJO. W. P. Produção de conhecimentos na planície aluvial do Amazonas. In: MARMOZ, L.; FREITAS, M. C. S.; ARAÚJO, W. P. Educação e pauperização: **tradições, referências, aplicações**. Manaus: Editora Valer, 2014.
- ARENHALDT, R.; MARQUES, T. B. I. (org.). **Memórias e afetos na formação de professores**. Série: Cadernos PROEJA – Especialização – Rio Grande do Sul. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPEL, 2010.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BAKTHIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, R. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1984.
- BASTOS, J. A. A Educação Tecnológica: conceitos e perspectivas. In: **Tecnologia e Interação**. Curitiba, CEFET-PR, 1998, p. 11-30
- BAZZO, W. A.; BAZZO, J. L. S.; PEREIRA, L. T. V. **Conversando sobre a Educação Tecnológica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- BAZZO, W. A; COLOMBO, C. R. Educação tecnológica contextualizada, ferramenta essencial para o desenvolvimento social brasileiro. **Revista de Ensino de Engenharia – ABENGE**. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 9-16, 2001.

BORGES, M. C. R.; MOREIRA, F. F. O percurso da autoria. **Revista Linguagem em Dis(curso)**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 459-468, jan./jun, 2004.

BRAGA, C. **Estações**. Manaus: Reggo Edições, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.

_____. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências.

CARDOSO, A. H.; SANTOS, A. P.; SANTOS, E. P. **Políticas Públicas para a juventude labrense: O Estágio Legal como alternativa para a qualificação e inclusão do jovem no mercado de trabalho**. 2012. 23f. Artigo (Especialização) – Especialização em Gestão Pública Municipal. Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Lábrea-AM, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

CIFALI, M. Conduta clínica, formação e escrita. In: PERRENOUD, P. et al. (org.) **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU- Uberlândia: EDUFU, 2011.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Campanha da Fraternidade 2017: **Texto-Base. Brasília**, Edições CNBB. 2016.

CONNELLY, F. M.; CLADININ, D. J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: Larrosa, Jorge (org). **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 185-195, 1997.

CUNHA, R. B. As memórias nos clássicos e nossas clássicas memórias. In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

DURÃES, M. N. Educação Técnica e Educação Tecnológica: múltiplos significados no contexto da Educação Profissional. **Educação e Realidade**, v. 34, n. 3, p. 159-175, set./dez., 2009.

FERRARINI, S. A. **Vozes da Hiléia**. Belém: Falangola, 1981. p. 37-40; 96-97.

FERRARINI, S. A. Rio Purus: **História – Cultura – Ecologia**. São Paulo: FTD, 2009. p. 11

FLORES, V. Enunciação, singularidade e autoria. In: TFOUNI, L. V. (org.). **Múltiplas faces da autoria**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

FONSECA, C. C. **Os caminhos de autoria**. 2011. 112 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Portugal: Veja/Passagens, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FRISON, L. M. B. Narrativas de si: percurso de autoformação na prática docente. In: **XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP – Campinas – 2012**. Junqueira & Marins Editores. Livro 2. p. 002647 a 002657.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

_____. **Os agentes escolares e o computador no ensino**. Acesso. São Paulo, especial, p. 22-27, dez./1993.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Refletindo sobre pressupostos da pesquisa em Educação**. s/d. p. 1-17.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

_____. **O projeto na pesquisa fenomenológica**. Anais IV SIPEQ. ISBN 978-85-98623-04-7, s/d.

GONZAGA, A. M.; ANIC, C. C. **A Fenomenologia como pressuposto investigativo**. 2017.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista Escola de Enfermagem**. USP, v. 35, n. 2, p.115-121, jun. 2001.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

JOUTARD, P. Desafios à História Oral do Século XXI. Tradução de Paulo Martins Garchet. s/d. In: FERREIRA, M. M; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. **História Oral: Desafios para o século XXI**. Editora Fio Cruz: Rio de Janeiro, s/d.

KRAMER, S. **Leitura e escrita de professores: da prática de pesquisa à prática de formação**. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 7, p. 19 - 41, jan./abr. 1998.

LÁBREA, Instituto Federal do Amazonas – Campus. **PDI: Plano de Desenvolvimento Institucional 2014–2018_Campus Lábrea**.Lábrea, 2014.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, T. T. (Org) **O sujeito da educação**. Estudos foucaultianos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000 (Ciências sociais da educação). p. 35 – 86.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MACHADO, T. Os sete segredos do Rio Amazonas: **uma visão transpessoal**. Manaus: Reggo Edições, 2013.

MELO, F. **Quem me roubou de mim?**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2013.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**. v. 4, n. 2, p.31-39, 2014.

MELO, T. **Faz escuro mas eu canto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

MIRANDA, D. **O professor-pesquisador**. 2014. Disponível em: <http://educador.brasilecola.uol.com.br/orientacoes/professor-pesquisador.htm>
Acesso em: 06 abr. 2017.

MOREIRA, F. B. A. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**. n. 18. set./dez. 2001.

MORIM, Júlia. **Ribeirinhos**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:
<<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 09 out. 2015.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p.98-106, jan./jun. 2014.

NEVES, J. G. **Ribeirinhos, desenvolvimento e sustentabilidade possível**. 2008. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/socioambiental/ribeirinhos.asp>> Acesso em 07 out. 2015.

NÓVOA, A. **O futuro presente dos professores**: o novo milênio ainda demora muito tempo? Cianorte – PR, 2001 (mimeo).

_____. (org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Tradução de: Maria dos Anjos Caseiro; Manuel Figueiredo Ferreira. Porto - Portugal: Porto Editora, 2013.

ORLANDI, E. Nem escritor nem sujeito: apenas autor. In: **Discurso e leitura**. São Paulo / Campinas: Editora Cortez / Editora Unicamp, 1988. p. 75-82.

PÁDUA, E. M. M.; **Metodologia da Pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus, 1996.

PASSEGGI, M. da C. (Org.). Formação e pesquisa autobiográfica. In: SOUZA, E. C. (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PASSEGGI, M. da C. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re)construção identitária. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. In: **Anais eletrônicos da III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural**, julho de 2001.

PERRENOUD, P.; **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PINEAU, G. **A autorformação no decurso da vida**. s/d.

PINTO, M. G. C. S. M.; MIORNADO, T. M. Docência e Gênero: Histórias que ficam. In: OLIVEIRA, V. F. (Org.). **Imagens de professor: significação do trabalho docente**: Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000. (Coleção Educação).

POSSENTI, S. Indícios de autoria. **Perspectiva**. Florianópolis. v. 20, n. 01. p. 105-124, 2002.

_____. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. Coleção Língua[gem]; 32.

_____. Notas sobre a questão da autoria. **Matraga**. Rio de Janeiro. v. 20, n. 32. p. 239-250, jan./jun. 2013.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

PRADO, G. do V. T.; CUNHA, R. B; **Percursos de autoria: exercícios de pesquisa**. Campinas – SP: Editora Alínea, 2007.

PROJETO DE MESTRADO EM ENSINO TECNOLÓGICO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM). Manaus, AM, 2012. In: **Plataforma Sucupira**. Disponível em <<https://goo.gl/4PLv50>>

QUEIROZ, D. T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem da UERJ**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, abr./jun. 2007.

REIS, C. LOPES, C. M. **Dicionário da Narrativa**. São Paulo. Ática, 1988.

ROSA, M. da C. de C. (Nalu). A escrita dos professores: Instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica. In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

SANDÍN ESTEBAN, M.P. **Pesquisa Qualitativa em Educação: Fundamentos e tradições**. Tradução de Miguel Cabrera Porto Alegre, RS: AMGT Editora, 2010.

SANTOS, A. P. **Banco de Dados** - Inclusão de dados junto ao Sistema Presença, Sistema Educacenso e SIGEAM. 2010. 60f. Relatório da prática de Experiência (Graduação) – Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas. Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Lábrea-AM, 2010.

_____. Lábrea de progressos (e regressos) tantos!. In: CARVALHO, G. M. C. C.; LOPES, R. S. **Do coração da selva**. Lábrea: IFAM campus Lábrea, 2015, p. 28-30.

SANTOS, A. P.; CARDOSO, A. H.; SANTOS, E. P. Educação e cidadania: o Estágio Legal como alternativa para a qualificação e inclusão do jovem de Lábrea/AM no mercado de trabalho. In: **Revista Igapó**, vol. 10, nº 2, p. 106-119, 2016.

SANTOS, A. P.; NASCIMENTO, A. F. C.; LIMA, F. V. **Informática na Educação: Analfabetismo Digital na faixa etária de 30 a 50 anos no município de Lábrea**. 2007. 11f. Artigo (Curso Técnico) – Curso Técnico em Informática. Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) – Lábrea-AM, 2007.

SANTOS, A. S. **O ensino por meio da Literatura de Cordel**. 2016. 159 f. Dissertação (mestrado em Ensino Tecnológico) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – *campus* Manaus Centro, Manaus-AM, 2016.

SANTOS, G. M. (org). **Álbum Purus**. Manaus: Editora EDUA, 2011.

SEBE BOM MEIHY, J. C. **Manual da história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SENA, O. **Palavra, poder e ensino da língua**. 2.ed. Manaus: Editora Valer, 2001.

SILVA, A. C. G. **O seringal no município de Lábrea: O espaço vivido e a resistência de um tempo**. São Paulo: Scortecci, 2012.

SILVA, C. J. R. (Org.). **Institutos Federais, Lei 11.892/2008: Comentários e reflexões**. Natal: IFRN, 2009.

SILVA, P. P. **Retratos Sul-Amazônicos: Fragmentos da história do Rio Purus**. São Paulo: Scortecci, 2010.

SOUZA, E. B. **Educação & Aprendizagem: Frases que educam e Frases que ensinam**. São Paulo: Scortecci, 2007.

SOUZA, E. C. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Revista Educação**. Pesquisa (auto)biográfica, experiência e formação. Vol. 34, n.2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**. Dossiê: Interpretando o trabalho docente. Porto Alegre, n. 41, p.215-234, 1991.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2013.

VALENTE, J. A. Formação de profissionais na Área de Informática em Educação. In: VALENTE, J. A. (org.). **Computadores e conhecimento: repensando a Educação**. 2 ed. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1998.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação**. Roda & Registro – Desenvolvimento pessoal e profissional. In: SCOZ, B. (org.). **Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna**. Petrópolis: Vozes, pp. 13-23, 2004.

_____. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

ZABALZA, M. Diários de aula: **um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIBETTI, M. L. T. Escrita de professoras: Estratégia para formação e instrumento de valorização profissional. In: PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R (org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.